



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**  
**MESTRADO EM PSICOLOGIA**

**PAULO COELHO CASTELO BRANCO**

**A NOÇÃO DE ORGANISMO NO *FIERI* TEÓRICO DE CARL ROGERS: UMA  
INVESTIGAÇÃO EPISTEMOLÓGICA.**

**FORTALEZA**

**2010**

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

PAULO COELHO CASTELO BRANCO

A NOÇÃO DE ORGANISMO NO *FIERI* TEÓRICO DE CARL ROGERS: UMA  
INVESTIGAÇÃO EPISTEMOLÓGICA.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito para a obtenção do título de Mestre.

Área de concentração: Psicanálise, Práticas Clínicas e Epistemologias da Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Lincoln Laranjeira Barrocas.

FORTALEZA

2010

C345n Castelo Branco, Paulo Coelho.

A noção de organismo no *feri* teórico de Carl Rogers: uma investigação epistemológica. / Paulo Coelho Castelo Branco. – Fortaleza (CE), 2010.

164f.: il.; 31 cm.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Fortaleza (CE), 2010.

Orientação: Prof. Dr. Ricardo Lincoln Laranjeira Barrocas.

Inclui bibliografia.

1- ROGERS, CARL R.,1902-1987. 2- PSICOLOGIA HUMANÍSTICA. 3- PSICOLOGIA – EPISTEMOLÓGIA. 4-PSICOLOGIA – TENDÊNCIAS. 5- PSICOLOGIA CLÍNICA I- Barrocas, Ricardo Lincoln Laranjeira (Orient.). II- Universidade Federal do Ceará. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III- Título.

CDD: 150.1986

PAULO COELHO CASTELO BRANCO

A NOÇÃO DE ORGANISMO NO *FIERI* TEÓRICO DE CARL ROGERS: UMA  
INVESTIGAÇÃO EPISTEMOLÓGICA.

Dissertação submetida à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Psicologia,  
da Universidade Federal do Ceará, como requisito para a obtenção do título de Mestre.  
Área de concentração: PSICANÁLISE, PRÁTICAS CLÍNICAS E EPISTEMOLOGIA  
DAS PSICOLOGIAS.

Aprovada em 06/05/2010.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Ricardo Lincoln Laranjeira Barrocas (Orientador)  
Universidade Federal do Ceará - UFC

---

Prof. Francisco Silva Cavalcante Junior, Ph.D.  
Universidade Federal do Ceará - UFC

---

Prof. Dr. José Olinda Braga  
Universidade Federal do Ceará – UFC

---

Prof. Dr. Osterne Nonato Maia Filho  
Universidade Estadual do Ceará - UECE

Dedico este estudo a todos os que se comprometem com a vida e com a ciência.

## AGRADECIMENTOS

Esta dissertação representa a realização de um projeto pessoal e profissional, sem o qual não poderia ter sido concretizado se não fossem diversas condições que deram suporte e apoio.

Ao Professor Doutor Ricardo Lincoln Laranjeira Barrocas, por sua aguçada interlocução e erudição epistemológica, permitindo-nos pensar Carl Rogers por outras vias.

À CAPES, pelo apoio financeiro com a manutenção da bolsa de auxílio.

Ao Professor Francisco Silva Cavalcante Junior Ph.D., pelo aprendizado de “aprender a pesquisar”, e por suas ideias criativas e fomentadoras de autoria.

Aos professores Osterne Nonato Maia Filho e José Olinda Braga pela interlocução.

À Professora Márcia Alves Tassinari por suas contribuições teóricas e práticas.

À família do pesquisador, que lhe deu todo o apoio necessário para os seus estudos e formações. Em especial, sua esposa, Andréa Andrade B. Castelo Branco, pelo seu amor, cuidado, dedicação e interlocução.

Aos nossos amigos e companheiros de jornada: Yuri de Nóbrega Sales, André Feitosa de Sousa e Bruno Aboim Benevides. As contribuições de Ticiane Paiva de Vasconcelos, Ir. Delnise, Ir. Ana Maria e Marcília Simeão.

À Universidade Federal do Ceará e ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia somos gratos por nos possibilitar um lugar para desenvolver nossas ideias.

## RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo investigar, mediante uma perspectiva epistemológica, a noção de organismo no *fieri* teórico de Carl Rogers. Por *fieri* entende-se o devir ou o fato que faz uma ciência não ficar estagnada em suas concepções. Para realizar esta investigação foram: identificadas as fases do *fieri* teórico de Rogers; pesquisado o fato de como Rogers concebeu a noção de organismo; examinados os principais teóricos e influências que Rogers reconheceu a este respeito; verificadas as linhas epistemológicas gerais da noção de organismo em Rogers. Neste trabalho adotou-se uma abordagem epistemológica de pesquisa, inspirada no uso que Jean Piaget fez do método histórico que, segundo ele, consiste em determinar como procedeu à invenção de um conceito ou teoria, reconhecendo as ideias que a tornaram possível. O método utiliza-se de um sistema dedutivo do que foi levado a imaginar a criação da ideia de organismo em Rogers. Foram utilizados como fontes de pesquisa os textos escritos de Rogers e de suas influências. A seleção destes seguiu o critério de conter aspectos relativos à concepção organísmica de Rogers. Como resultado, ficou evidente que Rogers foi um pensador ligado às questões de sua época. Ele assimilou e elaborou, com suporte em sua experiência com essas influências, uma concepção organísmica que integrou as dimensões da personalidade (eu), sociedade (inter-relações) e natureza (cosmos). Em cada fase do seu pensamento, Rogers indicou as seguintes influências para essa concepção: (1) no aconselhamento não-diretivo o funcionalismo-pragmatismo dos Estados Unidos e a psicanálise neofreudiana de Rank, Horney e Sullivan; (2) na terapia centrada no cliente repetem-se as influências anteriores acrescidas do cientificismo estadunidense e sua Psicologia aplicada, a Psicologia da Gestalt, Kurt Lewin, a filosofia educacional, social e política estadunidense e os teóricos da personalidade; (3) na transição entre terapia centrada no cliente e abordagem centrada na pessoa - o impacto do conceito de experiência de Gendlin, as experiências com grupos, a atuação no campo da educação, as reflexões de perspectivas alternativas às ciências do comportamento e os estudos sobre organismo e auto-realização de Goldstein, Maslow, Angyal e alusões a Whyte; (4) na abordagem centrada na pessoa – se acresce aos estudos de organismo e auto-realização, as pesquisas de Szent-György, e a emergência do paradigma sistêmico e holístico de Capra, Prigogine e Maruyama. Considera-se que é possível traçar uma nova inelegibilidade de Rogers com base em noção de organismo. Por esta é possível pensar no avanço de uma abordagem cosmológica da pessoa que não se restringe somente à personalidade. Percebe-se que Rogers deu pistas de como desenvolver um solo científico para a abordagem centrada na pessoa, com arrisco paradigma emergente de ciência contemporânea.

Palavras-chave: Epistemologia. *Fieri*. Organismo. Tendência à regulação. Tendência à realização. Tendência Formativa.

## ABSTRACT

This master thesis proposes an epistemological inquiry within the concept of Organism as developed along the theoretical *fieri* of Carl Rogers. This *fieri* is hereby taken as representative of what to be made or to become in a science not arrested by its own previous conceptions. As to advance this research: it has been identified the phases among the theoretical *fieri* of Carl Rogers; the understanding of Rogers concerning the Organism as presented in each of his intellectual phases; considered the main theorists and academic influences Rogers recognized upon his own work; made explicit the broader epistemological frameworks which informed Rogers' understanding of Organism. This thesis has been inspired by the historical-method developed by Jean Piaget as an epistemological approach for scientific research which focus on recognizing the ideas that have supported the development of a concept or a theory. This methodology was based in a deductive formulation as for what may have grounded the notion of Organism as formulated in the original texts as well as from those who were theoretically influential on Rogers' system. Coming from a selection of those pieces of work explicitly referring to the concept of Organism, we may infer Rogers was profoundly part of this cultural moment. Not only restricted to assimilating and elaborating these diffused influences at his experience, his Organismic conceptualization turned possible the integration of different dimensions as such Personality (I/Me), Society (interrelations) and Nature (Cosmos). At each stage of his thought, Rogers indicated the following influences on the construction of that conception: (1) in non-directive counseling – the functionalism-pragmatism north american and new psychoanalysis of Rank, Horney and Sullivan; (2) in client-centered therapy – repeat the previous influences and increases scientism and its north american applied Psychology, Gestalt Psychology and Kurt Lewin, educacional, social and politic philosophies, and theorists of personality; (3) in transition from client-centered therapy and person-centered approach, the impact of the experiencing concept of Gendlin, experience with groups, the performance in education, reflections of alternative perspectives and behavioral sciences and studies on organism and self-actualization Goldstein, Maslow, Angyal and allusions to Whyte; (4) in person-centered approach, it adds to studies of organism and self-actualization, the research of Szent-Gyorgy and the emergency of Capra, Prigogine and Maruyama systemic paradigm and holistic. This present thesis led us to reveal a new intelligibility traced with Rogers' notion of Organism where emergency a cosmological approach for the person which does not restrain itself to the Personality. We understood Rogers was tracking his person-centered academic ground largely dependent on the new findings of the emergent contemporary science.

Keywords: Epistemology. *Fieri*. Organism. Regulatory Tendency. Actualizing Tendency. Formative Tendency.

## LISTA DE FIGURAS

1 A formação do eu ( <i>self</i> ) .....	43
2 As relações do organismo com a tendência à realização .....	44
3 As relações do organismo com a tendência formativa .....	66
4 Os três fluxos da Vida .....	67

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – As fases do <i>fieri</i> teórico de Rogers .....	26
Tabela 2 – As influências que exerceram impacto na concepção organísmica de Rogers.....	31

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	12
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	15
<b>1 NOVA INTELIGIBILIDADE PARA AS FASES DE CARL ROGERS</b> .....	21
<b>2 O MÉTODO HISTÓRICO-CRÍTICO COMO UMA LÓGICA EPISTÊMICA PARA SE PENSAR A NOÇÃO DE ORGANISMO</b> .....	28
2.1 O método da pesquisa .....	28
2.2 O método situado na pesquisa .....	30
<b>3 A NOÇÃO DE ORGANISMO NAS FASES DO <i>FIERI</i> TEÓRICO DE CARL ROGERS</b> .....	34
3.1 A noção de organismo na fase de aconselhamento não-diretivo .....	34
3.2 A noção de organismo na fase de terapia centrada no cliente .....	39
3.3 A noção de organismo na fase de transição entre a terapia centrada no cliente e a abordagem centrada na pessoa .....	47
3.4 A noção de organismo na fase de abordagem centrada na pessoa .....	63
<b>4 AS INFLUÊNCIAS QUE EXERCERAM IMPACTO NA CONCEPÇÃO ORGANÍSMICA DE ROGERS DURANTE A FASE DE ACONSELHAMENTO NÃO-DIRETIVO</b> .....	69
4.1 O funcionalismo dos Estados Unidos e as escolas de Chicago e Columbia .....	69
4.1.1 O que Rogers assimilou e elaborou do funcionalismo e do pragmatismo .....	75
4.2 O funcionalismo europeu e seu desdobramento na Psicanálise dos EUA .....	77
4.2.1 O que Rogers assimilou e elaborou de Rank e Horney .....	81
<b>5 AS INFLUÊNCIAS QUE EXERCERAM IMPACTO NA CONCEPÇÃO ORGANÍSMICA DE ROGERS DURANTE A FASE DE TERAPIA CENTRADA NO CLIENTE</b> .....	83
5.1 O contexto em que a Psicologia dos EUA se desenvolveu: o cientificismo desse país .....	83
5.1.1 A relação de Rogers com o cientificismo dos Estados Unidos .....	84
5.2 Os pontos de vista de Otto Rank, Karen Horney e Harry Sullivan em relação à terapia centrada no cliente .....	89
5.2.1 O que Rogers assimilou e elaborou de Otto Rank, Karen Horney	

e Harry Sullivan.....	93
5.3 As influências da filosofia educacional, social e política dos Estados Unidos em Rogers.....	95
5.4 A influência da Psicologia da <i>Gestalt</i> e Kurt Lewin.....	97
5.4.1 O que Rogers assimilou e elaborou da Psicologia da <i>Gestalt</i> e Kurt Lewin.....	100
5.5 As influências dos teóricos da personalidade em Rogers e o que ele assimilou e elaborou deles.....	102
<b>6 AS INFLUÊNCIAS QUE EXERCERAM IMPACTO NA CONCEPÇÃO ORGANÍSMICA DE ROGERS DURANTE A FASE DE TRANSIÇÃO ENTRE TERAPIA CENTRADA NO CLIENTE E ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA.....</b>	<b>106</b>
6.1 As contribuições de Eugene Gendlin.....	106
6.1.1 O que Rogers assimilou e elaborou de Gendlin.....	109
6.2 As influências dos trabalhos grupais e educacionais em Rogers e o seu impacto.....	110
6.3 As reflexões alternativas às ciências do comportamento e suas influências em Rogers.....	115
6.4 A influência dos estudos sobre organismo e tendência à realização em Rogers.....	119
6.4.1 O que Rogers assimilou e elaborou de Goldstein, Maslow e Angyal.....	125
<b>7 AS INFLUÊNCIAS QUE EXERCERAM IMPACTO NA CONCEPÇÃO ORGANÍSMICA DE ROGERS DURANTE A FASE DA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA.....</b>	<b>129</b>
7.1 A influência dos estudos sobre tendência à realização em Rogers e as contribuições do paradigma holístico e sistêmico para o seu pensamento.....	129
7.1.1 O que Rogers assimilou e elaborou das influências organísmicas e sistêmicas.....	135
<b>8 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES PARA SE AVANÇAR EM UMA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA PÓS-ROGERS.....</b>	<b>140</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>147</b>
<b>APÊNDICE A – Lista de estudos teóricos vinculados ao pensamento de Rogers.....</b>	<b>156</b>
<b>APÊNDICE B – Lista das referências dos estudos teóricos consultados.....</b>	<b>157</b>

## APRESENTAÇÃO

A motivação para este ensaio surgiu do meu interesse em relação à teoria e prática da abordagem de Carl Rogers no Brasil e no mundo. Desde os primeiros semestres na graduação em Psicologia, também me encantei com a área da epistemologia das psicologias, cultivando um interesse em descobrir, aprofundar e elucidar as questões epistemológicas que concernem à Psicologia. Assim, foi natural para mim a união de ambos os interesses numa tentativa de aprofundar o legado de Rogers sob um viés epistemológico.

Ressalto que a minha graduação ocorreu de 2003 a 2008, na Universidade de Fortaleza (UNIFOR), um centro acadêmico que se configurou como um dos poucos polos brasileiros que desenvolviam pesquisas utilizando a égide da Psicologia Humanista. Somente para citar, na pós-graduação em Psicologia, havia uma linha de pesquisa intitulada *Produção e Expressão Sociocultural da Subjetividade*, a qual continha em seu corpo docente os destacados e influentes professores doutores: Virginia Moreira (psicóloga humanista que utiliza uma perspectiva fenomenológica para trabalhar suas pesquisas em Rogers), Georges Daniel Janja Boris (psicólogo gestalt-terapeuta que utiliza os aportes fenomenológicos e existenciais em suas pesquisas), e Francisco Silva Cavalcante Júnior (psicólogo que utiliza uma orientação psicoeducativa e pragmatista para trabalhar questões humanistas em Rogers). Sob a coordenação dessas três pessoas, houve pesquisas que envolveram questões de psicopatologia crítica-cultural, psicoterapia, gênero, felicidade, psicoeducação, dentre outras.

Outros professores humanistas também compunham o currículo da graduação em Psicologia da UNIFOR, como: Anna Karynne Melo, Luíza Freitas, Ricardo Oliveira, Gisneide Everdosa, Magno Teófilo, Márcio Arthoni, Liliane Brandão.

Em um ambiente favorável a discussões na perspectiva humanista, me interessei pelo campo clínico da abordagem centrada na pessoa (ACP). Fiz uma formação com o Prof. Cavalcante Jr., adotei a ACP em minha prática de estágio clínico, escolar e organizacional, e aprofundei pesquisas pessoais e laboratoriais na Rede Lusófona de Estudos da Felicidade (RELUS), coordenada pelo Prof. Cavalcante Jr., o qual comportou os aportes humanistas rogerianos em seu arcabouço de investigações e intervenções extensivas (Projeto Florescer).

Nesse percurso, muitos foram os movimentos “centrados na pessoa” fora e dentro dos campos acadêmicos, como: a Casa do Ipê, a Confraria de Estudos Avançados de Rogers e

da Abordagem Centrada na Pessoa (CEARACP), Liga Maria Villa-Bôas de Estudos em Abordagem Centrada na Pessoa e a já mencionada RELUS. Neles perpasssei levando minhas ideias, colhendo outras, conciliando meus interesses epistemológicos com a abordagem de Rogers, apresentando trabalhos e publicando artigos sob esse viés. Logo, ao final de minha graduação, foi “natural” a predileção de buscar uma pós-graduação que me permitisse dar seguimento e aprofundamento aos estudos concernentes a Rogers e a sua epistemologia.

Com a saída do Prof. Cavalcante Jr. da UNIFOR, para a Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará (UFC), isso se tornou inviável, de modo que busquei em diversas universidades nacionais e estrangeiras um local propício para realizar minha intenção. Não precisando ir para muito longe, em 2008, me submeti à seleção da UFC e fui aceito sob a orientação do Professor Doutor Ricardo Lincoln Laranjeira Barrocas, professor adjunto da UFC e excelso epistemólogo<sup>1</sup> reconhecido no Ceará.

Graças ao aprendizado e à interlocução aguçada desse orientador aberto a novos desafios, pude desenvolver um acurado “olhar epistemológico” para as questões concernentes à Psicologia Humanista e Fenomenológica, Psicanálise freudiana e pós-freudiana, além de poder orientar um grupo de investigações epistemológicas em Carl Rogers, vinculado ao Ciclo de Pesquisas em Lógica e Epistemologia das Psicologias (CPLEP), sob a coordenação do Prof. Dr. Barrocas.

Destarte, fruto dessa estada na UFC, proponho uma pesquisa epistemológica de tema sugerido pelo Prof. Cavalcante Jr: o desenvolvimento da noção de *organismo* nas diversas fases do pensamento teórico de Carl Rogers. Considero e estabeleço que estas últimas são quatro<sup>2</sup>, sob a inspiração de Jean Piaget, seja no que ele atribui ao método histórico-crítico, seja no que entende por *fieri* científico, tento entender como a aludida noção evoluiu e até onde chegou.

Por *fieri* entendo o *devir*, o fato que faz uma ciência avançar e não ficar estagnada em suas concepções. Com efeito, no entendimento de Piaget (1978),

Qual é pois, este fato, uma vez que se sabe que a ciência evolui sem cessar? A progressão do método é tudo... Por conseguinte, o fato da ciência não pode ser

---

<sup>1</sup> Infelizmente é interessante notar uma “extinção” de epistemólogos no Brasil. Embora pesquisadores como Antônio Gomes Penna, Hilton Japiassu, William Barbosa Gomes, Noberto de Abreu e Silva, Luis Cláudio Figueiredo, Ricardo Lincoln L. Barrocas, dentre outros, ainda exerçam influências, poucos novos pesquisadores se interessam por essa área investigativa e desenvolvem trabalhos nela.

<sup>2</sup> As descrições de cada fase podem ser encontradas de forma sintética na “Tabela 1” desta dissertação.

compreendido senão como um *feri*. Apenas este *feri* é o fato. Todo ser (ou objeto) que a ciência tenta fixar deve-se dissolver de novo na corrente do vir a ser [devir]. É deste vir a ser [devir], e só dele, que se tem o direito de dizer em último lugar: ‘é (um fato). O que se pode e deve então procurar é a lei deste processo’. (p. 09).

Esta investigação pode se inserir no movimento brasileiro de retomada epistemológica dos fundamentos teóricos de Carl Rogers. Este movimento, surgido nos anos de RELUS, visa aos principais conceitos e aplicações de Rogers, bem como à assunção de uma abordagem centrada na pessoa concebida numa perspectiva organísmica referente às tendências realizadora e formativa (CAVALCANTE Jr.; SOUSA, 2008; CASTELO BRANCO, 2008; CASTELO BRANCO; CAVALCANTE Jr.; OLIVEIRA, 2008; CAVALCANTE Jr., 2008a, 2008b; CAVALCANTE Jr. et al., 2008; SOUSA, 2008; SALES, 2008; SOUSA; OLIVEIRA; SALES; CASTELO BRANCO, 2009; VASCONCELOS, 2009; SALES, 2010; SOUSA, 2010).

## INTRODUÇÃO

A noção de *organismo* foi fundamental para o desenvolvimento do pensamento psicológico dos EUA. De fato, este nasceu de um referencial epistemológico inspirado nas ciências biológicas, e se pautou por uma investigação sobre a relação funcional do organismo com o ambiente (HEIDBREder, 1981).

Tal referencial epistemológico constituiu uma tentativa de retirar a Psicologia do campo de discussões metafísicas, a fim de trazê-la para o terreno da ciência e da objetividade baseada e constituída por fatos (HEIDBREder, 1981). Em linhas gerais, a Psicologia ianque nasceu como

Um reflexo do interesse predominante pelas fórmulas mais amplas da biologia e, principalmente, das hipóteses evolucionistas, dentro de cuja amplitude majestosa hoje se inclui a história de todo o universo astral; em parte é um eco da mesma tendência filosófica que tem sido ouvida como *pragmatismo*, *humanismo* e até como *funcionalismo*. [...] não estou certo de que a psicologia funcional consiga muito mais ao anunciar uma aliança defensiva e ofensiva com o pragmatismo. De qualquer forma, sustento apenas que *os dois movimentos decorrem de motivação lógica semelhante, e para sua vitalidade e propagação, dependem de forças muito semelhantes.* (p.622, grifo nosso).

Essa leitura considera o *organismo* como o lugar onde acontecem todos os fenômenos humanos, desde neurológicos até os subjetivos e sociais. Essa psicologia se empenha em investigar a atividade mental como parte de uma corrente maior de forças biológicas que operam a toda hora. Assim, “seu interesse fundamental é verificar as relações entre a parte física e a parte mental do organismo”. (ANGELL, 1971[1907], p.625). Alguns dos desdobramentos dessas concepções podem ser vistos nas Psicologias Comportamental, Personalista e Humanista.

A Psicologia Humanista herdou o referencial organísmico aludido e o singularizou no campo da psicoterapia. Em linhas gerais, na Terceira Força em Psicologia assume-se a idéia de que a experiência e a consciência ocorrem no organismo, mediante a relação com o ambiente que é sentido e percebido (FRICK, 1975[1971]). Trata-se, então, de um monismo teórico que concerne ao organismo a possibilidade de articular a experiência e a consciência.

Em todas as investigações de ordem biológica, psicológica e social, as abordagens (“centrada na pessoa” e “existencial”) vinculadas à Psicologia Humanista conceberão com

diferentes especificidades os seus aportes desde uma perspectiva organísmica (MASLOW, 1968; ROGERS, 2001[1977]; MAY, 2000; FRICK, 1975[1971]). Pode-se, ainda, dizer o mesmo das abordagens que foram agregadas a essa visão psicológica, como, por exemplo, a “gestalt-terapia” (PERLS, 1977).

Não é de surpreender o fato que Carl Rogers tenha utilizado a noção de *organismo* como central para estabelecer cientificamente, quanto aos seus pressupostos psicoterapêuticos, algo passível de investigação. Esta concepção, todavia permaneceu pouco compreendida por muitos estudiosos, visto que ele, após sua aposentadoria em 1963, não se interessou mais em sistematizar sua perspectiva organísmica, mas continuou repensando-a, mediante uma orientação epistemológica mais profunda e implicada nas questões teóricas e políticas de sua época.

Fundamentado em uma teoria compreendida como uma relação entre o organismo (sua experiência e consciência) e os fluxos da auto-regulação, da tendência à realização e da tendência formativa, Rogers (1992[1951]; 2001[1977]; 1983a) elaborou uma perspectiva teórica e prática que integrou as dimensões da personalidade (eu), das relações humanas (coletivo) e das vinculações com outros sistemas de Vida (Natureza).

Investigar epistemologicamente a noção de organismo como suporte nas fases do *fieri* teórico de Rogers aponta para um modelo de compreensão do desenvolvimento das propostas desenvolvidas por ele ao longo de sua carreira.

Fizemos um levantamento bibliográfico<sup>3</sup> do que já foi produzido sobre este tema. Investigamos 30 trabalhos vinculados ao pensamento de Rogers, incluindo artigos, livros, capítulos de livros e dissertações, que tratam ou contêm os seguintes assuntos representativos para a pesquisa: *organismo*, *epistemologia* e *as fases do pensamento de Rogers*.

Como resultado, constatamos que seis trabalhos trataram da noção de *organismo*, mas sem considerá-la como o foco principal de sua discussão. Houve, ainda, quatro trabalhos que trataram de uma incursão epistemológica sobre outros aportes de Rogers e sete que investigaram suas fases teóricas. Constatamos também que: oito trabalhos aprofundaram outras noções rogerianas em suas implicações teórico-práticas; dois propuseram uma reconfiguração do pensamento rogeriano; e dois outros trataram de uma leitura ética da abordagem de Rogers. Somente um trabalho concerniu a uma reflexão epistemológica da

---

<sup>3</sup> Uma síntese dos dados obtidos de cada estudo selecionado, mediante o que foi possível identificar nas informações que explicitavam os assuntos escolhidos, pode ser encontrada no “Apêndice A” desta dissertação. As referências encontram-se no “Apêndice B”.

noção de organismo em Rogers. Apesar de os referidos trabalhos contribuírem com algumas informações necessárias, em nenhum deles foi tratada a noção de organismo, em relação às fases do *fieri* teórico de Rogers.

Assim, no que respeita à preocupação com uma perspectiva epistemológica da noção de organismo, mostramos: seja uma carência de estudos que abordem o desenvolvimento do pensamento de Rogers, seja a escassez de trabalhos que adotem um referencial epistemológico interno, aquele do *fieri* teórico.

Visto que essa temática parece ser ainda pouco investigada pelos estudiosos de Rogers, optamos, conseqüentemente, por investigá-la segundo uma hipótese sugerida por nosso orientador, Professor Doutor Ricardo L. L. Barrocas: *predomina em Rogers uma concepção de organismo oriunda do pragmatismo da psicologia funcionalista norte-americana. Ao longo de todo o fieri teórico de Rogers,, essa concepção foi acrescida de outras perspectivas teóricas e culminou numa posição organísmica que caracterizaria o que Maslow descreveu como Quarta Psicologia: aquela para onde se dirigiria a Terceira Força - a Psicologia Humanista.* Para Maslow (1968, p. 12), esta nova Psicologia é “mais elevada, trans-pessoal, trans-humana, centrada mais no cosmo do que nas necessidades e interesses humanos, indo além do humanismo, da identidade, da individuação<sup>4</sup> e quejandos”.

Pretendemos, pois, guiado pelo método histórico-crítico, investigar quais foram os principais autores e ideias que Rogers indicou como influência do seu pensamento, no que toca à concepção de organismo, ao longo das fases de seu *fieri* teórico. A questão que norteia a pesquisa é: *naquilo que Rogers assimilou e elaborou de cada uma das influências reconhecidas, houve ou não algum acréscimo que possibilitou o desenvolvimento de uma concepção mais elevada de organismo?*

Em termos de *relevância* para se pesquisar este tema, torna-se importante frisar que, na segunda metade da década de 2000, as ideias de uma retomada da ACP crescem no Brasil em fóruns, associações, institutos e discussões acadêmicas. Se de um lado esse novo crescimento se mostra promissor para o desenvolvimento de uma ACP brasileira, de outra parte apresenta confusões epistemológicas que precisam ser elucidadas.

Ainda que May (1988[1983]) reconheça a existência de “uma semelhança óbvia entre o existencialismo, em sua ênfase sobre a verdade como produto da ação, e as filosofias

---

<sup>4</sup> Individuação aqui se refere a uma tradução de *self-actualization* de Kurt Goldstein, também traduzido no português como *auto-realização*.

que se seguiram, tais como [...] o pragmatismo americano” (p. 59), ocorre em terras brasileiras uma predominância de reflexões sobre a ACP por um viés, quase que exclusivo, fenomenológico e existencial, que não atenta epistemologicamente para o *Zeitgeist* estadunidense no qual Rogers viveu (CASTELO BRANCO; CAVALCANTE Jr.; OLIVEIRA, 2008).

Este “exclusivismo”, entretanto, é uma premissa equivocada, porquanto, como aponta Moreira (2009a),

[...] ainda que se possa considerar Carl Rogers um mestre do pensamento compreensivo contemporâneo, *não é possível afirmar que ele faça parte da matriz compreensiva fenomenológica* [...] considerar toda a Psicologia Rogeriana como fenomenológica seria um *exagero* evidente, haja vista que Rogers adotou tal denominação tardia e *incidentalmente* e nunca tentou praticar, intencionalmente, uma abordagem fenomenológica [...] Afirmar que a fenomenologia influenciou a Abordagem Centrada na Pessoa é um *engano* (p. 09-10, grifo nosso).  
Quem sabe esse movimento aconteça, no Brasil, exatamente como uma tentativa de se livrar de acusações de tais abordagens<sup>5</sup> serem teorias alternativas e pouco sérias? (p.11, grifo nosso).

Ainda assim é evidente que a ACP se desenvolveu, no Brasil, pelo fato de um considerável número de psicólogos humanistas se apoiar na fenomenologia e no existencialismo, muito mais pela aproximação de suas práticas clínicas do que pelos seus fundamentos epistemológicos (GOTO, 2008; GIORGI, 1978).

Outra questão a ser ressaltada está em que nem todos os livros e artigos de Rogers se encontram disponíveis em português, além de que boa parte de suas obras não é mais editada no Brasil. Tal situação dificulta uma visão geral e processual de como o autor desenvolveu seu plano teórico-prático-metodológico, tornando confusa a distinção das fases desse desenvolvimento.

Segundo Barrocas (No prelo), “Percebemos, assim, que para os psicólogos humanistas, não foi sempre fácil a tarefa de discernir entre o que procedia dos pensadores europeus e aquilo de que dispunham como fundamentos epistemológicos nativos”. Ressaltamos, então, a necessidade de se realizar mais estudos e pesquisas que enfoquem as raízes epistemológicas, com apoio no que Rogers apontou como influência e possibilidade de desenvolvimento para sua abordagem. Salientamos, mais uma vez, o fato de que as pesquisas

---

<sup>5</sup> Este questionamento encontra-se no plural pelo fato de a autora se referir à gestalt-terapia e à abordagem centrada na pessoa.

nacionais pouco se preocupam em aprofundar a relação de Rogers com o contexto acadêmico e científico (*Zeitgeist*) de sua época.

Portanto, o que esta pesquisa aponta como relevante é que, em momento de retomada reflexiva da ACP brasileira, carecemos todos de um posicionamento epistemológico: temos de ir à própria fonte da ACP para compreendê-la em face das questões de sua época. Assim, poderemos resguardar os seus fundamentos, repensá-los e desenvolvê-los à luz das questões atuais.

A condução metodológica, mediante a qual se desenvolve esta investigação epistemológica, baseia-se no método histórico-crítico inspirado em Jean Piaget (1980, 1987). Expressamos que o método foi “inspirado por Piaget”, por esse ter sido advindo de filósofos da Ciência, como Bachelard, Koyré, Canguilhem e outros.

Apesar disso, Piaget (1978, 1980, 1987) utiliza o método histórico-crítico sob um trato voltado para o conhecimento interno da própria ciência, dado que para ele o que basicamente difere a *Filosofia* da *Ciência* é que a primeira ocupa-se em refletir as questões gerais do conhecimento em suas possibilidades, ao passo que a segunda examina um conhecimento, com base no seu próprio arcabouço, seguindo etapas para acumular raciocínios e estabelecer delimitações para torná-lo tratável e passivo de ser absorvido por outros saberes.

Para tanto, o conteúdo desta dissertação obedecerá à seguinte lógica:

- Capítulo 1 - faz um apurado sobre as fases do pensamento de Rogers e trata de indicar uma nova inteligibilidade para elas, com aparo na noção de organismo.
- Capítulo 2 - apresenta o percurso metodológico da pesquisa, a partir das contribuições do método histórico-crítico e de como ele se situa na pesquisa, de modo a organizar a investigação das influencias que exerceram impacto na concepção organísmica de Rogers.
- Capítulo 3 - demonstrando como a noção de organismo comparece em cada uma das fases do pensamento de Rogers, e suas fundamentações teóricas.
- Os capítulos 4, 5, 6 e 7 - tratam respectivamente dos dados analisados segundo o emprego do método em cada fase de Rogers. Em todos esses capítulos, são apresentados os autores a quem Rogers indica como fonte

de influência, para, em seguida, se analisar suas contribuições e, depois, discutir o que ele assimilou e elaborou delas.

- Capítulo 8 – encerra a pesquisa, refletindo sobre quais foram às perspectivas que ela abriu como vias de se pensar uma nova abordagem centrada na pessoa.

Assim, introduzido o âmbito em que a pesquisa irá se desenvolver, convidamos o leitor a imergir nas ideias norteadoras desta investigação como um novo caminho para se compreender o legado de Rogers.

## CAPÍTULO 1 – NOVA INTELIGIBILIDADE PARA AS FASES DE CARL ROGERS

Durante o desenvolvimento da elaboração teórica e prática de Carl Rogers, muitas foram as tentativas de sistematizar e dar uma inteligibilidade às suas fases e períodos de pensamento e desenvolvimento conceitual. Talvez a mais conhecida seja a elaborada, em 1970, em Hart e Tomlinson (apud SCHEFFER, 1986), a qual reflete a evolução da terapia centrada no cliente com suporte em três fases de Psicoterapia.

1. Não-diretiva (1940-1950) – caracteriza a busca do psicoterapeuta por ensinar uma atmosfera acolhedora e permissiva para que o cliente possa expor suas emoções e sentimentos com liberdade. É função do psicoterapeuta clarificar o que se passa no cliente, de modo que ele possa catalisar *insights* sobre sua situação, havendo um enfoque semântico do psicoterapeuta baseado nas respostas do cliente. Tem como obra principal o livro *Psicoterapia e Consulta Psicológica*, de 1942.
2. Reflexiva (1950-1960) – engloba o período de intensas pesquisas e teorizações que Rogers empreendeu para fundamentar sua perspectiva psicoterapêutica. O enfoque clínico com base em reflexões sobre as vivências emocionais e afetivas do cliente, bem como sua capacidade de expressá-las ao psicoterapeuta. Diferentemente da fase anterior, ocorre menor ênfase nas respostas de reiteração ao que o cliente fala de sua demanda. O livro principal desta fase é *Terapia Centrada no Cliente* (1951).
3. Experiencial<sup>6</sup> (1957-1970) – explicita o período em que a terapia centrada no cliente abrangeu maciçamente outros tipos de clientelas, como psicóticos. Em razão dos problemas de comunicação desse público, exigiu-se uma atitude compreensiva do psicoterapeuta, tornando-o mais ativo no processo clínico e na comunicação de seus sentimentos, percepções e emoções ao cliente. É marcado pela colaboração de Eugene Gendlin e pelo conceito de experiência (*experiencing*), o qual é útil para compreender

---

<sup>6</sup> Esta fase aparece em algumas traduções brasileiras como “Existencial”.

o significado interno que o cliente elabora de sua experiência direta e conhecida. Pela experiencição imediata do cliente, o psicoterapeuta se situa em que *continuum* ele está, para, então, elaborar intervenções clínicas. A obra que demarca esta fase é *Tornar-se Pessoa* (1961).

Ainda que essas fases tenham se limitado a pensar a terapia centrada no cliente no período em que Rogers estava vivo e continuava desenvolvendo sua abordagem, a contribuição de Hart e Tomlinson permanece como demarcação “clássica” e influente para muitos autores brasileiros nos dias atuais.

Como um dos marcos nacionais pioneiro para se pensar as fases de Rogers, assinalamos as contribuições de Cury (1987), o qual ressalta que, embora Hart e Tomlinson,

[...] incluam em suas classificações o período de Aconselhamento Não-Diretivo como parte da história da Terapia Centrada no Cliente, preferimos distingui-lo como anterior a ela, no sentido de caracterizar melhor o início dos trabalhos de Rogers como psicoterapeuta com uma proposta teórico-filosófica própria a partir da publicação da obra ‘Terapia Centrada no Cliente’. (p. 14).

Nessa distinção, Cury (1987, p. 22) observa que na fase de Psicoterapia Experiencial, a relação deixa de ser “centrada no cliente” para ser “bicentrada” ou “bipolar”, requerendo do psicoterapeuta uma atenção redobrada em seus sentimentos.

Anos mais tarde, Cury (1993) propõe a quarta fase decorrente da Experiencial. Trata-se da fase da *Psicoterapia Centrada na Pessoa*, que remonta ao ano de 1965 até os dias atuais, e enfatiza um redimensionamento das três atitudes facilitadoras em uma fenomenologia da relação como encontro de subjetividades num processo experiencial. Essa nova fase complementa a terceira, de Hart e Tomlinson (CURY, 1993), mas se distingue desta por contemplar as implicações que os trabalhos de grupo tiveram na psicoterapia, que continuou em evolução, não obstante Rogers ter deixado de atuar neste campo.

Seguindo o pensamento de Cury (1993), Moreira (2007), em trabalho que remonta ao seu doutorado em 1990, demarcou a idéia de que Rogers não teorizou a psicoterapia na fase experiencial definida em Hart e Tomlinson; todavia, tais aportes podem ser encontrados nos trabalhos de Gendlin. Por isso, a fase de Psicoterapia Centrada na Pessoa elaborada por Cury (1993) torna-se importante pelo fato de reaver a contribuição desse autor para a terapia centrada no cliente.

Nesse resgate, devemos ressaltar que houve um aprofundamento da fase da *Psicoterapia Centrada na Pessoa*, mediante os estudos de Messias (2001, 2007), ex-mestrando e doutorando de Cury, o qual elaborou estudos sobre o impacto do conceito de *experienciação* no legado de Rogers e Gendlin.

Retomando as considerações de Moreira (2007), ao se remeter aos aportes de Hart e Tomlinson, ela propõe a quarta fase intitulada *Coletiva*, que engloba o período de 1970 a 1985, e refere-se “[...] a atuação rogeriana pública e sua preocupação com os problemas humanos em uma perspectiva macroscópica”. (p.218).

Para Moreira (2007, p. 218), a proposta de pensar uma fase coletiva acontece em razão de um “vazio teórico” que compreende o período aludido, além do que, em uma análise fenomenológica de alguns atendimentos de Rogers, ela ressalta que as intervenções dele pouco evoluíram “no sentido de uma prática fenomenológica”.

Logo, Moreira (2007) alega que Rogers, ao trabalhar na esfera da coletividade grupal, permaneceu preso a um modelo de psicoterapia individual, tendo ele dificuldades para sair de uma concepção clínica de terapia centrada no cliente.

Outro autor que deu seguimento a uma reflexão sobre as fases de Rogers foi Holanda (1998). Ao citar as fases elaboradas em Hart e Tomlinson, ele também ressalta a existência de um vácuo compreendido no período de 1970 a 1987, ano da morte de Rogers. Numa tentativa de superação a isso, Holanda (1998), no entanto, propôs outra quarta fase, definida como *Inter-humana*. Nesta fase, Rogers se encaminha para um direcionamento mais fenomenológico, abandonando intelecções teóricas para se centrar na relação.

Ao contrário da fase *Coletiva* proposta por Moreira (2007), Holanda (1998) defende, inspirado em Buber, que a definição *Inter-humana* é mais adequada para se pensar uma quarta fase rogeriana, à medida que ela não suprime o elemento pessoal, individual e transcendental para priorizar o social na psicoterapia.

Em movimento mais recente, Castelo Branco, Cavalcante Jr. e Oliveira (2008), inspirados por Cury (1987; 1993), propõem a emergência de uma fase *Formativa*, na qual Rogers acrescenta o conceito de tendência formativa como o fundamento da abordagem centrada na pessoa. Nessa fase, concordam que o conceito “gendliniano” de *experienciação* fomentou a fase de Psicoterapia Experiencial, postulada em Hart e Tomlinson. Esse conceito, entretanto, pode ser repensado e ampliado como fonte de apropriação experiencial e organísmica da tendência formativa.

Radicado no Brasil desde 1984, Wood (2008a) elaborou um retrospecto que abrange 60 anos da carreira de Rogers. Para esse autor, o período de 1935 a 1965 compreende uma “abordagem centrada no cliente” descrita pelas seguintes características e obras (WOOD, 2008a, p. 18):

1. Ênfase nas atitudes do psicoterapeuta – *Psicoterapia e Consulta Psicológica* (1942);
2. Elaboração de métodos de psicoterapia – *Terapia Centrada no Cliente* (1951);
3. Enfoque nas experiências ou processos internos – *Tornar-se Pessoa* (1961).

Na concepção de Messias (2001), estes três itens correspondem às três fases elaboradas em Hart e Tomlinson, e, no que concerne a uma quarta fase para o pensamento rogeriano, Wood (2008a) concorda com o pensamento de Cury, porquanto,

Considerando os últimos trinta anos de aplicações da Abordagem Centrada na Pessoa em relação à psicoterapia, Cury (1993) propôs uma teoria do que poderia legitimamente pela primeira vez, ser chamado Terapia Centrada na Pessoa. Não é um mero malabarismo de nomes ou realinhamento dos princípios da Terapia Centrada no Cliente, mas uma nova perceptiva global. (WOOD, 2008a, p. 235-236).

Wood (2008a) diferencia-se, contudo, de todos os autores até então aludidos neste capítulo, por não permanecer restrito à psicoterapia como critério de inteligibilidade para pensar o desenvolvimento de Rogers. Para esse autor, o período de 1965 a 1995 abrange uma “abordagem centrada na pessoa”, que tem como características e obras (WOOD, 2008a, p. 18):

4. Trabalhos de facilitação de aprendizagem – *Liberdade para Aprender* (1969);
5. Relacionamentos interpessoais – *Grupos de Encontro* (1970); e
6. Processos sociais, formação e transformação da cultura – *Sobre o Poder Pessoal* (1977) e *Um Jeito de Ser* (1980).

Nesse retrospecto, Wood (2008a, p. 18) lembra que, enquanto a abordagem centrada no cliente se volta para um sistema de mudança de personalidade, respaldado por teorias e pesquisas bem documentadas, a abordagem centrada na pessoa direciona-se mais para as interações sociais e se concentra em um “aprender fazendo”. Ao contrário daquela, esta não possui a mesma documentação teórica e de pesquisas, porém centra-se mais no que emerge da experiência direta.

Após a morte de Rogers, destacamos o fato de Segrera (apud MOREIRA, 2009a) elucidar as diversas perspectivas que surgiram, o que atina para uma fase *pós-rogeriana* ocorrente de 1987 até hoje.

Destarte, desse panorama de autores que pensaram as fases e os períodos do desenvolvimento de Rogers, destacamos o fato de que nossa proposta de inteligibilidade sobre o pensamento desse autor se aproxima do esclarecimento de Wood (2008a), ao contemplar um percurso geral da contribuição de Rogers e não se pautar somente no campo da psicoterapia<sup>7</sup>. Frisamos que a nossa demarcação das fases de Rogers é balizada, sobretudo, pelo *fieri* que fez o pensamento dele avançar teoricamente em suas fundamentações.

Embora Cury (1987, 1993), Moreira (2007), Holanda (1998) e Wood (2008a) apontem para uma falta de sistematização e fundamentação teórica de Rogers durante um período que se inicia na década de 1960, acreditamos que ele continuou seguindo o programa de fundamentação e desenvolvimento de suas concepções, embora de forma menos explícita. Portanto, postulamos a idéia de que isso é passível de ser traçado por uma investigação epistemológica, desde que tomemos a noção de *organismo* como o elemento do *fieri* teórico rogeriano.

Em outras palavras, o que apresentaremos é outra inteligibilidade para o desenvolvimento do pensamento de Rogers da noção de organismo, baseada numa perspectiva epistemológica acerca das influências e ideias que ele assimilou e elaborou para constituir sua perspectiva organísmica, conforme já expresse, presente em todas as suas fundamentações teóricas.

Uma sistematização sintética encontra-se a seguir na Tabela 1<sup>8</sup>:

---

<sup>7</sup> Agradecemos a colaboração da Professora Márcia Alves Tassinari por nos chamar a atenção quanto a isso.

<sup>8</sup> Sua fonte é de elaboração própria, com base na literatura rogeriana.

Fase	Descrição
Aconselhamento não-diretivo	Esta fase corresponde ao período de 1928 a 1945. Sob a égide do “aconselhamento”, nesse período, Rogers restringia sua atuação e investigação ao campo metodológico e técnico de intervenção clínica em tratamento de crianças desajustadas ou desadaptadas. A noção de organismo já estava presente na obra de Rogers, porém de uma forma marginal a essas perspectivas de tratamento. Ressaltamos que Rogers concluiu Ph.D na <i>Universidade de Columbia</i> , um grande centro funcionalista; concepção esta que alimenta nesse momento sua visão de ciência.
Terapia Centrada no Cliente	Esta fase abrange o período de 1945 a 1964. Nessa estação prolongada, Rogers começa a deixar sua perspectiva de atuação e investigação anteriores. Aproxima-se, então, de outras teorias e pesquisas psicológicas para fundamentar sua nova abordagem: ele sai da dimensão do “aconselhamento” para adentrar a esfera da “psicoterapia”. Aqui Rogers parte da noção de organismo e de sua relação com a personalidade para pensar seu sistema psicoterapêutico e das relações humanas. A relação do organismo com a tendência à realização começa a se tornar um postulado fundamental ao final desta fase. Deve-se frisar que Rogers desenvolveu suas pesquisas na <i>Universidade de Chicago</i> , outro grande centro funcionalista, e depois na <i>Universidade de Wisconsin</i> . Nesse período, a concepção organísmica de Rogers ainda é alimentada pelo funcionalismo.
Transição entre Terapia Centrada no Cliente e Abordagem Centrada na Pessoa	Este período vai de 1964 a 1977. Após sua aposentadoria acadêmica, Rogers começa a trabalhar no <i>Instituto Ocidental de Ciências do Comportamento</i> e funda o <i>Centro de Estudos da Pessoa</i> . Trata-se de uma transição entre a Terapia Centrada no Cliente (TCC) e a Abordagem Centrada na Pessoa (ACP). Rogers se dedica a reflexões sobre a aprendizagem, a facilitação de grupos e a perspectivas alternativas às ciências do comportamento. Esta fase encerra-se em 1977, com a emergência da ACP como uma radicalização das bases políticas e coletivas implicadas na noção de organismo e na tendência à realização. São noções que radicalizam a justificativa de uma fundamentação das perspectivas grupais e das relações humanas.
Abordagem Centrada na Pessoa	Este período vai de 1977 a 1987. No <i>Centro de Estudos da Pessoa</i> , Rogers ampliou as implicações de sua abordagem, considerando-a não somente uma dimensão das relações inter-humanas, mas também um sistema complexo de vida que inclui dimensões não humanas. Nesta fase, é visível a transição de Rogers de uma perspectiva funcionalista para uma perspectiva sistêmica. Ele elucidou, pois, a relação do organismo com as noções de tendência formativa e tendência à realização como o eixo central da ACP como um jeito de ser que retificar a vida.

Tabela 1 – *As fases do fieri teórico de Rogers*

Destarte, reconhecemos que o desenvolvimento da noção de *organismo* em Rogers se vincula ao contexto do surgimento das suas concepções clínicas e de relações humanas. Desse modo, evidenciaremos como Rogers, ao longo dessas fases, recorre a um referencial organísmico, elaborando-o e desenvolvendo-o em fundamentações que justificam as aplicações do seu saber.

Cabe frisar que a nossa delimitação sobre fases de Rogers obedecem como critérios centrais o período apresentado na Tabela 1, os locais de trabalho por onde ele passou e as datas de publicações dos seus livros, artigos publicados em periódicos, textos transformados em capítulos de livro e entrevistas.

No que diz respeito a este último discernimento, partimos da crença de que houve em Rogers todo um amadurecimento que culminou na manifestação pública de suas ideias. É obvio que por inferências e aproximações podemos mapear algumas fontes seminais de sua concepção organísmica em fases anteriores à publicação de alguma obra, o que alude a um contexto anterior à fase explorada. Restringimo-nos, entretanto, à obra de acordo com a data de sua publicação.

## CAPÍTULO 2 – O MÉTODO HISTÓRICO-CRÍTICO COMO UMA LÓGICA EPISTÊMICA PARA SE INVESTIGAR A NOÇÃO DE ORGANISMO

### 2.1 O método da pesquisa

Discorreremos inicialmente sobre algo do método científico em geral para mais bem situar o de que se trata em nossa pesquisa e o aspecto histórico que lhe concerne. Segundo Carl Rogers (1989): “[...] não existe um método que seja melhor. A metodologia escolhida deve ser adequada à questão que se coloca” (p. 284, tradução nossa).

Destarte, encontramos em Jean Piaget esta concepção sobre um dos métodos com que se pode trabalhar epistemologicamente:

A história das ciências por si só, enquanto simples narrativa da sucessão das descobertas não interessa diretamente à epistemologia. O problema histórico-crítico é abordado em contrapartida, quando se é levado a utilizar a reconstituição histórica em vista de uma análise crítica [...] *o método histórico-crítico* consistirá em determinar como é que procederam, de fato, o inventor do princípio ou os autores que prepararam a sua descoberta: tratar-se-á, por exemplo, de reconstituir com precisão, a que tipo de experiências recorreram [...], que deduções daí tiraram, mas também e sobretudo segundo que sistema dedutivo ou interpretativo foram levados a imaginar essas experiências. (PIAGET, 1980, p. 95, grifo nosso).

O método histórico-crítico conduz “[...] a uma epistemologia específica do que poderia chamar-se o devir radical do conhecimento científico”. (PIAGET, 1980, p. 96). Ele requer que observemos não somente um conhecimento em si, mas também o que o vincula ao seu sujeito e a sua história. Atinar para isso implica investigar o conhecimento, suas heranças científicas e tradições culturais, e as circunstâncias que o atravessaram.

A pesquisa assim conduzida se ocupa também de investigar a ciência, do olhar interno dos seus autores. Tal perspectiva abrange conceitos, noções e teorias (PIAGET, 1980). Por “olhar interno” a uma ciência, entendemos o que

[...] consiste em pensar que não há história das ciências senão na medida em que nos colocamos no interior mesmo da obra científica para analisar as operações pelas quais ela procura satisfazer as normas específicas que permitem defini-la como ciência e não como técnica ou ideologia. (PENNNA, 1991, p. 26).

Ressaltamos, contudo, que isso não implica um “internalismo” científico total. Ainda que uma ciência tenha tido um desenvolvimento singular, suas idéias nascem em um contexto intelectual de uma época (*Zeitgeist*), que conduza seus frutos (SCHULTZ; SCHULTZ, 2007). De fato, para Piaget (1987), o conhecimento científico não toma elementos externos sem antes remontar aos seus elementos internos. A referência ao desenvolvimento do conhecimento científico compreende, pois, tanto o seu caráter *interno* (o que é elaborado como teoria), quanto o *externo* - seu aspecto sociocultural.

Esta pequena elucidação nos inspira quanto aos objetivos específicos que adotamos pela pesquisa:

- identificar as fases do *fieri* teórico de Carl Rogers;
- pesquisar, em cada uma destas fases, (1) como Rogers concebeu a noção de organismo; (2) os principais teóricos das influências que Rogers reconheceu a este respeito; e
- recriar as linhas epistemológicas gerais da noção de organismo no *fieri* teórico de Carl Rogers.

Bem assim nos inspira quanto ao objetivo geral, que é investigar, mediante uma perspectiva epistemológica, a noção de organismo no *fieri* teórico de Carl Rogers. Por isso, reiteramos a hipótese sugerida por nosso orientador, Professor Doutor Ricardo L. L. Barrocas: *predomina em Rogers uma concepção de organismo oriunda do pragmatismo da psicologia funcionalista norte-americana. Ao longo das quatro fases do fieri aludido, essa concepção foi acrescida de outras perspectivas teóricas e culminou numa posição organísmica que caracterizaria o que Maslow descreveu como Quarta Psicologia: aquela para onde se dirigiria a Terceira Força - a Psicologia Humanista.* Para Maslow (1968, p. 12), esta nova Psicologia é “mais elevada, trans-pessoal, trans-humana, centrada mais no cosmo do que nas necessidades e interesses humanos, indo além do humanismo, da identidade, da individuação<sup>9</sup> e quejandos.

---

<sup>9</sup> Lembramos, mais uma vez, que “individuação” aqui se refere a uma tradução de *self-actualization*, também traduzido como auto-realização.

## 2.2 O método situado na pesquisa

Com vistas a identificar que influências Rogers reconheceu quanto à noção de organismo, realizamos uma pesquisa bibliográfica que englobou:

- Os principais artigos, capítulos e livros teóricos de Rogers (1978a[1939], 2005[1942], 1992 [1951], 1977a[1959[1962]], 1997[1961], 1973[1968], 1975b[1969], 1977c[1969], 2002[1970], 1979[1972], 2001 [1977], 1977e, 1985[1983], 1983a, 1983b).
- As principais entrevistas de Rogers (EVANS, 1979[1975], FRICK, 1975).
- Os principais comentadores de Rogers (WOOD, 2008a; 2008b; TAMBARA; FREIRE, 2007; JUSTO, 2001).

Como resultado, sistematizamos as filiações teóricas e autores citados em Rogers, a seguir, na Tabela 2<sup>10</sup>.

---

<sup>10</sup> Fonte: elaboração própria com base na literatura rogeriana.

<b>Fases do <i>fieri</i> teórico de Rogers.</b>	Aconselhamento psicológico não-diretivo (1928-1945).	Terapia centrada no cliente (1945-1963).	Transição entre Terapia centrada no cliente e Abordagem centrada na pessoa (1963-1977).	Abordagem centrada na pessoa (1977-1987).
<b>Influências que exerceram impacto na concepção organísmica de Rogers.</b>	<p>Funcionalismo: John Dewey e Leta Stetter Hollingworth.</p> <p>-----</p> <p>Psicanálise de Otto Rank, e Karen Horney.</p>	<p>Psicanálise de Otto Rank, Karen Horney e Harry Sullivan.</p> <p>-----</p> <p>“Psicologia que se desenvolveu nos EUA”.</p> <p>-----</p> <p>“Cientificismo norte-americano”.</p> <p>-----</p> <p>Psicologia da Gestalt e Kurt Lewin.</p> <p>-----</p> <p>Filosofia educacional, social e política dos Estados Unidos.</p> <p>-----</p> <p>“As teorias da Personalidade desenvolvidas nos EUA”.</p>	<p>A elaboração do conceito de “experienciação” por Eugene Gendlin.</p> <p>-----</p> <p>“Atuação no campo da educação”.</p> <p>-----</p> <p>“Experiência com a facilitação de grupos”.</p> <p>-----</p> <p>“Reflexões alternativas às ciências do comportamento”.</p> <p>-----</p> <p>Estudos sobre tendência à realização e organismo: Andras Angyal, Abraham Maslow e Kurt Goldstein.</p>	<p>Estudos sobre tendência à realização e organismo: Andras Angyal, Abraham Maslow, Kurt Goldstein, Lancelot Whyte e Albert Szent-Gyorgy.</p> <p>-----</p> <p>Paradigma sistêmico e holístico de ciência: Fritjof Capra, Illya Prigogine e Magorah Maruyama.</p>

Tabela 2 – *As influências que exerceram impacto na concepção organísmica de Rogers*

Com suporte nesta sistematização, elaboramos uma lógica de investigação que adotou os seguintes procedimentos:

1. Dividimos as obras bibliográficas dos autores, referenciados por Carl Rogers, segundo a fase do *fieri* teórico que lhe concerne;
2. Em seguida, consultamos essas obras com fins de apreendermos que ideias influenciaram Rogers, isto é, aquelas que ele reconheceu quanto a sua noção de organismo. Esses dados foram coletados por meio de *consultas bibliográficas diretas* e, na impossibilidade disto, realizamos *consultas bibliográficas indiretas*, por meio de comentadores especializados; e
3. Verificamos o que Rogers assimilou e elaborou dessas ideias, de modo a refletir sobre quais acréscimos teóricos possibilitaram o desenvolvimento de sua posição organísmica.

Ressaltamos que a investigação dos procedimentos 1 e 2 foi vinculada aos seguintes conceitos, levantados desde uma pesquisa bibliográfica em livros de epistemologia (MARX; HILIX, 1976; FIGUEIREDO, 1991a, 1991b; SCHULTZ; SCHULTZ, 2007; HEIDBREder, 1981):

- No “Funcionalismo” estadunidense, no qual incluímos a “Psicologia que se desenvolveu nos EUA”, o “Cientificismo norte-americano” e a “Filosofia educacional, social e política norte-americana”, destacam-se os conceitos de organismo, ambiente, experiência, comportamento, intencionalidade, meta, auto-regulação, operações, adaptação, consciência, seleção, funções e adaptação;
- No funcionalismo europeu que chega aos EUA, no qual incluímos a “Psicanálise” neofreudiana de Rank, Horney e Sullivan, destacam-se os conceitos de organismo, consciência, eu (*self*), ajustamento, adaptação, potencialidade, impulso ou pulsão (*drive*), auto-realização, instinto, acúmulo e descarrego de energias, procura por situações ambientais adequadas, libertação de tensão, auto-realização e tendência à realização;
- Na “Psicologia da Gestalt e Kurt Lewin”, destacam-se os conceitos de organismo, experiência consciente, campo perceptual, organização perceptual, figura e fundo, *Gestalt* e comportamento molar;

- Nos “Teóricos da personalidade”, no qual incluímos os “Estudos sobre auto-realização e organismo”, destacam-se os conceitos de organismo, auto-realização, tendência à realização, comportamento, motivação, compreensão do desenvolvimento, sobrevivência e adaptação geral do organismo, interações sociais, funcionamento do eu (*self*) como o organizador que impõe coerência ao comportamento; e
- No “Paradigma sistêmico e holístico” (CAPRA, 2006[1982]), destacam-se os conceitos de organismo, sistema, rede, dinâmico, ecologia, holísmo, consciência, totalidade, integração, interação mútua do organismo com a matéria inanimada, ecossistemas e dimensões físicas, biológicas, culturais.

No que diz respeito a Eugene Gendlin, por este não comparecer aos livros pesquisados, optamos por destacar somente o seu conceito de “experenciação”. Pelo mesmo motivo, na fase de “transição entre terapia centrada no cliente e abordagem centrada na pessoa”, em que Rogers atuou na educação, facilitação de grupos e reflexões sobre as ciências do comportamento, optamos por frisar os conceitos de aprendizagem, ciência, comportamento e experiência.

Devemos evidenciar que, embora a distinção das fases tenha sido útil para delimitar onde as influências apontadas pelo autor se inserem, quando demos cabimento nos procedimentos metodológicos,

- Utilizamos textos de Rogers que em uma fase fizessem alusão às influências exercidas durante outra fase; e
- Na terceira etapa do procedimento metodológico, não nos limitamos a analisar e refletir sobre essas influências somente com base nos textos de Rogers do período investigado, pois consideramos que algumas influências foram apontadas numa fase, mas suas ideias foram explicitadas e mais bem trabalhadas em outras.

Foi, por conseguinte, com origem nessa lógica que pudemos retrair e repensar o desenvolvimento da noção de organismo no *fieri* teórico de Carl Rogers, além de recuperar e compreender perspectivas não tão claras para muitos “acpistas”.

## CAPÍTULO 3 – A NOÇÃO DE ORGANISMO NAS FASES DO *FIERI* TEÓRICO DE CARL ROGERS

### 3.1 A noção de organismo na fase do aconselhamento não-diretivo

Carl Rogers se tornou Ph.D. em Psicologia Clínica, em 1928, pelo *Teachers College* da Universidade de Columbia, um grande centro funcionalista que contou com a direção de John Dewey, de 1904 a 1930, e as pesquisas clínicas de Robert Woodworth e Leta Stetter Hollingworth. No mesmo ano ele foi contratado para ocupar um cargo de direção clínica no *Rochester Society for the Prevention of Cruelty to Children*, trabalhando como psicólogo clínico, conselheiro educacional e de questões familiares, por doze anos, com crianças consideradas desajustadas e desadaptadas.

Nesse período de trabalho, Rogers (1978a[1939]) escreveu o primeiro livro, *O tratamento Clínico da Criança Problema*, cujo objetivo era “[...] descrever e discutir as várias modalidades de tratamento empregadas de fato no trabalho clínico [...] na esperança de levar a uma melhor compreensão das técnicas de tratamento e uma consideração mais crítica de seu emprego”. (p.15).

Nessa obra, que marca um período de evolução da Psicologia Clínica estadunidense, Rogers (1978a[1939]) denuncia o movimento de busca da compreensão das causas e bases do comportamento, pois havia um pico de publicações acerca dos problemas de comportamento e uma escassez de publicações que enfocassem o tratamento desses problemas.

Rogers (1978a[1939]) aponta, também, a necessidade de se pesquisar o tratamento clínico. Ele salienta, no entanto, que o campo do tratamento (*treatment*) é algo obscuro na Psicologia, dado que existem diversos modos de tratamento, cada qual com sua especificidade, e nenhum deles definindo o que é o campo de tratamento e o seu conceito. Nessa problemática, Rogers (1978a[1939]) expõe que as diferenças das diversas modalidades estão em seus métodos e no emprego de técnicas.

Rogers (1978a[1939]) acrescenta:

[...] não nos preocupamos em perguntar qual escola de pensamento está representada em uma dada técnica, ou em saber se é um método empregado por um grupo de profissionais ou por outro. Ao invés disso, estaremos interessados nos resultados que o método pode propiciar às crianças, e no tipo de situações no qual pareça mais eficaz. (p. 28).

Mesmo sem focar teorias psicológicas ou psicoterapêuticas, Rogers (1978a[1939]) apresenta o comportamento humano como interação de vários fatores, na experiência do indivíduo, que afetam sua personalidade: hereditários, influências orgânicas (numa perspectiva de química corporal), família, influências socioculturais e *as necessidades do organismo*. É nessa perspectiva que podemos atentar para o aporte seminal da noção de organismo (ROGERS, 1978a[1939]).

Sobre o organismo, em relação aos demais fatores citados, Rogers (1978a[1939]) comenta que estes últimos

[...] não formam o quadro completo uma vez que o ser humano, como um organismo, tem certas necessidades que são vitais ao indivíduo. Os psicólogos diferem quanto à maneira como classificam esses desejos [impulsos] fundamentais. Para fins clínicos, entretanto, pode-se dizer que há duas grandes classes de necessidades. A primeira é a necessidade de resposta afetiva dos outros. Isso inclui a necessidade de reconhecimento, o desejo de afeto dos pais e de outro [...]. A segunda grande necessidade é a de conseguir, de obter satisfação para realização e pelo aumento de auto-estima. O indivíduo deve satisfazer a ambas necessidades, em níveis diferentes, obviamente, dependendo do estágio de crescimento e maturidade que tiver logrado. (p. 25).

Nesta lógica, Rogers começa a apresentar as principais perspectivas metodológicas de tratamento, porém, uma delas chama a atenção de nossa pesquisa. Trata-se da Terapia de Relacionamento ou Terapia Passiva de Otto Rank, que Rogers (1978a[1939]) descreve como um método eficaz para trabalhar com as emoções, cujo objetivo é “[...] propiciar aos pais [de crianças em tratamento] um grau mais elevado de integração e *auto-realização*”. (p. 181, grifo nosso).

Rogers (1978a[1939]), contudo, em crítica ao método rankiano, aponta para a existência de uma tendência para o crescimento e seu apuramento mediante uma perspectiva não-diretiva de orientação.

Entre os interessados pela terapia de relacionamento, não encontramos menção do grau ou margem de êxito, e é improvável que tal estudo venha a ser realizado. O julgamento final da eficácia desse tratamento será feito lenta e gradualmente por meios científicos. De fato, parece que seu maior valor está, não na porcentagem de casos assistidos, mas no *inovador ponto de vista de não interferência e confiança na própria tendência do indivíduo em direção ao crescimento* [...] dar alguma resposta

à questão de como se pode propiciar orientação e crescimento em pais cujas atitudes destrutivas são emocionalmente carregadas [...] são dificilmente atingidos por meio da técnica de orientação direta. (p. 182, grifo nosso).

Ao focar outros métodos clínicos, Rogers (1978a[1939]) chega à conclusão de que o campo da psicoterapia (*psychotherapy*) tem como objetivo “deixar as maiores responsabilidades nas mãos da criança, considerada um indivíduo crescendo no sentido de independência”. (p. 248). Para esse autor:

A segurança do terapeuta repousa inteiramente na sua capacidade [e] no impulso do indivíduo em direção a uma adaptação social satisfatória. Toda criança ou adolescente quer realizar coisas, quer ser amado, deseja crescer. É tarefa da psicoterapia liberar esses desejos normais e permitir que funcionem. *Uma parte de qualquer melhoria surge como resultado da liberação dessas necessidades elementares no sentido de crescimento e adaptação.* (p.249, grifo nosso).

Após o reconhecimento de seu trabalho com crianças, Rogers é contratado pela Universidade de Ohio para formar psicólogos na área de aconselhamento<sup>11</sup>. Na década de 1940, nos EUA, surgia um “[...] interesse constante crescente pelo indivíduo e sua adaptação [...] à guerra e a propaganda serviram para pôr em evidência a idéia fundamental da importância do indivíduo e do seu direito a uma adaptação satisfatória”. (ROGERS, 2005[1942], p. XV).

Com o foco na dinâmica da adaptação, o interesse das pesquisas acadêmicas se desloca do diagnóstico preciso para o desenvolvimento dos processos pelos quais o indivíduo pode ser ajudado, elaborando um domínio terapêutico efetivo para auxiliá-lo a se adaptar (ROGERS, 2005 [1942]).

Muitos profissionais passaram a adotar essa perspectiva - psicólogos, conselheiros pedagógicos, orientadores educacionais e chefes de relações empresariais. Todos esses profissionais trabalhando com indivíduos inadaptados, com dificuldades pessoais e sociais, fracassados e delinquentes.

É importante frisar que os EUA já contavam com uma psicologia própria a qual adotava um referencial funcionalista, enfocando a interação do organismo com o ambiente em suas dimensões adaptativas e de desenvolvimento (crescimento). Não é à toa o enfoque da

---

<sup>11</sup> *Counseling*. Traduzido para o português também como “consulta psicológica”.

adaptação do indivíduo às suas circunstâncias ambientais e de desenvolvimento em uma série de pesquisas sobre personalidade que adotam essa perspectiva<sup>12</sup>.

Nesse enfoque, Rogers (2005[1942]) deslocou sua atenção para uma nova visão do lugar da consulta psicológica (*counseling*), tornando-se pioneiro em investigações sobre esse campo até então inexplorado. Segundo ele,

Existem muitas designações que se podem aplicar a esses processos de entrevista. Podem designar-se através de uma expressão simples e descritiva como ‘entrevistas de tratamento’. Com muita frequência são chamadas de ‘consultas psicológicas’ (*counseling*), expressão a que se recorre cada vez mais, especialmente nos meios pedagógicos. Tais contatos, atendendo à sua finalidade curativa e recuperadora, podem designar-se como *psicoterapia*, termo mais frequentemente utilizado pelos assistentes sociais, psicólogos e psiquiatras clínicos [...] todas parecem utilizar o mesmo método base. (p. 03-04, grifo do autor).

E ressalta:

Houve uma tendência para empregar a expressão ‘consulta psicológica’ [counseling] mais para entrevistas acidentais e superficiais e reservar o termo ‘psicoterapia’ para os contatos mais intensivos e prolongados, orientados para uma reorganização mais profunda da personalidade. Embora possa haver algum fundamento para essa distinção, é evidente que uma consulta psicológica intensa e com êxito é impossível de se distinguir de uma psicoterapia intensa e com êxito. Por isso, empregaremos as duas expressões na acepção corrente que têm entre os pesquisadores neste campo. (ROGERS, 2005[1942], p. 04).

Nessa acepção adotada por Carl Rogers (2005[1942]),

Por mais importante que a consulta psicológica possa ser, compreende-se perfeitamente que não seja o único método de tratamento dos problemas do indivíduo. Não é uma panacéia para todas as desadaptações [...] É um método, se bem que um método importante, de tratar um grande número de problemas de adaptação que tornam o indivíduo menos útil e menos eficiente como elementos de seu grupo social. (p. 11).

Pensando desta forma, Rogers (2005[1942], p. 16) se propõe oferecer “um quadro de referência coerente para refletir sobre a consulta psicológica” e “não procura apresentar todos os pontos de vista no campo da psicoterapia”. Sua hipótese de base é que “*a consulta psicológica [aconselhamento] eficaz consiste numa relação permissiva, estruturada de uma*

---

<sup>12</sup> Esse viés, no entanto, pode ser mal entendido como reducionista, porém essa não era a perspectiva de Rogers, que considerava a base evolucionista da adaptação. A mente e os afetos tem a função de adaptar o sujeito à realidade.

*forma definida, que permite ao paciente alcançar uma compreensão de si mesmo num grau que o capacita a progredir à luz de sua nova orientação”*. (p. 17, grifo do autor).

Decorrente disso, Rogers (2005[1942]) apresenta algumas características de sua nova abordagem que se coadunam com alguns aportes organísmicos, ao enfatizar que o

[...] objetivo não é resolver um problema particular, mas ajudar o indivíduo a *desenvolver-se* para poder enfrentar o problema presente e os futuros de uma maneira mais perfeitamente integrada [...] de uma forma mais independente, mais responsável, menos confusa e mais bem organizada (p. 28, grifo do autor).

Se atingindo esse objetivo, o indivíduo poderá orientar-se para uma maturidade, saúde e adaptação, ao acentuar:

[...] mais fortemente os elementos emotivos, os aspectos afetivos da situação, do que os aspectos intelectuais. Põe afinal em prática a idéia bem conhecida de que a maior parte das desadaptações não são falhas no *saber*, mas que o conhecimento é ineficaz porque está bloqueado pelas satisfações afetivas que o indivíduo encontra na sua atual desadaptação. (p. 29, grifo do autor).

Ao elaborar uma abordagem focada na situação imediata, do que se passa no indivíduo em sua emoção e sua adaptação ou desadaptação, na busca de um desenvolvimento, maturidade e autonomia em relação a um problema, aludimos que Rogers (2005[1942]) se aproxima de uma concepção organísmica. Outra alusão desta ordem ocorre na busca de facilitar *insights* no indivíduo, de modo que este possa reorganizar o seu campo perceptivo da situação de um modo mais integrado às suas experiências significativas e imediatas (ROGERS, 2005[1942]).

Com o reconhecimento acadêmico e político de sua descoberta, Rogers foi contratado como docente-pesquisador pela Universidade de Chicago, o centro acadêmico em que o funcionalismo foi fundado, em 1894, por John Dewey, e desenvolvido, posteriormente, por James Angell e Harvey Carr.

Passando a receber uma série de financiamentos e apoio institucional para desenvolver sua proposta de aconselhamento psicológico não-diretivo, Rogers (1992[1951]) reconheceu que esse apoio teve o seu preço, dado que começaram a surgir pressões institucionais para que ele apresentasse uma fundamentação teórica mais apurada de sua proposta de aconselhamento e demonstrasse a eficiência de seus resultados por intermédio de pesquisas aplicadas.

Foi no período de estada em Chicago que Rogers recorreu aos significantes funcionalistas já familiares à Psicologia dos Estados Unidos (Universidades de Chicago e Columbia); às teorias organísmicas emergentes; aos estudos de personalidade que estavam vigorando na época; e aos procedimentos de pesquisa já validados em meio acadêmico. Dessa conjunção, Rogers elaborou o modelo teórico de funcionamento organísmico e sua relação com o desenvolvimento da personalidade.

### **3.2 A noção de organismo na fase da terapia centrada no cliente**

Quando Rogers iniciou os seus estudos sobre aconselhamento, nos EUA, a psicoterapia ainda não era regulamentada e, por isso, não era facultada ao profissional de Psicologia. Por esse entrave, nas décadas de 1940 e 1950, Rogers estudou a psicoterapia sob a égide de aconselhamento e trilhou estudos focados em outras aplicações. Nas palavras dele,

Quando me disseram, no início de minha carreira, que era absolutamente impossível para um psicólogo conduzir uma psicoterapia, porque esse era o campo da psiquiatria, não tentei enfrentar a questão de frente. Em vez disso, utilizei, inicialmente, o termo de entrevistas para descrever o que estávamos fazendo. Mais tarde, o rótulo aconselhamento pareceu-me mais aceitável. Somente após anos de experiência e o acúmulo de um corpo considerável de pesquisas, realizadas por mim e por meus colegas, foi que falei abertamente do fato – então óbvio – de que estávamos fazendo psicoterapia. (ROGERS, p. 2001[1977], p. XI).

Após esse propósito, Rogers (1992[1951]) legitimou ao profissional em Psicologia, nos EUA, a possibilidade de exercer uma atuação em psicoterapia. Segundo o autor,

Cada homem deve resolver, dentro de si mesmo, as questões pelas quais a sociedade sempre assumiu toda responsabilidade. Com a promessa de resolver algum desses conflitos, de proporcionar ao indivíduo um ajustamento mais satisfatório consigo mesmo, bem como um relacionamento mais satisfatório com os outros e com o meio ambiente, a psicoterapia tornou-se o foco significativo do interesse público e profissional.

Em meio à onda crescente de progressos psicoterapêuticos e de interesse por esses procedimentos, desenvolveu-se o aconselhamento não-diretivo ou centrado no cliente – um produto de sua época e de seu cenário cultural. (p. 10).

Assim, comenta sobre o sucesso de suas pesquisas sobre aconselhamento (*counseling*):

Quando *Counseling and Psychotherapy* foi publicado, em 1942, os editores quiseram saber que mercado constituiriam para o livro os cursos universitários de aconselhamento e ajustamento. Na época, entretanto, não havia mais do que dois ou três desses cursos no país. Devido a uma variedade de influências recentes sobre a profissão da psicologia, esse quadro alterou-se de maneira surpreendente. Mais de uma vintena de universidades oferecem agora algum tipo de treinamento em psicoterapia em nível de pós-graduação, com graus variáveis de ênfase sobre a perspectiva centrada no cliente [...] Esse treinamento em terapia não é um desenvolvimento isolado. Conta com a aprovação formal da American Psychological Association, que considera incompleto o treinamento do psicólogo clínico sem treinamento em psicoterapia. (p. 21).

Rogers, porém, começa a se deslocar do campo do aconselhamento (*counseling*) para enfocar o campo psicoterapêutico em suas diversas aplicações. Ao analisar o desenvolvimento de sua teoria e prática, Rogers (1992[1951]) ressalta que

[...] terapeutas com experiência nesse tipo de orientação observaram, com interesse, seus casos tornarem-se cada vez mais longos, envolvendo um grau crescente de reorganização da personalidade. Assim, os mesmos profissionais não-diretivos que, dez anos atrás, observaram a necessidade de apenas cinco ou seis entrevistas para cada caso, e raramente mais de quinze, descobrem agora a necessidade de quinze a vinte entrevistas, e cinquenta ou cem entrevistas já não são incomuns. (p.17).

De tal modo,

Dez anos atrás, o aconselhamento não-diretivo era considerado um processo de intercâmbio verbal [...] Desde então, percebeu-se que os princípios básicos desse tipo de aconselhamento podiam ser aplicados a uma variedade de atividades, algumas delas inclusive muito diferentes da psicoterapia (p.18) [...] Assim, em uma década, vimos a terapia centrada no cliente desenvolver-se de um método de aconselhamento [para] uma abordagem das relações humanas. (p. 19).

Nessa mudança de enfoque, Rogers (1992[1951]) estabelece uma diferença entre sua antiga concepção de aconselhamento (*counseling*) e psicoterapia. A primeira podia ser descrita em termos de comunicações verbais e do desenvolvimento do *insight* verbalizado; enquanto essa segunda gravita ao redor da construção do eu (*self*) e sua relação com o organismo. O que se mantém de uma perspectiva para outra é a ênfase nas emoções e afetos do cliente, o enfoque na relação como um momento de crescimento e mudança que ocorre no presente imediato da consulta e a manutenção de uma atmosfera acolhedora centrada nas expressões e sentimentos do cliente.

Vale ressaltar que, nessa transição, Rogers (1992[1951]) começa a adotar uma perspectiva organísmica em suas proposições sobre a personalidade e o comportamento humano, e chega a incluir a noção de auto-realização (*self-actualization*) em sua teoria.

Uma definição operacional de organismo, com base nas quatro teorias<sup>13</sup> desenvolvidas por Carl Rogers (1992[1951]; 1977a[1959[1962]]) é: *O organismo é um sistema total que funciona no indivíduo e é o lugar de todas as suas experiências, simbolizações a consciência, pensamentos, emoções, sensações e percepções. Nessa totalidade, o organismo sempre interage com o ambiente e reage a ele a partir do que percebe e sente em seu campo experiencial ou fenomenológico, de modo a realizar seus impulsos básicos, manter-se e aperfeiçoar-se.*

A noção *campo experiencial* e *campo fenomenológico* são entendidas por Rogers (1992[1951]) como sinônimas. Ele os define como a totalidade de experiências nas quais o indivíduo toma consciência do que se passa em seu organismo, em seus mais diversos níveis perceptivos. O *campo experiencial* ou o *campo fenomenológico* serve para designar tudo o que o organismo experimenta e reage como realidade percebida.

Rogers (1977a[1959[1962]]) define *experiência* como “[...] tudo que se passa no organismo em qualquer momento e que está potencialmente disponível à consciência [...] e engloba, pois, tanto os acontecimentos de que o indivíduo é consciente quanto os fenômenos de que é inconsciente”. (p. 161). Rogers (1992[1951]), no entanto, ainda diferencia *experiência* de *experimento*, definindo que o segundo conceito se vincula a um ato de perceber, no organismo, suas reações no plano de sensação, emoção e sentimento.

Por *consciência* Rogers (1977a[1959[1962]]) entende um elemento vinculado a *experiência* e ao ato de *experimentar*. Segundo ele, a consciência se trata de um ato de simbolizar, dar sentido, a experiência, de modo que

Esta simbolização pode apresentar graus variados de intensidade, desde o vago sentimento de presença de um objeto qualquer, até a consciência aguda deste objeto. Na linguagem da psicologia da forma [*gestalt*], esta variabilidade de intensidade da consciência poderia ser descrita como se estendendo a partir de uma vaga consciência de um ‘fundo’ até a percepção muito nítida de uma ‘figura’ (ROGERS, 1977a[1959[1962]], p. 163, grifo nosso).

---

<sup>13</sup> Teoria da personalidade e do comportamento; teoria da psicoterapia ou das condições necessárias e suficientes para a mudança terapêutica de personalidade; teoria da pessoa em funcionamento pleno; e teoria das relações humanas.

Nessa perspectiva, que relaciona *consciência e experiência* ao organismo, Rogers (1977a[1959[1962]]) desenvolve a proposição da auto-realização (*self-actualization*) e elabora a noção de *tendência à realização*<sup>14</sup> como a base de sua atividade teórica e clínica.

Segundo Rogers (1977a[1959[1962]]), a tendência à realização implica uma proposição basilar:

[...] todo organismo é movido por uma tendência inerente para desenvolver todas as suas potencialidades e para desenvolvê-las de maneira a favorecer sua conservação e seu enriquecimento. (p. 159).

[...] A operação da tendência atualizante [à realização] tem por efeito dirigir o desenvolvimento do ‘organismo’ no sentido de autonomia e da unidade; isto é, num sentido oposto ao da heteronomia resultante da submissão às vicissitudes da ação das forças exteriores. (p.160).

É importante observar que a noção de tendência atualizante [à realização] é o postulado fundamental de nossa teoria e que esta tendência se manifesta pelo organismo em sua totalidade, e unicamente em sua totalidade. (p. 160).

Rogers (1992[1951]; 1977a[1959[1962]]), todavia reconhece que nos seres humanos o organismo se relaciona com um eu (*self*), organizado como um campo perceptivo que forma um conceito organizado de “si mesmo”. O eu (*self*) se constitui como uma interseção das Demandas Internas (DI) do organismo e suas Demandas Externas (DE), as quais são pautadas por experiências coletivas (cultura), valores sociais e conceitos que serão introjetados por diversos meios (ROGERS, 1992[1951]). Uma representação gráfica pode ser apresentada da seguinte forma na Figura 1:

---

<sup>14</sup> Segundo o Professor Doutor Ricardo Lincoln Laranjeira Barrocas, a noção de *Selbstverwirklichung*, provinda do alemão, vincula-se a um “modo de se ver a si mesmo como se realmente é”, ou seja, descreve uma “realização de si mesmo” ou uma “auto-realização”. Essa noção foi traduzida como “individuação” para o português, e como *self-actualization* para o inglês. Como a língua inglesa não comporta *actualization* como “atualização” (*update*), mas sim como “realização”, uma tradução mais correta é “auto-realização”. Essa noção perpassou as obras de Carl Jung, Alfred Adler, Otto Rank, Karen Horney e Kurt Goldstein, chegando a Abraham Maslow e Carl Rogers. Por isso, optamos por “tendência à realização” em vez de “tendência atualizante”.

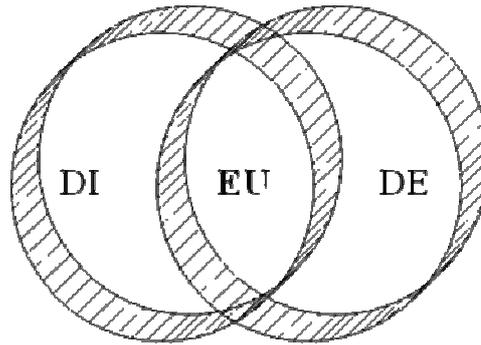


Figura 1. *A formação do eu (self).*

Deve-se ressaltar que *o eu (self) não é sinônimo de organismo* (ROGERS, 1992[1951]), e que ele é formado da interação do organismo com o ambiente. Destarte, enquanto o organismo é um sistema total que funciona por leis próprias, *o eu (self) é um autoconceito organizado de si que, pode restringir ou não o funcionamento orgânico* (ROGERS, 1992[1951]).

De fato, Rogers (1992[1951]) diz que,

[...] a noção do ‘eu’ – elemento importante a nossa teoria – não é um ‘agente especializado’ que funcionaria em conjunção com a tendência atualizante [à realização]. O ‘eu’ nada faz; representa simplesmente uma expressão de tendência geral do organismo para funcionar de maneira a se preservar e se valorizar (p. 160).  
 [...] Considerando-se que a tendência atualizante [à realização] rege todo o organismo, ela se exprime igualmente no setor da experiência que corresponde à estrutura do ‘eu’ – estrutura que se desenvolve à medida que o organismo se diferencia. Quando há acordo entre o ‘eu’ e o ‘organismo’, isto é, entre a experiência do ‘eu’ e a experiência do organismo’, na sua totalidade, a tendência atualizante [à realização] funciona de maneira relativamente unificada. Ao contrário, se existe conflito entre os dados experienciais relativos ao ‘eu’ e os relativos ao ‘organismo’, a tendência à atualização [realização] do organismo pode ser contrária à tendência à atualização do ‘eu’. (p.161).

Mediante esses aportes conceituais podemos organizar o sistema teórico de Rogers partindo da relação do organismo: *tendência à realização, eu, experiência e consciência (simbolização da experiência)*. Todos esses elementos estão representados na Figura 2<sup>15</sup>.

<sup>15</sup> Esta Figura não é de nossa criação exclusiva, haja vista que ela já foi apresentada em aulas e conferências por meio de outros interlocutores, como André Feitosa de Sousa, Yuri de Nóbrega Sales e Francisco Silva Cavalcante Júnior, no entanto, é por esta pesquisa que a figura se torna explícita, pela primeira vez, em uma formalização acadêmica de dissertação.

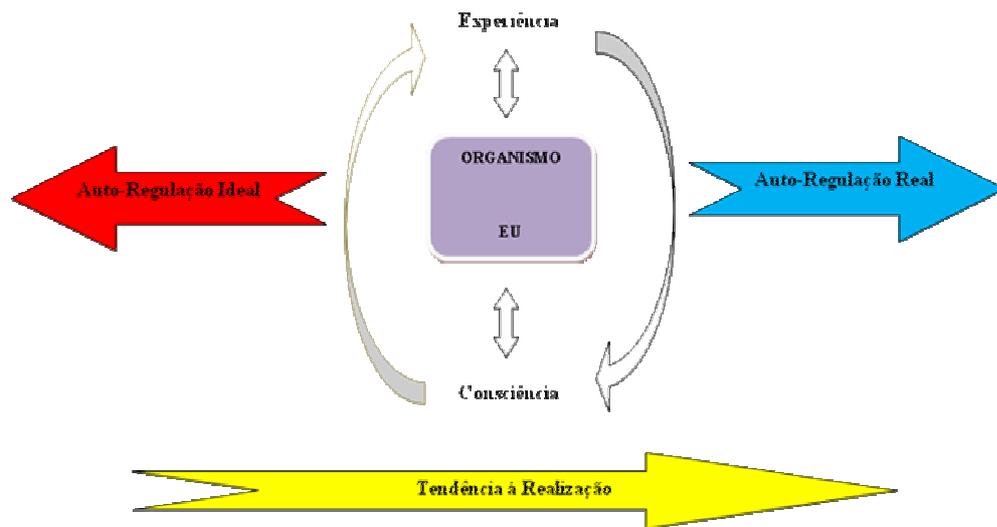


Figura 2. As relações do organismo com a tendência à realização.

De acordo com o que a Figura 2 expressa, temos que o organismo sempre tende a funcionar de modo a realizar seus impulsos básicos para o crescimento. Dito em outros termos, mesmo que haja condições de bloqueios (internos ou externos), o organismo se orienta por buscas de realizações de metas e reações totais, tanto no plano fisiológico quanto psicológico (ROGERS, 1992[1951]).

Aqui encontramos a tendência à realização como presente nos fluxos de todos os seres vivos e orgânicos. O que a tendência à realização manifesta para o organismo, em sua relação com o ambiente, é um impulso básico para realizar suas metas; manter (reservar, preservar, conservar) essas metas; e aperfeiçoar (transcender, ir além do determinado, se diferenciar, crescer) seu funcionamento com base no que experimenta (ROGERS, 1992[1951]).

Para Rogers (1992[1951]), a tendência à realização está presente em qualquer fase do desenvolvimento orgânico. O organismo tende a se regular e a crescer em relação aos seus determinantes ambientais e orgânicos. Essa tendência faz o organismo se tornar autogovernado e apropriado de si.

Rogers (1992[1951]) aponta, entretanto, que diante de uma tensão, o organismo pode recorrer ao eu (*self*) para regular a si próprio.

Quando o organismo é impelido de satisfazer suas necessidades no mínimo que ele experimenta, a forma adotada por impulso deve ser coerente com o conceito de self [eu] [...] As necessidades só podem ser satisfeitas por meios que sejam coerentes

com o conceito organizado de self [eu]. Na maioria dos casos, esses meios não implicam nenhuma distorção da necessidade que está sendo satisfeita. Das várias maneiras de satisfazer a necessidade de comida ou afeto, o indivíduo seleciona apenas aquelas que seguem coerentes com o conceito que ele tem de si mesmo. Existem ocasiões, porém, em que a negação da experiência citada acima desempenha um papel nesse processo [...] as necessidades orgânicas existem, mas não podem ser admitidas a consciência. O indivíduo adota um comportamento que satisfaça essa necessidade orgânica, porém através de canais que sejam coerentes com o seu conceito de self [eu]. A maior parte dos comportamentos é desse tipo. (ROGERS, (1992[1951], p. 577).

Em muitos comportamentos relativamente neutros, *a regulação da forma de comportamento pelo conceito de self [eu]*, como é colocada nesta proposição, não é perceptível e pode parecer inexistente. Esse controle torna-se imediatamente evidente, porém, quando o comportamento toma um que seria incoerente com o conceito de self [eu]. (ROGERS, 1992[1951], p. 578, grifo nosso).

Nessa relação entre organismo e eu (*self*), as necessidades vinculadas à tendência à realização só podem ser feitas por meios que sejam coerentes com o conceito organizado que se tem de si mesmo, sem que haja uma simbolização distorcida, intercepção ou negação do que esteja sendo experimentado diretamente pelo organismo (ROGERS, 1992[1951]). Quando esse tipo de relação ocorre há uma *Auto-regulação Ideal*, em que o organismo, impedido de satisfazer suas necessidades, recorre ao eu (*self*), podendo os seus impulsos ser coerentes ou não com o seu “autoconceito organizado”.

De acordo com a Figura 2.2, podemos situar a *Auto-regulação Ideal* como um comportamento que pode ser incoerente em que o organismo se regula em função de um eu (*self*) ideal, que pode ser incongruente com a experiência orgânica direta. Aqui pode não ocorrer uma simbolização adequada das experiências do organismo por haver uma experimentação do “conceito organizado de si mesmo” baseada em avaliações provenientes de experiências externas ao organismo (ROGERS, 1992[1951]).

Nessa regulação pode existir, portanto, pouca apreciação orgânica direta da experiência, o que produz reações de tensão e angústia, subcepção, deformação, intercepção, ansiedade, vulnerabilidade e medo. Em todas essas reações, há menos experiências disponíveis à consciência, o que dificultará uma percepção e comunicação (expressão) do que se passa no campo experiencial ou fenomenológico do organismo (ROGERS, 1992[1951]).

Em outras palavras, uma *Auto-regulação Ideal*, quando contrária à tendência à realização, se volta para experiências e valores que são tomados de outras pessoas de forma distorcida, de modo a parecer que são realmente experimentados diretamente pelo organismo. Essas simbolizações distorcidas negam à consciência certas experiências sentidas diretamente pelo organismo, e ensejam desajustes psicológicos, impedindo uma abertura para a

experiência em foco e inibindo uma abertura para novas experimentações (ROGERS, 1992[1951]).

Ao contrário, podemos situar a *Auto-regulação Real* quando o “autoconceito organizado” é baseado, em grande parte, nas experiências organísmicas diretas (ROGERS, 1992[1951]). Apesar de haver conceitos, valores e percepções introjetados cultural e socialmente, o organismo, com base na consciência, consegue simbolizar essas experiências conforme efetivamente as experimenta em suas emoções, sentimentos, sensações e afetividades. Essa simbolização ocorre no organismo de uma forma congruente e coerente no eu (*self*), e permite uma regulação com arrisco nessa organização (ROGERS, 1992[1951]).

Conforme se pode perceber na Figura 2.2, a *Auto-regulação Real* se alinha à direção à tendência à realização. Tal alinhamento implica afirmar que o funcionamento organísmico se move em uma direção natural de crescimento presente em todas as formas de vida orgânica (ROGERS, 1992[1951]). Nessa regulação, as experiências estão potencialmente disponíveis, em seus impulsos e sensações, para serem simbolizadas adequadamente pela consciência (ROGERS, 1992[1951]).

Como característica de tal disponibilidade Rogers (1992[1951]) ressalta que o organismo e o eu (*self*) se tornam mais espontâneos, favorecendo ao indivíduo aceitar suas atitudes e comportamentos como partes de si. É justamente esse processo que desencadeará uma mudança (reorganização) de personalidade e de comportamento, possibilitando que as experiências, antes tomadas como ameaçadoras, e os novos experimentos possam ser adequadamente examinadas e simbolizadas à luz do funcionamento organísmico e do eu (*self*).

Por meio da expansão do eu (*self*) e da abertura organísmica para novas experiências Rogers (1992[1951]) acentua que a *Auto-regulação Real* permite também que o indivíduo tenha maior abertura para compreender suas relações interpessoais e que o contrário disso também ocorre numa *Auto-regulação Ideal*.

Essa formulação teórica leva Rogers (1977a[1959[1962]]) a postular, além da *teoria da personalidade e do comportamento* (ROGERS, 1992[1951]), três outras teorias que aprofundam alguns dos componentes explicitados.

Para incorporar todo esse sistema teórico apresentado em uma relação psicoterapêutica, Rogers (2008a[1957]) postula a teoria da psicoterapia, ou seja, das *condições necessárias e suficientes para a mudança terapêutica de personalidade*. No que

tange ao funcionamento orgânico ocorrente quando há um alinhamento entre a *Auto-regulação Real* e a tendência à realização, Rogers (2008b[1952[1963]]) elabora a teoria do *conceito de pessoa em funcionamento pleno*. No que diz respeito à expansão e ao desenvolvimento das relações interpessoais, Rogers (1977a[1959[1962]]) desenvolve uma *teoria das relações humanas* e suas implicações nas esferas familiares, educacionais, grupais e de conflitos coletivos<sup>16</sup>.

No plano de informação, uma excelente coletânea de artigos decorrentes da fase de terapia centrada no cliente pode ser encontrada no livro *Tornar-se pessoa* (ROGERS, 1997[1961]). De forma bem mais acessível e coloquial do que as publicações anteriores, nessa obra, pode-se estudar a terapia centrada no cliente: na visão pessoal de seu criador e suas questões científicas e filosóficas, seu contexto de investigação e suas aplicações e implicações na vida. Chamamos a atenção para a terceira parte desse livro, que contém muitos aspectos da organicidade presente no processo terapêutico e de “tornar-se pessoa”.

Com a saída de Rogers da Universidade de Chicago, sua passagem pela Universidade de Wisconsin (1957-1963) e sua aposentadoria, ele reexaminará alguns de seus aportes teóricos, criticando-os e reformulando alguns de seus elementos centrais. Como já mencionado na justificativa do projeto, ao se aposentar, Rogers não se interessou por sistematizar mais a sua teoria, no entanto ele continuou desenvolvendo a noção de organismo. Por dita razão, uma tentativa de elaboração mais sistematizada das ideias do autor será apresentada nos próximos subtópicos.

### **3.3 A noção de organismo na fase de transição entre a terapia centrada no cliente e a abordagem centrada na pessoa**

Decorrente do que aconteceu nos anos de trabalho da aplicação da terapia centrada no cliente (TCC) com indivíduos considerados “esquizofrênicos”, na Universidade de Wisconsin (1957-1963), Rogers e seus colaboradores publicaram dois livros que apresentam os resultados de suas pesquisas e reflexões durante esse período. São eles: *The*

---

<sup>16</sup> Deve-se mencionar que, ainda que tangencialmente a essas teorias, Rogers (1997[1961]) apresentou, em 1952, o embrião para uma possível *teoria da criatividade*, mas que pode ser pensada como mais uma ramificação da *teoria das relações humanas*.

*therapeutic relationship and its impact: a study with schizophrenics* (1967) e *Person to person: the problem of being human* (1967)<sup>17</sup>.

Nessas publicações, Rogers (1977b[1967]) frisa como as introjeções de valores que são assimilados sem perpassar por um processo de apreciação organísmica podem decorrer em distúrbios de personalidade, resultantes da discrepância fundamental entre: o que o indivíduo realmente sente em sua experiência direta com o organismo, sua estrutura intelectual de valores e suas percepções de si mesmo.

Segundo Rogers (1977b[1967]), todos os seres vivos, dotados ou não de consciência, possuem um comportamento pautado por *valores operativos* cujo funcionamento não precisa

[...] incluir qualquer pensamento cognitivo ou conceitual. Constituem apenas a escolha de valor indicada pelo comportamento, quando o organismo escolhe um objeto e rejeita outro. Quando uma minhoca, colocada num labirinto simples, em forma de Y, escolhe a parte lisa do Y, em vez do caminho revestido de lixa, está mostrando um valor operativo. (p. 15).

Quando, porém, o organismo é dotado de consciência para simbolizar suas experiências vividas pelo organismo, Rogers (1977b[1967]) ressalta a existência de um comportamento pautado por *valores pensados*, que consistem uma

[...] preferência de um indivíduo por um objeto simbolizado. Geralmente, nessa preferência existe antecipação ou previsão do resultado do comportamento dirigido para um objeto simbolizado. Uma escolha de que ‘A honestidade é a melhor política’ é um valor pensado. (p. 15).

Nessa distinção de valores apresentada por Carl Rogers (1977b[1967]), os valores operativos atuam como um processo de avaliação organísmica em que ocorrem experiências que mantêm, aumentam ou efetivam a organicidade do indivíduo. Portanto, “[e]sta ponderação complexa da experiência é, nitidamente, uma função organísmica, e não uma função consciente ou simbólica [...] Mas apesar disso, este processo pode lidar com problemas complexos de valor”. (p. 16). Eis por que se pode inferir que “[é] do íntimo de sua vivência que o organismo diz em termos não-verbais: ‘isto é bom para mim’; ‘gosto disto’, ‘não gosto daquilo’”. (p. 17).

---

<sup>17</sup> Somente há uma tradução para o português do segundo livro: *De pessoa para pessoa: o problema de ser humano*.

Ao refletir sobre essa perspectiva organísmica, podemos perceber um aprofundamento de Rogers (1992[1951]) em relação às proposições XIII<sup>18</sup>, XIV<sup>19</sup> e XV<sup>20</sup> da Teoria da Personalidade e do Comportamento presentes na fase de terapia centrada no cliente. Em especial, Rogers (1977b[1967]) começa a frisar a importância da restauração do contato com essa experiência organísmica, como fonte para o desenvolvimento de uma maturidade psicológica.

Destarte, Rogers (1977b[1967]) postula cinco proposições referentes ao processo de valorização que ocorrem no indivíduo. São elas:

- a) *No íntimo do ser humano existe uma base organísmica de um processo organizado de valorização (ROGERS, 1977b[1967], p. 26, grifo do autor).*
- b) *Este processo de valorização no ser humano é eficiente para atingir a sua ampliação, na medida em que o indivíduo está aberto às vivências que ocorrem em seu íntimo (ROGERS, 1977b[1967], p. 26, grifo do autor).*
- c) *Uma forma de ajudar o indivíduo a aproximar-se da abertura para a vivência é utilizar uma relação em que é apreciado como uma pessoa em si, em que as descobertas que ocorrem em seu íntimo são compreendidas e avaliadas empaticamente, e na qual tem a liberdade de vivenciar seus sentimentos e os dos outros, sem que, ao fazê-lo, seja ameaçado (ROGERS, 1977b[1967], p. 27, grifo do autor).*
- d) *Nas pessoas que estão caminhando para uma maior abertura de sua vivência, existe um ponto organísmico comum de orientações de valor (ROGERS, 1977b[1967], p. 27, grifo do autor).*
- e) *Estas orientações comuns de valor são de tal tipo que acentuam o desenvolvimento do indivíduo, bem como o de outros de sua comunidade,*

---

<sup>18</sup> “Em alguns casos, o comportamento pode ser induzido por experiências e necessidades orgânicas que não foram simbolizadas. Tal comportamento pode ser incoerente com a estrutura do self, em tais casos, o indivíduo não é dono do comportamento”. (ROGERS, 1992[1951], p. 578).

<sup>19</sup> “O desajustamento psicológico existe quando o organismo nega à consciência experiências sensoriais e viscerais significativas que, conseqüentemente não são simbolizadas e organizadas na gestalt da estrutura do self. Quando essa situação ocorre, há uma tensão psicológica básica ou potencial”. (ROGERS, 1992[1951], p. 580).

<sup>20</sup> “O ajustamento psicológico existe quando o conceito do self é tal que todas as experiências sensoriais e viscerais do organismo são, ou podem ser, simbolicamente assimiladas para formar uma relação coerente com o conceito de self”. (ROGERS, 1992[1951], p. 582).

*e contribuem para a sobrevivência e a evolução de sua espécie.*  
(ROGERS, 1977b[1967], p. 27, grifo do autor).

Essas cinco proposições partem da hipótese de que a base organísmica é comum ao mundo animado e que um *feedback* preciso permite uma ampliação possível do indivíduo a ajustar o seu comportamento e suas reações em direção a esse funcionamento vital a todos os organismos saudáveis. Logo, Rogers (1977b[1967]) acredita que

Essa homogeneidade não parece ser causada por influências culturais, pois encontrei testemunhos destas orientações em culturas muito divergentes, - por exemplo, as dos Estados Unidos, Holanda, França e Japão. Gosto de pensar que essa homogeneidade de orientações de valor se deve ao fato de que pertencemos todos à mesma espécie (p. 28).

Devemos ressaltar que o mesmo raciocínio se repete nas obras *Liberdade para aprender* (1969) e *Liberdade para aprender em nossa década* (1983). Nestas, no entanto, Rogers (1975b[1969]; 1985[1983]) unificou a proposição “c” como um corolário a proposição “b”<sup>21</sup>. Percebemos, neste ponto, uma tentativa de extensão das ideias advindas da psicoterapia centrada no cliente aos processos de aprendizagem. Ao se aposentar e sair da Universidade de Wisconsin, Rogers começou a se interessar mais pela área da educação e menos pela clínica.

Outro ponto de interesse de Rogers ocorreu durante sua estada no *Instituto Ocidental das Ciências do Comportamento*, um centro de pesquisa localizado na Califórnia, onde ele e outros pesquisadores discutiram novas perspectivas psicológicas de se fazer ciência.

Nessa residência, Rogers (1973[1968]) começou a aprofundar outras perspectivas adjacentes às ciências do comportamento e pelas questões genealógicas do conhecimento humano e das ciências. Segundo ele,

[...] o conhecimento apóia-se no subjetivo: Eu *experimento*; ao experimentar, eu *existo*; no existir eu, em um determinado sentido, *conheço*, tenho uma sensação de *certeza*. Todo o conhecimento, inclusive todo o conhecimento científico, é uma imensa pirâmide invertida que repousa sobre esta minúscula base subjetiva e pessoal. (p. 59-60, grifo do autor).

---

<sup>21</sup> Ainda que, mediante a lógica da pesquisa, a obra *Liberdade de para Aprender em nossa década* se insira na fase de abordagem centrada na pessoa, seu capítulo que trata das proposições apresentadas não passa de uma reedição do que foi escrito em *Liberdade para aprender*.

Para o autor, o cientista deve confiar em suas intuições e abandonar-se em sua experiência e impulsos para conhecer algo, ou seja:

Isto significa tolerância face à ambigüidade e à contradição, resistência à necessidade de uma conclusão, valorização da curiosidade sem limites; significa absorver a experiência como uma esponja, de tal modo que ela seja recolhida em toda a sua complexidade, com meu *organismo total*, e não apenas minha mente consciente, participando livremente da experiência dos fenômenos. (ROGERS, 1973[1968], p. 61, grifo nosso).

Deste modo,

[...] toda a ciência está baseada em um reconhecimento – usualmente pré-lógico, intuitivo, *envolvendo todas as capacidades do organismo* – de uma ‘estrutura’ vagamente percebida; uma realidade oculta [...] Quanto mais livre de valores culturais e valores científicos do passado esta apreensão total de um padrão estiver, mais adequada ela tenderá a ser. Quanto mais ela for baseada nas vias sensoriais, em intuições inconscientes e em ‘insights’ cognitivas, mais adequada ela tenderá ser. (ROGERS, 1973[1968], p. 63, grifo nosso).

Essa perspectiva de ciência traz uma concepção organísmica, que incorre em “[...] uma confiança na percepção de organicidade total, que se baseia no que já foi dito acima e que é mais profunda do que as percepções cognitivas, embora as incluam”. (ROGERS, 1973[1968], p. 64).

No que concerne à perspectiva de Rogers (2002[1970]) sobre grupos, o autor, também, se mantém fiel a sua concepção organísmica, pois ele ressalta que,

Criado um clima de suficiente facilitação, confio no grupo para desenvolver as suas próprias potencialidades e as dos seus membros [...] Um grupo, para mim, é semelhante a um *organismo* possuindo o sentido da sua própria direção, ainda que não possa definir intelectualmente essa direção [...] o grupo reconhece no seu processo os elementos não-saudáveis, centra-se neles, filtra-os ou elimina-os, e continua, tornando-se num grupo mais saudável. *É esta a minha maneira de dizer que vi a ‘sabedoria do organismo’, manifestada em todos os níveis, desde a célula ao grupo.* (p.52, grifo nosso).

Decorrente dessas discussões que inauguram uma fase de transição entre a terapia centrada no cliente (TCC) e a abordagem centrada na pessoa (ACP), percebemos que Rogers se mantém fiel a alguns aportes criados na TCC, porém, buscando estendê-los em outras aplicações, sem teorizá-las, mas ainda adotando uma concepção organísmica. Numa entrevista concedida a Willard Frick (1975[1971]), Rogers comenta sobre esta concepção em sua teoria e prática. Em suas palavras:

[...] aceito uma base biológica para o comportamento humano. Isso não me parece estranho. Penso que você pode vê-lo na vida das plantas, na vida animal, que o organismo individual se desenvolve de acordo com o seu padrão inato e, nesse sentido, poder-se-ia dizer que se trata de um processo largamente determinado, em parte por fatores biológicos e em parte pelo meio ambiente. Tudo isso é verdadeiro no caso do homem, mas em minha opinião, o elemento que muda essa situação no ser humano é o desenvolvimento da consciência e, por conseguinte, seria insuficiente falar apenas em termos de realização. (p. 109).

E complementa:

Estou perfeitamente disposto a falar da *realização* do organismo humano, o qual, penso eu, obedece à mesma espécie de processo ou de leis a que qualquer outro organismo vivo está sujeito. Mas a *auto-realização* refere-se a algo que é um pouco mais do que isso que promana da consciência da pessoa [...] o componente consciente ou, melhor dito, o componente consciente e o potencialmente consciente. Nessa área, é minha inabalável convicção que não só o indivíduo escolhe muitos elementos do seu eu, e nesse sentido, cria-se a si mesmo, mas acredito também ser essa uma das coisas mais distintivas do organismo humano, aquela que tende a separá-lo de outras formas de vida. (p. 109).

Rogers (FRICK, 1975[1971]) se aproxima de uma teoria da auto-realização e acredita que se as condições forem maduras ou adequadas para o organismo, em especial o humano, desprende-se dessa ideia de que fará automaticamente as coisas boas porque isso lhe é inerente. Não obstante, ele acredita que,

[...] se as condições forem tais que promovam o crescimento sadio, então penso que podemos confiar em que as escolhas do individual serão sociais, mas é obvio, por todas as coisas que acontecem no mundo, que as condições de crescimento e desenvolvimento têm sido, para muita gente, bem diversas das que promovem um desenvolvimento sadio. Assim, temos as escolhas destrutivas [...] temos todas as espécies de coisas que consideramos socialmente indesejáveis, e o homem é perfeitamente capaz de realizar essas escolhas quando a sua situação não tem sido boa, e, repito, quando ele não está plenamente cômico de si mesmo e de seus antecedentes. (p. 110).

Finalmente, devemos frisar que nesta fase Rogers (1977d[1972]) publicou um livro que descreve o seu ponto de vista sobre os relacionamentos matrimoniais e alternativos, porém não encontramos nele alusões à noção de organismo.

Assim, após esse íterim as discussões acerca da psicoterapia, aprendizagem, ciência, grupos e as bases de uma auto-realização e teoria do “eu”, Rogers (2001[1977]) começa a elaborar um novo ponto de vista, o qual ele intitulou como *abordagem centrada na pessoa*. Segundo o autor,

Uma coisa estranha aconteceu-me alguns meses atrás. Acho que foi o mais próximo que cheguei ter de uma experiência psíquica. Eu estava atento ao trabalho que realizava à minha escrivadinha, quando repentinamente surgiu uma sentença completa em minha mente: “Caminho suavemente pela vida”. Fiquei intrigado com a intromissão, mas, uma vez que nada tinha a ver com o trabalho que fazia, eu a deixei de lado. Um pouco depois, a natureza peculiar deste “lampejo” atingiu-me e comecei a especular a respeito. (p. XI).

Decorrente desse acontecimento, Rogers (2001[1977]) começou a reconhecer que o seu trabalho partia de uma intuição sobre a vida e que sua perspectiva aprofundava alguns valores e conceitos presentes na cultura dos EUA, modificando-os acentuadamente.

Assim, Rogers (2001[1977]) *inverteu a posição de poder na cultura para uma posição de poder no organismo, reconhecendo que esse era o aspecto central para uma política de relacionamentos interpessoais e de base coletiva que lhe interessava*. Rogers (2001[1977]) começa, então, a atentar para as dimensões políticas e coletivas de seu trabalho e de sua concepção organísmica. Para ele, a política,

[...] no uso psicológico e social atual, refere-se a *poder e controle*: o grau em que a pessoa deseja, tenta obter, possuir, compartilhar ou delegar poder e controle sobre outros e/ou si mesma. Refere-se às *manobras, às estratégias e táticas, intencionais ou não*, pelas quais tal poder e controle sobre a própria vida e a dos outros é procurado e obtido. (p.04, grifo do autor).

Rogers, todavia, começa a ampliar essa noção para algo mais voltado para suas convicções de poder e controle. Nessa perspectiva, para Rogers (2001[1977]), política

É o processo de obter, compartilhar ou abandonar o poder, controle, tomada de decisões. É o processo das interações e efeitos altamente complexos desses elementos, da forma como existem nos relacionamentos entre pessoas, entre uma pessoa e um grupo ou entre grupo. Essa perspectiva desenvolveu-se primeiro no *aconselhamento* e na *psicoterapia*, em que foi conhecida como *centrada-no-cliente* [...] Aplicada à educação foi denominada *centrado-no-aluno*. Na medida em que essa abordagem progrediu em uma ampla variedade de campos, longe do seu ponto de origem – grupos intensivos, casamento, relacionamentos familiares, administração, grupos minoritários, relacionamentos inter-raciais, interculturais e mesmo internacionais – parece melhor adotar-se um termo mais amplo possível: *centrado-na-pessoa* (p. 05, grifo nosso).

[...] *Tenho me interessado em observar esta abordagem do ponto de vista científico e empírico* [...] mas nunca tinha me detido com atenção na política interpessoal acionada por tal abordagem. *Agora começo a ver a natureza revolucionária dessas forças políticas. Senti-me compelido a reavaliar todo o meu trabalho*. (p.05-06, grifo nosso).

Rogers faz aí a primeira menção de sua nova perspectiva de trabalho, no caso por ele reconhecido como “centrado na pessoa”, implicando um ponto de vista político, e não

somente clínico. Sob tal aspecto, encontramos um Rogers já aposentado e ainda demonstrando gosto pela academia, porém aberto a reavaliar seu trabalho, atentando para os seus aspectos políticos e coletivos.

Para Rogers (2001[1977]), os efeitos políticos presentes em sua reavaliação compreendem os seguintes:

- O objetivo e o foco de uma relação psicoterapêutica devem se orientar para o crescimento humano e pessoal. Para que isso ocorra cabe à psicoterapia facilitar uma libertação dos obstáculos, para que o cliente possa crescer. Portanto essa relação não pode exercer controle sobre o cliente, mas facilita que este tome posse de suas estratégias e seja o lugar de suas decisões e responsabilidades pelos efeitos dessas decisões.
- Essa perspectiva parte da “visão do homem como sendo, em essência, um *organismo* digno de confiança”. (p.07, grifo nosso). Nessa visão cada organismo tem dentro de si amplos recursos para a auto-compreensão e para alterar seu “autoconceito”, suas atitudes e seu comportamento auto-dirigido.

Rogers (2001[1977]) frisa, por conseguinte, que

Biólogos, neurofisiólogos e outros cientistas, incluindo psicólogos, possuem comprovações que levam a uma conclusão. Existe em todo *organismo*, em qualquer nível, um fluxo subjacente de movimento para uma realização construtiva de suas possibilidades intrínsecas [...] *O termo mais frequentemente usado para isso é o de tendência de realização, que está presente em todos os organismos vivos. Trata-se do fundamento sobre o qual está constituída a abordagem centrada-na-pessoa.* (p.08, grifo nossos).

No que concerne ao *fieri* teórico presente na terapia centrada no cliente (TCC) (ROGERS, (1992[1951])), pode-se perceber que Rogers elabora as sete primeiras proposições de sua *teoria da personalidade e do comportamento*, com suporte na noção de organismo e de suas características funcionais.

Foi exatamente na quarta proposição dessa teoria que Rogers apresentou o organismo em sua relação com a tendência à realização: “*The organism has one basic tendency and striving - to actualize, maintain and enhance the experiencing organism*”. A

tradução para o português foi, contudo, apresentada como: “O organismo tem uma tendência e um impulso básicos – concretizar, manter e aperfeiçoar o organismo que experimenta” (ROGERS (1992[1951], p.554). Uma tradução mais correta dessa proposição é: “*O organismo tem fundamentalmente uma tendência para a qual se esforça – realizar-se, manter-se e ampliar seu campo de experiência*”. Nessa tradução<sup>22</sup> “experiência” é entendida como “experimenta”.

Nessa proposição, Rogers (1992[1951]) reconhece que “todas as necessidades orgânicas e psicológicas sejam descritas como aspectos parciais dessa única necessidade fundamental”. (p.554). Conforme já elucidado, porém, ele trata o organismo submetendo-o às proposições sobre a organização da personalidade, desorganização da personalidade e reorganização da personalidade, com base na relação entre organismo e eu (*self* – a organização de um autoconceito de si).

Um diferencial dessa fase em relação à anterior (TCC) está em que podemos observar que, na primeira, o enfoque centrava-se no eu (*self*); o organismo e a tendência à realização tinham uma posição secundária na teoria. Nessa nova fase, Rogers começa a enfocar o organismo em sua relação com a tendência à realização, atentando para os aspectos coletivos desta última. Vale ressaltar, no entanto, que, somente no final da década de 1950, Rogers (1977a[1959[1962]]) começou a colocar a tendência à realização, em sua relação com o organismo, como basilar.

Aprofundando essa mesma tendência, Rogers enfoca as implicações dessa manifestação em organismos vivos e em como eles lutam para se realizar. Para Rogers (2001[1977]) esse é um princípio de busca pela vida, em que o organismo em qualquer situação objetiva sempre se realizar. É por esse princípio que Rogers contesta as clássicas bases políticas de poder e controle.

Dado esse princípio de vida, Rogers (2001[1977]) acrescentou um ponto de vista político: “À medida que a cliente se torna mais auto-consciente, mais auto-aceitadora, menos defensiva e mais aberta, encontra finalmente alguma liberdade para crescer e mudar nas direções que são naturais ao organismo humano”. (p. 13).

Deste modo,

Uma abordagem centrada-na-pessoa baseia-se na premissa de que o ser humano é basicamente um organismo digno de confiança, capaz de avaliar a situação externa e

---

<sup>22</sup> Refinada pelo Professor Doutor Ricardo Lincoln Laranjeira Barrocas.

interna, compreendendo a si mesmo no seu contexto, fazendo escolhas construtivas quanto aos próximos passos na vida e agindo a partir dessas escolhas [...] descobre-se que, com o tempo, as escolhas feitas, as direções seguidas, as ações empreendidas são pessoalmente cada vez mais construtivas e tendem para uma harmonia social mais realística com os outros. (ROGERS, 2001[1977], p. 16-17).

Tal perspectiva política e organísmica, segundo Rogers (2001[1977]), implica uma democracia reconhecida como um estágio de amadurecimento psíquico, que atenta para os princípios auto-reguladores da interioridade dos indivíduos em sua relação com a tendência à realização. Desde então, pode-se perceber um reflexo social do que acontece numa interioridade.

Ressalta-se que a nova abordagem de Rogers continua a buscar e resguardar os aspectos horizontais – sem verticalidades de controle e poder – das expressões auto-reguladoras que são, em um nível mais profundo, buscas pelas realizações (ROGERS, 2001[1977]).

A radicalização do enfoque político da noção de organismo em Rogers pode ser explicitada mediante da seguinte asserção:

Qualquer visão da política dos relacionamentos humanos precisa apoiar-se basicamente na concepção do organismo humano e no que o faz funcionar – a natureza e a motivação deste organismo. Há anos venho mantendo uma posição cada vez mais definida quanto a esses pontos. Gostaria de expor essas formulações prévias e considerando as implicações políticas do meu ponto de vista sobre a natureza humana. (ROGERS, 2001[1977], p. 267).

Postos os aspectos inaugurais da Abordagem Centrada na Pessoa (ACP), passemos a elucidar o que Rogers (2001[1977]) elabora sobre o organismo e a sua relação com a tendência à realização, por intermédio das seguintes proposições a que chegamos com nossa pesquisa.

f) *A tendência à realização existente no organismo humano é básica para a motivação.* (ROGERS, 2001[1977], p. 267, grifo nosso).

Rogers (2001[1977]) postula a idéia de que percebe nos organismos a existência de um “impulso em direção à vida”. Esse impulso pode ser descrito como “impor-se num ambiente incrivelmente hostil e não apenas manter-se, mas adaptar-se, desenvolver-se e tornar-se [si] mesmo”. (p. 268). Assim, para Rogers (2001[1977]), cada elemento organísmico emergente desse impulso assumirá forma e função específicas que fazem o organismo

funcionar como um todo. Eis, portanto, a complexidade da vida que exige uma posição compreensiva e apreciadora que a respeite e a deixe fluir em seus processos próprios.

g) *Quando se fala do modo básico do que ‘motiva’ o comportamento dos organismos, é a tendência direcional que é considerada fundamental. Essa tendência é sempre operante a qualquer momento, em todos os organismos. Na verdade é somente a presença ou ausência desse processo direcional total que nos torna capazes de distinguir se um dado organismo está vivo ou morto.* (ROGERS, 2001[1977], p. 269, grifo nosso).

Rogers (2001[1977]) reconhece que a tendência à realização é uma “[...] resposta fundamental que faz o organismo funcionar”. (p. 269).

h) *O organismo é autocontrolado. Em seu estado normal move-se em direção ao desenvolvimento propício e à independência de controles externos.* (ROGERS, 2001[1977], p. 270, grifo nosso).

Em suma, é essa motivação a função mais básica do organismo. Ela é “uma tendência para a *auto-regulação* fora do controle exercido por forças externas”. (p. 270, grifo nosso). É esse postulado que caracteriza o cerne do pensamento político e coletivo de Rogers (2001[1977]), que buscava usar as evidências advindas da biologia moderna para apoiar sua noção de tendência à realização e trazê-la para diversos campos de aplicação. A lógica disso pode ser pensada com arrisco nos seguintes aportes (ROGERS, 2001[1977]):

- Todo ser humano, em um plano individual, parece seguir o direcionamento da tendência à realização, sempre que se dirigir a realizar suas potencialidades;
- Essa potencialidade já existente no humano é o que a psicoterapia, o grupo e qualquer outra aplicação da ACP buscam facilitar. Isso implica em propiciar condições de crescimento;
- Esse alinhamento entre a direção do organismo em sentido à realização de suas potencialidades e os fluxos da tendência à realização permitem

observar resultados mais construtivos e positivos do ser humano em suas diversas relações consigo, com o mundo e com a natureza;

- Não se pode “forçar” nenhum organismo a se desenvolver de um modo externo, pois suas condições de crescimento lhe são internas;
- Em vez de se acomodar a satisfações simples, o organismo tende a buscar um ambiente com estímulos mais enriquecedores do que empobrecidos, se lhe for dada a oportunidade de realizar suas potencialidades internas; e
- Logo, o organismo não busca reduzir seu estado de tensão ou tende para um estado de ausência de estimulação. Mesmo privado de estímulos externos, o organismo é capaz de produzir um fluxo de estímulos internos, o que permite inferir que, mesmo em um estado homeostático, o organismo está sempre disponível para realizar algo.

i) *O organismo humano é responsável por sua manutenção e desenvolvimento. Porém a tendência à realização não engloba o desenvolvimento de todas as potencialidades do organismo.* (ROGERS, 2001[1977], p. 272, grifo nosso).

Somente em circunstâncias incomuns o organismo pode desenvolver e auto-realizar potencialidades (auto)destrutivas. A tendência à realização possui uma direção seletiva para as potencialidades construtivas. Este é o substrato de toda a motivação humana, mesmo que seu comportamento seja destrutivo (ROGERS, 2001[1977]).

O fato é que o organismo sempre busca se realizar o quanto pode, e em qualquer escala de necessidades, básicas ou complexas. Conforme isso ocorre, o organismo muda a sua relação com o ambiente (ROGERS, 2001[1977]). Aliada a essa concepção, Rogers (2001[1977]) ainda elabora uma concepção holística do organismo, que pode ser resumida em uma crença “[...] na existência de uma fonte central de energia no organismo humano; em que ela é uma função fidedigna de todo o organismo e não de uma parte apenas dela”. (p. 273).

É o desenvolvimento dessa proposição o fundamento que torna a pessoa apta, em seus poderes, a manter relações interpessoais, políticas e ambientais satisfatórias e realizadoras.

No que concerne às realizações destrutivas presentes nas relações intra-humanas (da pessoa consigo mesma), e inter-humanas (da pessoa com outras pessoas), que resultam em

guerras e conflitos interculturais, Rogers (2001[1977]) as considera como “alienações organísmicas”, cujos conflitos e tensões surgem de uma brecha entre o organismo e o eu (*self*).

Dado que o organismo possui um sistema motivacional que pode levá-lo a comportamentos e realizações construtivas ou destrutivas, e que a expressão de ambos pode ocorrer tanto no plano perceptivo quanto subceptivo (abaixo de um nível de percepção consciente), Rogers (2001[1977], p. 274) recorre à sabedoria organísmica como via de acesso a um comportamento integrado e auto-regulador, dirigido à manutenção e à satisfação, e que isso lhe parece ser mais a lei da natureza do que a sua exceção.

Ocorre, também, que processos adaptativos perfeitamente auto-regulados ao ambiente podem prejudicar o organismo tanto quanto um desajuste organísmico, caso haja alguma mudança brusca no ambiente. Mesmo assim, para Rogers (2001[1977], p. 274), a vida corrige esses erros (por mecanismo de adaptação, ajuste e mutação), fluindo nas mais diversas formas de manifestação, produzindo um sentido que lhe é direcional à tendência à realização.

j) *[N]o ser humano – talvez particularmente em nossa cultura – a potencialidade para a consciência de seu funcionamento pode tornar-se persistentemente distorcida de modo que a aliene, de verdade, de sua experiência orgânica.* (ROGERS, 2001[1977], p. 275).

Esta proposição assegura que o ser humano conta com a *consciência* como uma faceta evolutiva do organismo, o que lhe permite reconhecer, identificar e iluminar os elementos que afetam o seu funcionamento, além de lhe permitir conhecer o seu ambiente. Essa consciência, todavia, pode se tornar distorcida em nossa cultura, de modo a se direcionar para um objetivo, enquanto a experiência organísmica se dirige para outro (ROGERS, 2001[1977]).

Com suporte nessa reflexão, Rogers (2001[1977]) pensa o lugar da consciência no organismo. Em suas palavras:

[...] vejo-me tentado a considerar de novo o lugar e função da consciência na vida. A capacidade de concentrar a atenção consciente parece ser um dos desenvolvimentos evolutivos mais recentes de nossa espécie. É um minúsculo cume de consciência, de capacidade simbolizadora, encimando uma vasta pirâmide de funcionamento orgânico não-consciente [...]. O próprio topo da fonte é intermitentemente iluminado pela luz hesitante da consciência, mas o fluxo constante da vida continua também na

escuridão, tanto em caminhos não-conscientes quanto em caminhos conscientes. (p.275).

E ressalta:

Na pessoa que está funcionando bem, a consciência tende a ser algo reflexivo, em vez de um penetrante ponto de atenção focalizada. Talvez seja mais exato dizer que em tal pessoa a consciência é simplesmente um reflexo de algo do fluxo do organismo, naquele exato momento. Somente quando o fluxo é interrompido, surge uma percepção rigorosamente autoconsciente. (ROGERS, 2001[1977], p. 275).

Reconhecendo que o seu pensamento se aproxima de Lancelot Whyte, Rogers (2001[1977]) frisa que a função da autoconsciência é eliminar o conflito que se instaura da tensão entre o organismo e o ambiente, seja por via da modificação do ambiente ou por uma alteração do comportamento do organismo. Nesse aporte, a função auto-reguladora da autoconsciência do organismo surge para identificar e eliminar os fatores que a evocam.

É nessa perspectiva que Rogers (2001[1977]) defende a idéia de que o organismo é mais sábio do que o seu intelecto, e que uma abertura para as experiências orgânicas é um recurso sábio para o humano guiar suas ações. Em um aspecto ainda mais ampliado, Rogers (2001[1977], p.277), valendo-se do pensamento de Whyte, frisa que a maioria das manifestações de vida orgânicas e inorgânicas acontece e se desenvolve sem a “preocupação consciente” e sem uma autoconsciência da singularidade de sua história. Logo, esse mesmo processo vital de crescimento perpassa pelo humano, quer ele esteja consciente ou não, e sua mente é fruto disso.

Rogers (2001[1977]), no entanto, aponta para outro ponto de vista sobre a função da consciência na vida. Para o autor, a incongruência (fonte de várias desorganizações psíquicas e orgânicas) surge também da mesma forma que a autoconsciência, ou seja, de uma tensão entre o organismo e o ambiente.

Eis a explicação para a destrutividade humana - a interiorização de valores e condições de valia no organismo e na formação do eu (*self*). Nessas interiorizações, a pessoa passa a acreditar que os elementos valorativos são seus e não admite certas emoções, sentimentos e sensações da consciência. Então, o organismo, pela função da consciência, fica impedido de examinar e avaliar as próprias experiências, distorcendo-as e se dissociando delas; esse funcionamento canaliza uma auto-regulação para comportamentos não-realizadores e tomados como destrutivos (ROGERS, 2001[1977]).

Rogers (2001[1977]) passa a conceber a brecha entre a consciência e as direções do organismo como um condicionamento cultural que reforça comportamentos destrutivos e deturpadores das direções naturais da vida. Uma alienação organísmica não faz parte da tendência à realização, mas se configura como a base de toda patologia psicológica e social. Ainda mais, essas bifurcações de comportamentos em relação à tendência à realização podem ensejar sistemas dominantes em dados momentos históricos (ROGERS, 2001[1977]).

Para Rogers (ROGERS, 2001[1977], p. 280), contudo, a consciência e a autoconsciência que formam o eu (*self*), e simbolizam os valores no organismo, são partes da vida e “não seu senhor ou oponente”. Consequentemente, uma

Capacidade simbolizadora pode desenvolver-se como parte integrante da tendência à realização que existe em nós, tanto em nível consciente como não-consciente, e ser por ela guiada, então a harmonia orgânica não se perde nunca e torna-se uma harmonia e uma integridade humanas, simplesmente porque nossa espécie é capaz de um maior enriquecimento através de experiências do que qualquer outra. (p. 280).

k) *Tendo identificado as condições que estão associadas à restauração da unidade e a integração do indivíduo, deveríamos ser capazes de ir em frente e de identificar empiricamente os elementos que causam a dissociação e que bifurcam a tendência realizadora.* (ROGERS, 2001[1977], p. 281, grifo nosso).

Segundo Rogers (2001[1977]), em um mundo de incertezas, a maior fonte de conhecimento válido e confiança vem dos dados da experiência e de um exame adequado dos dados da experiência do mundo externo. Ao unificar essas experiências em um funcionamento pleno e direcionado para a tendência à realização, tem-se a melhor base para uma ação socialmente lúcida.

Um conhecimento científico que se apoia nessa premissa deve ser aberto para dados relevantes à elaboração de uma abordagem científica da vida, com direções sociais e políticas mais sensatas (ROGERS, 2001[1977]).

*Em resumo*

Ao fundamentar sua nova perspectiva, Rogers aprofunda a noção de organismo em sua relação com a tendência à realização. Este é o ponto diferencial entre a Abordagem

Centrada na Pessoa (ACP) em relação à Terapia Centrada no Cliente (TCC) e o Aconselhamento Psicológico Não-Diretivo (APND). Aprofundemos essas diferenciações.

O APND é um método que trabalha no plano de comunicação verbal e com a finalidade expressiva de fazer o indivíduo alcançar uma mudança de percepção (*insight*), permitindo-lhe uma reestruturação da experiência no dado momento da consulta psicológica (*counseling*). Essa reestruturação clarifica as emoções e os sentimentos do indivíduo, levando-o a ajustar-se ou adaptar-se criativamente a uma situação. Por esse foco, o APND não trabalha com várias sessões.

A TCC é um sistema teórico, conceitual e *psicoterapêutico*, que trabalha com a mudança de personalidade e, por isso, exige e demanda muitas sessões. Apesar de ter uma base organísmica e reconhecer a tendência à realização em suas proposições, a TCC enfoca mais os processos internos do cliente assim como esse os percebe e os avalia, de uma relação entre o organismo e o eu (*self*), reconhecendo que este último, por afetar as auto-regulações organísmicas, tem um papel crucial para organizar, desorganizar e reorganizar a personalidade do cliente.

A ACP radicaliza, entretanto, um processo facilitador de crescimento organísmico, que permite que a pessoa ou grupo possa entrar em contato com as próprias experiências e expressá-las como uma manifestação de vida; por não se restringir a trabalhar com reestruturação (APND) e ampliação (TCC) da experiência, para evocar *insights* e mudança de personalidade, pois a ACP enfoca uma mobilização das forças vitais presentes em todos os organismos vivos. Por isso, há possibilidade de uma atuação mais ampliada de trabalho com a mobilização de grandes grupos e resolução de conflitos interculturais, numa intensidade temporal e experiencial diferente do APND e da TCC.

A perspectiva de elaboração rogeriana, contudo, não cessa nessa última fundamentação da ACP. Ao tratar da vida, Rogers não se restringe à dimensão social e coletiva dos reinos do eu (*self*) e do mundo (sociedade, cultura e outros eus). E, ainda, no decorrer dessa ACP, muitas críticas foram tecidas a essa nova concepção de Rogers. Por que tal direção positiva que presentifica o fluxo da vida só é observada em seres vivos? (ROGERS, 1978).

Em resposta, Rogers inclui a terceira dimensão comportada pelos elementos da natureza e do universo, não necessariamente orgânicos, mas que interagem com as outras duas

dimensões. Tratemos desta última ACP que Rogers fundamentou sobre outras bases mais amplas do que o organismo e a tendência à realização.

### 3.4 A noção de organismo na fase da abordagem centrada na pessoa

Apenas um ano depois de lançar suas proposições sobre a base organísmica política e coletiva que fundamenta a Abordagem Centrada na Pessoa (ACP), Rogers começou a esboçar novos fundamentos para sua abordagem. A noção de organismo, porém, permaneceu pensada de uma tendência mais abrangente e universal do que a tendência à realização (ROGERS, 1978b). Nas palavras de Rogers (1983a),

Gostaria de destacar duas tendências que tiveram uma importância cada vez maior em meu pensamento, à medida que os anos passaram. Uma delas é a tendência à realização, uma característica da vida orgânica. A outra é a tendência formativa, característica do universo como um todo. *Juntas elas constituem a pedra fundamental da abordagem centrada na pessoa* (p. 38, grifo nosso).

A prática, a teoria e a pesquisa deixam claro que a abordagem centrada na pessoa baseia-se na confiança em todos os seres humanos e em todos os organismos [...] Podemos dizer que em cada organismo, não importa em que nível, há um fluxo subjacente de movimento em direção a realização construtiva das possibilidades que lhe são inerentes. (ROGERS, 1983a, p. 40).

Rogers (1983a; 1983b) entende que a tendência formativa trata de uma orientação evolutiva e direcional que: está presente no universo; favorece maior ordem de complexidade e inter-relação; e perpassa todos os elementos orgânicos<sup>23</sup>, inorgânicos<sup>24</sup> e anorgânicos<sup>25</sup>. Pela tendência formativa a vida pode se expressar, tecer e criar formas e atividades, que fomentam novos funcionamentos de uma rede de elementos intrincados.

Percebe-se que Rogers (1983a) começa a formular essa perspectiva mais ampla, ao reconhecer que “Já temos conhecimento da complexidade cada vez maior dos organismos. Nem sempre são bem sucedidos em sua adaptação a um ambiente em constante mudança, mas a tendência à complexidade é sempre evidente”. (p.45).

<sup>23</sup> É expressa desde o funcionamento celular até o orgânico, da ameba ao humano e do conhecimento tácito do organismo até a consciência transcendente.

<sup>24</sup> Pedras, cristais, alguns ossos e conchas, por exemplo.

<sup>25</sup> Gravidade, magnetismo, raios solares e luzes lunares, por exemplo.

Na complexidade de interlocução entre perspectivas organísmicas e o funcionamento da vida, Rogers (1983a) aponta que a consciência tem um papel fundamental na relação do organismo com a tendência formativa. Segundo ele,

Tudo indica que o organismo humano vem progredindo em direção a um desenvolvimento cada vez mais pleno da consciência. É neste nível que surgem inovações e talvez até mesmo novas direções para a espécie humana [...] É aqui que escolhas são feitas, que as formas espontâneas são criadas. Talvez aqui estejamos diante da mais desenvolvida das funções humanas. (p. 46).

Na relação entre organismo, consciência e tendência formativa, Rogers (1983a) desenvolve uma solução para a “alienação organísmica” presente na tensão entre organismo e ambiente, e nas simbolizações distorcidas por uma autoconsciência. Nas palavras dele,

Alguns de meus colegas afirmam que a escolha organísmica – a escolha não-verbal, subconsciente, do modo de ser – é guiada pelo fluxo evolutivo. Concordo com essa afirmação e vou até mais além. Em ressaltar que, na prática psicoterapêutica, aprendemos algo sobre as condições psicológicas que propiciam o aumento desta capacidade tão importante que é a consciência de si. Havendo maior autoconsciência torna-se possível uma escolha mais bem fundamentada, uma escolha livre de introjeções, uma escolha consciente mais em sintonia com o fluxo evolutivo [...] Quanto maior essa consciência, mais a pessoa flutuará segura numa direção afinada com o fluxo evolutivo. (p. 46).

Por conseguinte,

O importante é que quando uma pessoa está funcionando plenamente, não há barreiras, inibições que impeçam a vivência integral do que quer que esteja presente no organismo. Esta pessoa está se motivando em direção à inteireza, à integração, à vida unificada. A consciência está participando da tendência formativa, mais ampla e criativa. (ROGERS, 1983a, p. 46-47).

Nessa perspectiva, é evidente que Rogers redefine a base de seu *fieri* teórico, ao definir *tendência formativa* por meio da seguinte hipótese – entendida como a proposição fundamental desta fase:

Defendo a hipótese de que existe uma tendência direcional formativa no universo, que pode ser rastreada e observada no espaço estelar, nos cristais, nos microrganismos, na vida orgânica mais complexa e nos seres humanos. Trata-se de uma tendência evolutiva para uma maior ordem, uma maior complexidade, uma maior inter-relação. Na espécie humana essa tendência se expressa quando o indivíduo progride de seu início unicelular para um funcionamento orgânico complexo, para um modo de conhecer e de sentir abaixo do nível de consciência, para uma consciência transcendente da harmonia e da unidade do sistema cósmico, no qual se inclui a espécie humana.

É muito provável que essa hipótese seja um ponto de partida para uma teoria humanística. Mas ela é, sem dúvida, o fundamento da abordagem centrada na pessoa. (p.50).

Rogers (1983a) esclarece que “Essa tendência se confirma ainda mais quando descobrimos que ela não se encontra apenas nos sistemas vivos, mas faz parte de uma poderosa tendência formativa do nosso universo, evidente em todos os seus níveis”. (p.50).

Destarte, o *fieri* teórico da ACP estabelece uma fundamentação da noção de tendência formativa. Segundo Rogers (1983a),

Estamos descobrindo uma tendência que permeia toda a vida orgânica – uma tendência para se tornar toda a complexidade de que o organismo é capaz. Em uma escala ainda maior, creio que estamos sintonizando uma tendência criativa poderosa, que deu origem ao nosso universo, desde o menor floco de neve até a maior galáxia, da modesta ameba até a mais sensível e bem-dotada das pessoas [...] No meu entender, este tipo de formulação é o princípio filosófico fundamental de uma abordagem centrada na pessoa. Ela justifica meu engajamento com *um modo de ser que ratifica a vida*. (p.49-50, grifo nosso).

Com a inclusão da tendência formativa se faz necessária, para se pensar a ACP, atualizar a Figura 2. A seguir, a Figura 3<sup>26</sup> cumpre essa função:

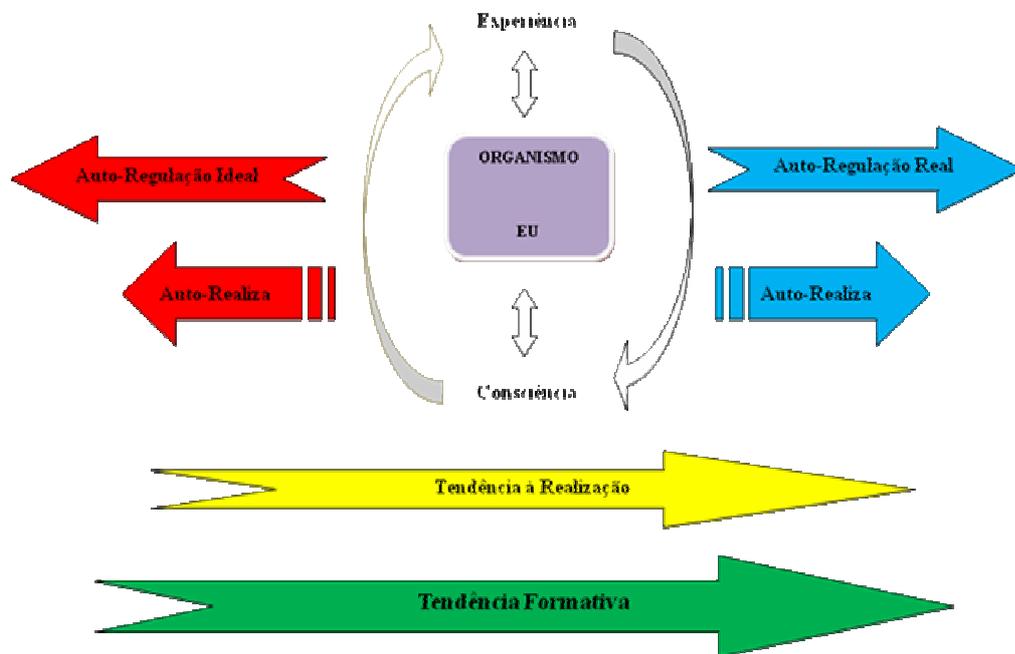


Figura 3 As relações do organismo com a tendência formativa

<sup>26</sup> O mesmo comentário da Figura 2 vale para esta Figura (ver o rodapé 14 na página 43).

Os pontos diferenciais dessa representação esquemática em relação ao anterior (Figura 2.2) se dão pelos seguintes fatores:

(a) Em qualquer direcionamento auto-regulatório do organismo existe, a possibilidade de ele se realizar de seus recursos e potencialidades, no entanto, uma auto-realização que segue o direcionamento de uma Auto-regulação Real está mais alinhada ao direcionamento construtivo e favorecedor da tendência à realização, por sua vez alinhada aos processos formativos, que incluem os elementos orgânicos, inorgânicos e anorgânicos. Esse alinhamento presentifica uma retificação da vida e da criação de formas de manifestações desses elementos, nas dimensões da personalidade, das relações humanas e da natureza.

(b) Na relação complexa dos reinos do eu (*self*), da inter-relação e da natureza, o organismo e a personalidade não estão funcionando sozinhos, pois estão sendo afetados e afetando toda uma rede complexa de vida, a todo o momento.

Em uma perspectiva individual, o organismo funciona mediante as suas *auto-regulações* que se vinculam a uma personalidade constituída por um eu (*self*). Numa perspectiva estendida às relações humanas, o organismo se relaciona com outras personalidades e com toda uma rede organísmica que influencia funcionamentos coletivos, políticos e a auto-realização dos que estão envolvidos em acordo ou desacordo com a *tendência à realização*. Por fim, em uma perspectiva ampliada, o organismo se relaciona, por *tendência formativa*, com toda uma rede de ecomunidades de organismos orgânicos e inorgânicos, os quais sempre estão interagindo em um sistema complexo que envolve também influências anorgânicas.

Um exemplo da relação entre essas três perspectivas se deu no recente terremoto que ocorreu no Haiti, no dia 13/01/2010. Energias telúricas que envolvem gravidade e magnetismo (elementos anorgânicos) foram liberadas sob a Terra (elemento inorgânico) de Porto Príncipe (organização política e coletiva), afetando a vida de milhares de habitantes (elementos orgânicos) que se organizavam nesse lugar. Mais ainda, o fato causou uma comoção que transcendeu os limites geopolíticos desse sistema, de forma a afetar e mobilizar outras pessoas ao redor do Planeta. O mesmo exemplo se deu no recente desabamento de terra ocorrido em Angra dos Reis, no dia 01/01/2010. Diversas casas construídas sobre um morro foram destruídas, matando dezenas de pessoas e gerando toda uma mobilização e comoção

nacionais. Foi atestado o fato de que algumas casas estavam assentadas de forma irregular em um terreno inapropriado, mas belíssimo.

Ora, a apropriação humana (regida pela auto-regulação da personalidade) acredita poder construir moradias de aluguel em um morro com acesso para o mar (uma manifestação impactante de uma expressão formativa da natureza sobre o homem que a toma como bela), gerando uma rede de trânsito de pessoas nessa região que foi tomada como um polo turístico (relações humanas e políticas). Mesmo com as devidas providências, contudo, as manifestações humanas não conseguiram controlar as manifestações formativas da natureza, expressas em chuvas (ciclos hídricos e térmicos) em contato com a terra (ciclos geoquímicos).

Em suma, na perspectiva mais ampliada que se vincula a última fase do *feri* teórico de Rogers, o organismo não é apenas uma sede isolada dos fenômenos humanos (desde os fisiológicos até os simbólicos), e não é somente uma totalidade relacional que se liga a outros organismos e sistemas vivos. Englobando as antigas concepções dos *feris* teóricos das fases anteriores, o organismo se vincula a uma rede de elementos orgânicos, inorgânicos e anorgânicos.

A tendência que o organismo tem para presentificar e interagir nessa rede complexa Rogers (1978b, 1983a) denominou de *Tendência Formativa* (TF), que pode ser representada como uma tendência maior que se relaciona com a *Tendência à Realização* (TR) e as *Auto-regulações* (AR) do organismo, que se vinculem a uma personalidade ou não.

A Figura 4 representa essas três tendências tidas como os três fluxos da vida que passam pelo organismo.

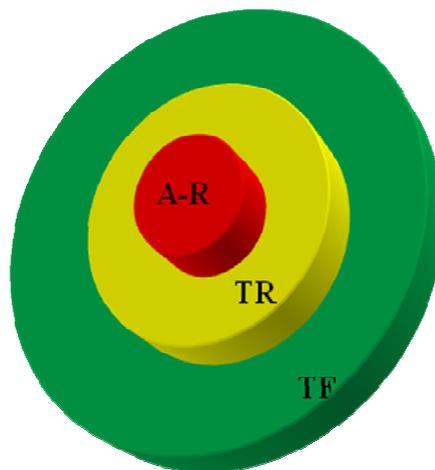


Figura 4. Os três fluxos da Vida.

Portanto, é por esta última via de fundamentação que Rogers (1978b, 1983a, 1983b) acreditou no potencial humano para se desenvolver, estabelecer relações plenas e criar experiências profundas de transformação, intuição e interconexão com o universo. O ser humano é capaz, por um viés organísmico, de transcender e ter contato com outras manifestações da vida para adentrar um nível mais profundo e integrado de compreensão do universo.

## CAPÍTULO 4 – AS INFLUÊNCIAS QUE EXERCERAM IMPACTO NA CONCEPÇÃO ORGANÍSMICA DE ROGERS DURANTE A FASE DE ACONSELHAMENTO NÃO-DIRETIVO

### 4.1 O funcionalismo dos Estados Unidos e as das escolas de Chicago e Columbia

Em uma entrevista, Richard Evans (1979[1975]) perguntou a Carl Rogers: - “O senhor já havia sugerido que as escolas existencialistas formais não o influenciaram diretamente, pelo menos no início de sua carreira. Que idéias o influenciaram desde o começo?” (p. 119). Rogers respondeu: - “As de John Dewey, certamente. Nunca trabalhei diretamente com ele, mas trabalhei com um seu ardoroso seguidor, Kilpatrick”. (p. 119).

Rogers concluiu o Ph.D em Psicologia Clínica no *Teachers College* da Universidade de Columbia, em 1928. No período de formação o autor revela:

Nessa época a influência de *John Dewey* estava em seu apogeu e fui iniciado em suas concepções por seu discípulo *W. H. Kilpatrick*. Foi igualmente no *Teachers College* que descobri a psicologia clínica através do ensinamento impregnado de bom senso e de calor humano, de *Leta Hollingworth*. (ROGERS, 1977a[1959[1962]], p. 146, grifo nosso).

Iniciei os meus trabalhos clínicos práticos com crianças, sob direção de *Leta Hollingworth*, uma pessoa sensível e prática. Fui me atraindo por esse trabalho de orientação infantil e, pouco a pouco, sem quase nenhum esforço de adaptação, passei para o campo de trabalho psicopedagógico e comecei a pensar em tornar-me psicólogo clínico. (ROGERS, 1997, p. 10, grifo nosso).

O funcionalismo (MARX; HILIX, 1976) foi uma perspectiva de ciência psicológica que se desenvolveu fundamentalmente em duas universidades ianques, concomitantemente, a de Chicago e a de Columbia, e teve como fundadores os psicólogos John Dewey (1859-1952) e James Angell (1869-1949).

Podemos situar, antes dessas fundações, as influências britânicas dos estudos das diferenças individuais, testes mentais e estatísticos de Francis Galton (1822-1911), a Teoria Evolucionista de Charles Darwin (1809-1882) e os estudos de comportamento animal de George Romanes (1852-1936) (MARX; HILIX, 1976).

Essas influências chegam diretamente aos precursores do funcionalismo, James Cattell (1860-1944), William James (1842-1910) e Edward Thorndike (1874-1949), os quais

foram, respectivamente, pesquisadores das Universidades de Columbia, Havard e Columbia (MARX; HILIX, 1976).

Dewey se destaca nesse breve panorama de desenvolvimento da Psicologia estadunidense,

Em 1897, James Rowland Angell [...] ingressou na nova Universidade de Chicago como diretor do recém-formado departamento de psicologia. No mesmo ano, John Dewey, que foi seu superior durante dez anos, veio para Chicago, como professor de filosofia.

[...] Dewey, embora tivesse sido antes filósofo havia trabalhado num dos primeiros laboratórios psicológicos dos Estados Unidos, o de G. Stanley Hall, [...] e já estava desenvolvendo a linha de pensamento que o conduziria ao seu trabalho sobre educação e sobre as ciências políticas e sociais. (HEIDBREder, 1981, p. 178).

Em decorrência das pesquisas de John Dewey e Angell, “[...] a Universidade de Chicago tornou-se rapidamente um centro de estudo da psicologia e sede de uma nova escola, o *funcionalismo*”. (HEIDBREder, 1981, p. 178, grifo nosso). Nesse florescimento, ressaltamos, foi “Dewey quem enviou Angell [...] para Harvard, a fim de estudar com James”. (MARX; HILIX, 1976, p. 198).

Nos dez anos em que permaneceu em Chicago, Dewey (MARX; HILIX, 1976) “Desenvolveu uma posição organísmica, sublinhando o comportamento como uma coordenação total que adapta o organismo a uma situação”. (p. 199). Acerca dessa posição, ele defendeu a ideia de que o comportamento deve ser enunciado tal como funciona e que o seu funcionamento não pode ser reduzido a um simples sistema de estímulo-resposta, pois essa análise elementarista desconsiderava o funcionamento total do organismo.

Em 1896, Dewey publicou o artigo “*The Reflex Arc Concept in Psychology*”, considerado o ponto de partida do funcionalismo. Para Dewey (1971[1986]), ainda que exista um circuito sensorio-motor que funciona num sistema arco-reflexo presente no organismo, há um circuito mental de conteúdos e valores, que não representam uma substituição de um estímulo sensorial por uma resposta motora. Portanto, a teoria do arco-reflexo é uma simplificação da ação humana, de forma que o organismo não é um receptor passivo de estímulos, mas é ativo ao percebê-los.

Dewey (1971[1896]) considerou que a teoria do sistema arco-reflexo “não é nem física (ou fisiológica) nem psicológica; é uma suposição mista de materialismo e espiritualismo”. (p. 398). Esse dualismo não serve à Ciência Psicológica, por deixá-la desconexa do ponto de vista da espécie humana e da consciência madura. A Psicologia

necessita de outro princípio de ciência que inclua a existência psíquica, fisiológica e ambiental dentro de uma totalidade unificada (DEWEY, 1971[1896]).

Em comentário a esse artigo, Heidbreder (1981) comenta:

O estímulo e a resposta foram distinguidos, responde Dewey, por causa dos papéis diferentes que desempenham na coordenação total da busca ou para manter um fim ou objetivo; por causa de seu significado prático de adaptar o organismo às circunstâncias do momento (p. 186).

Então é a coordenação total, e não qualquer parte da mesma, que o psicólogo deve tomar como sua unidade [...] A coordenação total que, por acaso estejamos considerando no momento não pode ser separada do seu ambiente, do mesmo modo que o estímulo e a resposta não podem ser separados da coordenação completa na qual se verificam. (p. 187-188).

Destarte,

Os dois pontos principais enunciados por Dewey eram que o comportamento deve ser considerado tal como funciona e que deviam ser usadas unidades molares para evitar um excesso de análise elementarista. O primeiro ponto marcou o início da escola de Chicago da psicologia funcional e o segundo ponto foi uma formulação gestaltista, *vinte anos antes de existir a psicologia da Gestalt*. (MARX; HILIX, 1976p. 200, grifo nosso).

Após esses estudos em Psicologia, Dewey migrou para estudos em Educação e Filosofia, elaborando um programa de educação progressista. Ele “foi o responsável pela aplicação do pragmatismo à educação – a noção de que educação é vida, aprender é fazer, e de que o ensino deve estar centrado mais no estudante do que na matéria a ensinar”. (MARX; HILIX, 1976, p. 200).

Em 1904, Dewey transferiu-se para o *Teachers College* da Universidade de Columbia, permanecendo lá até sua aposentadoria, em 1930. Apesar dos diversos escritos, “Dewey nunca escreveu uma exposição sistemática da psicologia funcional, embora seus princípios estejam implícitos em seus muitos escritos”. (HEIDBREDER, 1981, p. 185).

Nessa universidade, o funcionalismo desenvolveu outra escola, onde se destacaram as pesquisas de Leta Stetter Hollingworth em Psicologia Clínica e Educacional com crianças (SCHULTZ; SCHULTZ, 2007). Os trabalhos dessa psicóloga foram importantes e pioneiros para o desenvolvimento de pesquisas em Psicologia Clínica (GOODWIN, 2005).

Com a saída de John Dewey, Angell deu esclarecimento e prosseguimento às concepções deweyanas. Ao elaborar os princípios da Psicologia Funcionalista, esse autor reconhece que esta psicologia deve “discernir e apresentar as operações típicas da

consciência, sob as condições reais, em vez de tentar analisar e descrever seu conteúdo elementar e complexo. (ANGELL, 1971[1907], p.619).

Para Angell (1971[1907]), esta nova Psicologia tem como objeto de estudo a atividade mental como parte de uma corrente maior de forças biológicas que operam a toda hora: “Esse é o ponto de vista que imediatamente coloca o psicólogo lado a lado com os biólogos [...] a mente desempenha um papel principal em todas adaptações ambientais de animais que a possuem”. (ANGELL, 1971[1907], p.623).

A ênfase nos processos mentais conscientes revela-se importante para investigar como o organismo se adapta e se comporta, pois:

É quando o organismo está *formando* um hábito, quando a coordenação não está ainda sob controle, que a consciência geralmente aparece. Por outro lado, a consciência tende a se afastar de um hábito *fixado*; é sabido que as reações inteiramente apreendidas tendem a se tornar automáticas. E a consciência não só está normalmente presente quando o organismo está se adaptando ao seu meio ambiente, mas o seu sinal característico no comportamento visível é a ‘variação seletiva da resposta ao estímulo’. (HEIDBREder, 1981, p. 192).

No que se refere à relação entre consciência e organismo, a Psicologia Funcional não é psicofísica e dualista, pois o “seu interesse fundamental é verificar as relações entre a parte física e a parte mental do organismo”. (ANGELL, 1971[1907], p.625).

Em acréscimo, Figueiredo (1991a) assinala que o movimento da Psicologia Funcionalista estadunidense possui como fundamentos o fato de que

[...] os seres vivos ao se comportarem exibem uma intencionalidade que pode ser objetivamente caracterizada: seus comportamentos distinguem-se claramente dos movimentos mecânicos dos seres inertes por serem articulados e hierarquizados visando uma meta e por estarem submetidos a sistemas de auto-regulação que garantem a persecução da meta diante de resistências interpostas pelo ambiente. Os comportamentos não são movimentos - são *operações*. A mesma categoria se aplica aos fenômenos mentais: a consciência, por exemplo, é uma operação seletiva e auto-reguladora de táticas comportamentais. Uma operação pressupõe um interesse e a identificação dos interesses corresponde à análise funcional dos processos psicológicos e comportamentais. Esta identificação reclama o estudo das funções em situação natural que é aonde os interesses podem se manifestar na produção de seus resultados adaptativos (p. 78, grifo do autor).

Neste pensamento, situam-se as principais noções que se inscrevem na concepção de organismo. Destacam-se: comportamento, intencionalidade, meta, auto-regulação, ambiente, operações, adaptação, consciência, seleção, funções, situação natural e manifestação de interesses.

Nos anos de Columbia, Dewey continua a seguir a concepção funcionalista, porém não mais sob uma égide psicológica, mas filosófica. Dewey (WAAL, 2007) tentou usar da lógica funcionalista para tecer uma crítica à Filosofia clássica que, segundo ele, reduzia toda experiência a objetos de contemplação, distanciando o conhecimento da experiência.

Dewey (WAAL, 2007) começa a propor um paradigma de conhecimento em que este não é restrito a um cientista ou filósofo que contempla um objeto, mas se trata de uma emergência de um problema concreto que exige uma resposta concreta para resolver conflitos. Para o autor, a experiência é uma *reflexão* do vivido, que aparece quando há um problema ou tensão. Se isso não ocorre, não há pensamento.

Para refinar tal proposta, Dewey (WAAL, 2007) se aproxima da Filosofia pragmatista de Charles Pierce e William James, em especial, da teoria da dúvida e da crença, de Pierce. Ao transformar esses dois temas filosóficos em termos de um organismo que busca manter o equilíbrio homeostático e crescer mediante o seu ambiente, Dewey situou os problemas filosóficos em termos funcionalistas. Nessa busca, a *reflexão* é uma inquirição do que o organismo vive em prol de expressar um problema e agir sobre a sua situação.

Com essa perspectiva, Dewey (WAAL, 2007) fundou um *Zeitgeist* pragmatista com inspiração funcionalista na Universidade de Columbia. Cabia aos cientistas e filósofos não ficarem presos a abstrações em suas escrivatinhas, mas elaborarem modos de práticas que fossem úteis à resolução de problemas e ao desenvolvimento do organismo. O pragmatismo de Columbia “[...] cresce do desenvolvimento de métodos experimentais e de concepções genéticas e evolutivas na ciência”. (DEWEY apud WAAL, 2007, p. 169).

Considerando o pragmatismo como uma pluralidade de experiências em que não faz sentido perguntar se algumas delas são mais reais do que as outras, Dewey elaborou uma filosofia voltada para a reflexão das experiências do organismo como fonte para uma assertividade garantida da verdade. Tudo o que se passa pelo organismo “não são objetos mas meios, instrumentalidade, de conhecimento: coisas das quais conhecemos em vez de coisas que conhecemos”. (DEWEY apud WAAL, p. 166).

Finalmente Dewey apresentou, em *How We Think* (1910), o seu pragmatismo funcionalista, ao afirmar que

[O pragmatismo] inicia de fatos, funções, como dados primários, funções que são em caráter, tanto biológico como sociais; inicia de respostas orgânicas, ajustamentos. O pragmatismo trata o ponto de vista do conhecimento, em todos os seus padrões, estruturas e propósitos, como se evoluísse da orientação e do

enriquecimento dessas funções primárias e como se operasse no interesse dessa orientação e desse enriquecimento. (DEWEY apud WAAL, 2007, p. 167).

Dewey tinha, pois, uma posição anti-intelectualista – não confundir com anti-intelectual – que objetava em favor de que a aquisição de conhecimento se dá na experiência do organismo por meio da reflexão, como uma função original para resolver situações conflitantes e tensões que perpassam por emoções, sentimentos e interesses. Segundo Dewey (apud WAAL, 2007):

Meu pragmatismo afirma que a ação está envolvida no conhecimento, não que o conhecimento está subordinado à ação ou à prática [...] O pragmatismo simplesmente busca reintegrar o conhecimento com o mundo em que vivemos [...] considera tanto o conhecimento como a verdade pontes que nos tornam capazes de nos aproximar de nossos propósitos. (p. 168).

Ao unir a lógica funcionalista com a Filosofia pragmatista, Dewey (1959a) dá uma nova luz para a natureza da experiência e da mente, antes tidos pela Filosofia como receptáculos passivos do ambiente. Em suas palavras:

O efeito do desenvolvimento da biologia consistiu em inverter este quadro. Onde quer que há vida, há comportamento, há atividade, e para que a vida possa continuar, necessário se torna que essa atividade seja, a um tempo contínua e adaptada ao meio ambiente [...] esse ajuste adaptativo não é completamente passivo; não é simples questão de deixar o organismo se moldar pela ambiência [...] Não existe, no ser vivo, coisa que seja mera conformidade às condições. (p. 103).

Em decorrência dessa concepção,

Algumas inferências importantes daí decorrem para a filosofia. Em primeiro lugar, a interação do organismo com o meio ambiente, que redundou em alguma adaptação para melhor utilização deste meio ambiente [...] O conhecimento não é algo separado, e auto-suficiente, mas está implicado no processo pelo qual a vida se sustenta e envolve. (p. 105).

Quando a experiência se identifica com o processo vital e as sensações são tomadas como ponto de reajustamento, desaparece totalmente o suposto atomismo de sensações. Com este desaparecimento fica abolida a necessidade de uma faculdade sintética da razão superempírica para ligá-los. [...] A experiência contém em si princípios de conexão e de organização [...] antes do que epistemológicos são vitais e práticos. (DEWEY, 1959a, p. 107-108).

Logo, a experiência tem um caráter libertador por abrir-se para o novo e sair do costume, adentrando um esforço pelo progresso. Consequentemente (DEWEY, 1959a), “[...] a experiência se faz ela própria construtiva e auto-reguladora” (p. 110); e a ciência é algo que

“nasce e se comprova na experiência, e que, depois, é utilizado mediante a invenções para expandir e enriquecer por mil meios a experiência”. Então, toda racionalização científica deve ser posta à prova pela experiência. Ao contrário, serão apenas dogmas.

#### 4.1.1 O que Rogers assimilou e elaborou do funcionalismo e do pragmatismo

Nunca é demais frisar que Rogers se tornou psicólogo na Universidade de Columbia e desenvolveu pesquisas clínicas na Universidade de Chicago. Rogers (2005[1942]; 1992[1951]; 2001[1977]; 1983a) manteve uma perspectiva que tratou da relação entre organismo e ambiente, em seu caráter de ajustamento e adaptação (auto-regulação), sem recair no paradigma de estímulo-resposta. Ao refletir sobre a consciência (2001[1977]) e outras noções (1977a[1959[1962]]), o autor não se prendeu a estruturas e elementos, mas às suas funções mediante a organicidade da pessoa.

Rogers (1992[1954]; 1977e) também foi muito cuidadoso em não cair em questões filosóficas gerais do tipo “o que é realidade?” ou “o que é a verdade?”. O autor procurava sempre se restringir e manter-se leal ao campo perceptivo de seus clientes sobre a sua experiência, eu (*self*) e organicidade, como fontes de realidade e verdade. Mesmo ao se aproximar de filosofias existenciais, Rogers (1997[1961]; 1974) manteve-se fiel ao que ele assimilava destas baseado em sua experiência que, via de regra, estava mais para um reconhecimento e comprovação do que ele já sentia e fazia como psicoterapeuta.

Em retrospectiva de sua carreira, Rogers (1997[1961]) assume uma premissa que sintetiza uma posição, pragmatista ao acentuar que

[...] a experiência é, para mim, a suprema autoridade. A minha própria experiência é a pedra de toque de toda a validade. Nenhuma idéia de qualquer outra pessoa, nem nenhuma das minhas próprias idéias, tem a autoridade de que se reveste a minha experiência. É sempre a experiência que eu regresso, para me aproximar cada vez mais da verdade, no processo de descobri-la em mim [...] Se leio um estudo teórico de psicoterapia com um cliente, se tenho uma experiência direta de psicoterapia com um cliente, então o grau de autoridade cresce na mesma ordem em que foram relacionadas as citadas experiências. (28).

Rogers (1977e) ainda frisa:

Situado num ponto mais baixo da escala, eu colocaria aquilo que geralmente é considerado como uma fonte fundamental de aprendizagem: a página impressa. Temo que para mim, o maior valor da leitura se encontre no apoio que ela traz às minhas idéias. Reconheço que não sou um estudioso, que forma suas idéias a partir do que outros escreveram. No entanto, ocasionalmente, um livro não só vem a confirmar aquilo que eu estava pensando, mas também exerce sobre mim um poder de atração que ultrapassa essa confirmação. *Kierkegaard, Buber e Polanyi, por exemplo, estariam nesta categoria.* (p. 41, grifo nosso).

Ao situar a sua experiência como a pedra angular onde ele pode comprovar se todos os conhecimentos lhe são válidos ou não, Rogers (1997[1961]) recupera uma dimensão experiencial comum ao pragmatismo; porém ele foi claro ao tentar aprimorar e estender essas experiências por meio de pesquisas a outros, sem, no entanto, estar rígido caso elas não suportassem o seu exame experiencial e experimental (ROGERS, 1977a[1959[1962]]).

Em suma, a perspectiva de Rogers (1992[1951]; 1977a[1959[1962]; 2001[1977]) se aproxima de John Dewey (1959a), ao buscar apropriações do que se passa no organismo, para, a partir disso, reconhecer quais experiências e valores são autênticos ou não a ele e a sua construção de eu (*self*). Assim, as atitudes, percepções e sensações moleculares passam a ser molares e mais integradas com os princípios da vida.

As perspectivas de Rogers e Dewey (CASTELO BRANCO; CAVALCANTE Jr.; OLIVEIRA; 2008) convergem quanto à concepção de crescimento, no qual o organismo está imerso. Essa concepção compreende “[...] o crescimento como algo dinâmico, interacional e contínuo que se aplica a toda natureza e que nunca alcança um produto completo em si”. (p. 131). Eis por que “[...] a realidade pode ser continuamente (re)ordenada e (re)construída, de forma a permitir uma prática psicoterapêutica centrada nas experiências de cada indivíduo”. (p. 131).

Ambas as perspectivas, entretanto, divergem quanto à concepção de liberdade (CASTELO BRANCO; CAVALCANTE Jr.; OLIVEIRA, 2008). Para Rogers,

[...] a principal transformação não está no social, e sim na realização dos potenciais dos indivíduos que estão nela e que poderão construir uma sociedade melhor e mais justa. Isso seria uma das funções da psicoterapia [e de suas outras práticas]: libertar o indivíduo do controle social, de modo a respeitar as suas experiências. (p. 130).

Dewey acreditava que esse crescimento era externo ao indivíduo em razão das forças naturais e da sociedade, mas esse crescimento poderia ser moldado por meio da educação para atender certas finalidades humanas. Rogers não acreditava que se pudesse moldar o crescimento de um indivíduo e de algum organismo, por eles estarem imersos em

uma tendência à realização (CAVALCANTE Jr., 2008b). Para Rogers, no entanto, isso só pode ser confirmado caso haja no indivíduo uma abertura para si mesmo e para suas experiências. Essa é a única condição para o crescimento: “Deixar as coisas serem como elas são, sem tentar moldá-las, distorcendo a sua realidade”. (CASTELO BRANCO; CAVALCANTE Jr.; OLIVEIRA, 2008, p. 131).

Por fim, no que concerne à influência de Leta Hollingworth em Rogers, sabemos que ele iniciou sua predileção clínica e de pesquisas com crianças em razão da influência dessa pesquisadora. Em consequência disso, nos primeiros doze anos de psicólogo, Rogers (1978[1939]; 2005[1942]) se dedicou ao tratamento de crianças desajustadas.

#### 4.2 O funcionalismo europeu e seu desdobramento na Psicanálise dos EUA

Nos anos em que Rogers clinicou no *Institute for Child Guidance*, de 1928 a 1940, ele revela que,

Durante estes anos, diversos membros da clínica introduziam os pontos de vista do psicanalista *Otto Rank* e do grupo de psiquiatras e assistentes sociais – conhecido nos Estados Unidos, sob o nome de ‘Escola de Filadélfia’. Ainda que meu contato pessoal com Rank tenha se limitado a três jornadas de estudo, organizadas por nossa clínica, suas concepções exerceram uma profunda influência sobre meu pensamento [...] Mais precisamente as opiniões de Rank tiveram como resultado cristalizar certas concepções teóricas que eu já possuía em estado embrionário. Este encontro com Rank coincidiu, particularmente, com a época em que me sentia tornar mais competente, mais eficaz como terapeuta e em que começava a perceber uma certa ordem no processo terapêutico [...] ao contrário de certas teorias psicanalíticas – cujas proposições se afastam excessivamente de sua fonte experiencial – esta ordem não era mais alheia à experiência, e não devia ser imposta de fora (ROGERS, 1977a[1959[1962]], p. 147, grifo nosso).

Em 1942, ao se tornar docente da Universidade de Ohio, Rogers publica o seu primeiro livro que retrata inteiramente seu novo ponto de vista do aconselhamento psicológico. Nele Rogers (2005[1942]) ressalta que existe

[...] uma perspectiva mais atual que se desenvolveu a partir dos trabalhos de orientação infantil de crianças e de adultos. Representa, sob muitos aspectos (que adiante indicaremos), um ponto de vista fundamentalmente diferente. Estes novos conceitos têm as suas raízes em fontes muito diversas. Seria muito difícil mencionar todas. As teorias de *Otto Rank*, modificadas por Taft, Allen, Robinson e outros pesquisadores da ‘relação terapêutica’, constituem um ponto de partida importante.

A atual análise freudiana, que ganhou suficiente confiança para criticar os métodos terapêuticos de Freud e aperfeiçoá-los, é uma outra fonte. Inúmeros pesquisadores colaboraram, entre os quais o mais conhecido seja *Horney*. (p. 27-28, grifo nosso).

Ressaltamos que essas perspectivas neofreudianas surgiram num contexto de imigração de dissidentes de Freud aos EUA, onde suas ideias analíticas foram assimiladas e elaboradas desde uma base funcionalista. Assim, constatamos que:

[...] com o funcionalismo, a psicologia norte-americana passou por uma fase de seu desenvolvimento na qual reuniu e organizou muitas tendências já existentes, utilizando-as com tal êxito, que passaram para a prática generalizada. Considerar as atividades mentais bem como os conteúdos, pensar em função de adaptações e ajustamentos, observar os processos psicológicos em relação ao seu ambiente, encarar o homem como um organismo biológico adaptando-se ao seu meio ambiente – todos esses processos foram tão amplamente aceitos em psicologia que já não atraem atenção especial. (HEIDBREDE, 1981, p. 204).

Figueiredo (1991b) enfatiza que na Europa houve uma tendência funcionalista vinculada a estudos sobre instinto (etologia) e comportamento (no contexto organicista e psicofisiológico). Por ter sido apropriado por etólogos e psicofisiologistas, essa corrente se aproximou de uma concepção organísmica a qual postula que

[...] o organismo seria movido por impulsos instintivos que se acumulam e descarregam. O acúmulo de energias instintivas seria um processo endógeno que obrigaria o organismo a procurar (através de comportamentos aperitivos, finalistas, flexíveis, auto-regulados) as situações ambientais adequadas (estímulos desencadeadores inatos) à sua libertação (mediante comportamentos consumatórios estereotipados ou padrões fixos de ação). Temos aqui um mecanismo muito parecido com a redução de *drive* [impulso ou pulsão]. (FIGUEIREDO, 1991b, p. 91, grifo do autor).

Assim, as principais noções que se vinculam à corrente funcionalista europeia são: instinto, impulso ou pulsão, acúmulo e descarrego de energias, processos endógenos, procura por situações ambientais adequadas, libertação (de tensão).

Exemplo dessa tendência, a Psicanálise freudiana focou-se no conflito decorrente das forças pulsionais antagônicas e da função do aparelho psíquico em libertar-se das tensões que isso produz (FIGUEIREDO, 1991b).

Com o advento da emergência do nazismo e da Segunda Guerra Mundial, alguns dissidentes de Freud e psicopatologistas imigraram para os EUA. Em solo ianque observa-se uma nova concepção de *impulso*, na qual os conflitos entre “natural” (instinto) e “social” (civilização) dão lugar ao *ajustamento* e à *adaptação* do organismo ao ambiente. Houve,

ainda, uma ênfase na personalidade do indivíduo e suas esferas conscientes e autônomas (FIGUEIREDO, 1991b). Em um novo tratamento da teoria freudiana, houve uma tendência de analisar o funcionamento do eu mediante a sociedade.

Entre os psicanalistas dissidentes, Erich Fromm, Otto Rank, Alfred Adler e Karen Horney, estabeleceram-se na cidade de Nova Iorque, durante as décadas de 1920 e 1930. Adler e Fromm chegaram a ser docentes da Universidade de Columbia<sup>27</sup>, enquanto Rank e Horney tornaram-se populares em instituições clínicas e centros de aconselhamento (SCHULTZ; SCHULTZ, 2007). Em especial, nos deteremos a escolher acerca desses dois últimos.

Rank (1934) rompe com o reducionismo instintivo de Freud ao tratar o eu (*self*) como algo ativo e criativo. Para ele é “[...] nisso que, em suma, consiste a criação; ela se opõe à adaptação e deve ser considerada um fenômeno da vontade”. (p. 13). Segundo o autor, “[n]ós denominamos vontade a pulsão elevada pela consciência até a esfera do *eu*. Essa pulsão ainda que dirigida e dominada se manifesta livremente dentro da personalidade”. (p. 55, grifo do autor).

Por isso, Rank (1934) propõe um modelo de terapia baseado na realização consciente de escolhas, onde a vontade é uma força cósmica primitiva que atua no indivíduo e o faz transcender seus instintos para produzir os próprios ideais. Isso ocorre em virtude de uma tendência criadora que faz o eu (*self*) ascender em busca de realizar o que deseja, fazendo-o superar o instinto.

Seria esse eu (*self*) consciente e criador, e não inconsciente e instintivo. Por isso, cabe à terapia voltar-se para os sentimentos e emoções que acontecem no devido momento da relação terapêutica. É pela consciência que se apreende a vontade, constroem-se ideais e se avança sobre as forças naturais que fazem do homem um refém (RANK, 1934). Eis por que a proposta de Rank (1934) enfoca a compreensão do que acontece no momento imediato da terapia, evitando interpretações. Em suas palavras:

É possível escapar a essa eterna obsessão interpretativa, ou nos colocarmos por um instante fora dela? (p. 25).

Resta-nos pois, sob o ponto de vista psicológico, de reconhecer essas dificuldades. Talvez possamos ensaiar compreendê-las [...] Esse conhecimento não é uma compreensão interpretativa; é uma experiência imediata, uma f[or]ma de criação [...] Temos procurado, a todo momento, um meio de escapar a esse constrangimento interpretativo onde vontade e consciência se torturam mutuamente (p. 26-27).

<sup>27</sup> Fromm em 1934 e depois de 1940 a 1941, e Adler em 1927.

Haja vista que essa tendência criadora (RANK, 1934) “manifesta-se em todos, sob formas diferentes” e tem, ao mesmo tempo, algo de “superindividual, de primitivo, de cósmico, que possui um valor geral humano ou universal”, o problema da interpretação reside em perder esse caráter micro e macro cósmico que reside no indivíduo.

Rank (1934) ressalta que sua “[...] psicologia da vontade não é uma repetição da ‘vontade de poder de Nietzsche’” (p. 45), pois ela não é boa nem má, mas é um fato psicológico cujo caráter é construído pelo indivíduo. Ao tentar estabelecer uma relação que adentre isso “[...] devemos evitar introduzir julgamentos definitivos de valor, porque não lhe conhecemos a origem psicológica”. (p. 45).

O foco é o indivíduo no autodesenvolvimento e sua capacidade de “[...] se tornar, por si mesmo, o que é, e não se deixar modelar pela educação ou pela t[e]rapêutica psicanalítica, como acontece hoje ao cidadão que aceita, sem, protestar, todas as idéias e não tem vontade pessoal”. (p.47). Então, a relação terapêutica é construtiva no momento presente da relação, pois nela “O homem deve ser o que é, deve querer e fazer, sem constrangimento, sem justificação e sem excluir ou rejeitar a responsabilidade”. (p. 48).

Cabe à psicoterapia, portanto, trabalhar a adaptação do indivíduo ao seu real, fazê-lo aceitar e suportar a própria personalidade. Isso se faz quando o indivíduo aceita sua vontade no lugar de de negá-la (RANK, 1934).

Na década de 1930 e 1940, a influência de Horney se estendeu aos centros de aconselhamento estadunidenses. Ao chegar aos EUA, em 1932, ela trabalhou na direção do Instituto Psicanalítico de Chicago por dois anos. Em 1934, ela se muda para o Instituto Psicanalítico de Nova Iorque, mas, insatisfeita com a Psicanálise ortodoxa, funda a Associação para o Avanço da Psicanálise e o Instituto Americano de Psicanálise, ambos em Nova Iorque (HALL; LINDZEY; CAMPBELL, 2000).

Horney (HALL; LINDZEY; CAMPBELL, 2000) aspirava a eliminar os reducionismos biológico-mecanicistas de Freud, para focar uma psicanálise da realização das plenas capacidades do indivíduo. Ela procurava superar as teorias instintivas e genéticas freudianas com uma ênfase maior nos relacionamentos interpessoais, não somente permeados por impulsos sexuais, mas trazem padrões culturais e sociais que se internalizam nos indivíduos.

Esses padrões internalizados podem trazer alienações intrapsíquicas e interpessoais. Quando acontecem alienações decorrentes dessas internalizações, o indivíduo começa a ter perturbações psíquicas, havendo reações neuróticas de desamparo e busca pelo reconhecimento dos outros (HALL; LINDZEY; CAMPBELL, 2000).

Segundo Horney (HALL; LINDZEY; CAMPBELL, 2000), isso ocorre por uma carência e um medo de perder o amor desejado. Essa ansiedade básica produz necessidades excessivas de afeição, e, quando elas não são satisfeitas, surgem impulsos de hostilidade e autorrepressão, sentimentos de insegurança, inferioridade e desamparo. Tudo isso enseja no indivíduo um quadro irrealista e idealizado de si mesmo.

#### **4.2.1 O que Rogers assimilou e elaborou de Rank e Horney**

Para Rogers (1992[1951]), a abordagem de Rank utilizada na Escola de Filadélfia o influenciou, na época, por esta ser “[...] a extensão das experiências práticas com uma orientação terapêutica baseada principalmente na capacidade do cliente” (p. 17), ou seja, não-diretiva. Rogers (EVANS, 1979[1975]) reconheceu que não deu tanta importância à teoria de Rank, no entanto ele perfilha que: “[n]ão há dúvida que a minha ‘terapia’ foi influenciada pelo seu pensamento”. (p.59). Rogers se interessou mais pela postura clínica do que pela teoria de Rank.

Na percepção de Rogers (1978[1939]), “[...] essa terapia repousa muito mais sobre a atitude e os sentimentos do clínico do que sobre qualquer técnica específica empregada”. (p. 189). E declara: “Compreendendo-se que esse modo de terapia é basicamente emocional, mais do que intelectual [...] seu objetivo é propiciar um grau mais elevado de integração e *auto-realização*”. (p.181, grifo nosso).

Podemos perceber que Rogers assimilou alguns aportes rankianos na psicoterapia, como confiança no momento presente da relação como uma orientação para o crescimento e realização; ênfase nas emoções e sentimentos em vez de cognições; não-julgamento; uma postura mais compreensiva e menos interpretativa; e o enfoque no autodesenvolvimento e responsabilidade do cliente perante a sua situação.

Rogers (1978[1939]) criticou, porém, a terapia de Rank por seus critérios não serem científicos e por seu sucesso estar mais relacionado a uma sustentação de um ponto de vista filosófico do terapeuta, o que não ajuda a estabelecer uma ordem no processo psicoterápico e uma medição dos seus resultados.

No que concerne à teoria de Horney, é interessante notar como Rogers (1992[1951]) se assemelha a ela pela noção de condições de valia (valores). Quando um indivíduo se ajusta em favor de condições de valores que lhe foram impostas, ele pode desenvolver estratégias para pleitear uma não-perda de amor, mesmo que para isso ele tenha que assumir um eu ideal (HALL; LINDZEY; CAMPBELL, 2000).

Pretendemos, no próximo capítulo, aprofundar as relações de outros aspectos da teoria de Horney com o que Rogers desenvolveu na terapia centrada no cliente. Por enquanto, cabe frisar que Rank, Horney e Rogers estavam imersos em um período (décadas de 1930 e 1940) e em lugar (Nova Iorque), onde havia diversos analistas e conselheiros psicológicos buscando dar uma nova orientação para a psicoterapia, sem se limitar às teorias freudianas.

## CAPÍTULO 5 – AS INFLUÊNCIAS QUE EXERCERAM IMPACTO NA CONCEPÇÃO ORGANÍSMICA DE ROGERS DURANTE A FASE DE TERAPIA CENTRADA NO CLIENTE

### 5.1. O contexto em que a Psicologia dos EUA se desenvolveu: o cientificismo desse país

Ao se transferir, em 1945, para a Universidade de Chicago, Rogers (1992[1951]) elaborou um panorama de influências presentes na terapia centrada no cliente (TCC). Segundo esse autor,

[...] parece haver uma forte tendência ao estudo, desenvolvimento e utilização dos procedimentos que possam trazer ao homem moderno uma paz de espírito maior. Parece que à medida que se torna heterogênea, menos apoio a cultura dá ao indivíduo. Este não pode simplesmente repousar tranqüilo sobre os hábitos e tradições da sociedade em que vive ao descobrir que muitas das questões e conflitos básicos da vida estão centrados nele mesmo. Cada homem deve resolver, dentro de si mesmo, as questões pelas quais a sociedade sempre assumiu total responsabilidade. (p. 10).

Assim, a TCC “[...] se fundamenta em observações atentas, íntimas e específicas do comportamento humano em um relacionamento – observações que, segundo se acredita, até certo ponto transcendem as limitações ou influências de uma determinada cultura”. (ROGERS, 1992[1951], p. 11).

Rogers (1992[1951]) frisa, ainda, que

[...] a terapia centrada no cliente foi influenciado pela *psicologia que se desenvolveu nos Estados Unidos*, com seus talentos para as definições operacionais, as medições objetivas, sua insistência em métodos científicos e a necessidade de submeter todas as hipóteses a um processo de comprovação ou refutação dos objetivos. (p. 10-11, grifo nosso).

Vimos no capítulo anterior que a Psicologia funcionalista foi o primeiro modelo de Psicologia dos EUA, contudo, essa psicologia se desdobrou em uma psicologia aplicada que dominou praticamente todos os grandes centros acadêmicos estadunidenses (SCHULTZ; SCHULTZ, 2007).

Ora, se a Universidade de Chicago foi o berço do funcionalismo e Rogers (1992[1951]; 1969[1954]) se mudou para lá a fim de realizar pesquisas sobre sua nova concepção de psicoterapia, e como esta produz mudança de personalidade e comportamento, não é de se espantar que ele tenha aderido a essa herança.

É interessante notar que a Psicologia aplicada que se desenvolveu do funcionalismo teve como características centrais (SCHULTZ; SCHULTZ, 2007): ênfase nas dinâmicas da personalidade e do comportamento; caráter utilitarista voltado para o que funciona na prática; análises experimentais de funções da mente e do comportamento; uso de testes mentais; e utilização de procedimentos metodológicos consagrados.

Tais aplicações ocorreram em escolas, fábricas, centros jurídicos, centros de orientação infantil, centros de saúde mental, publicidade, clínicas de tratamento com militares etc. Havia um espírito intelectual e temperamento da época (*Zeitgeist*) que valorizava a Psicologia, aplicando-a nessas diversas áreas (SCHULTZ; SCHULTZ, 2007).

No campo da Psicologia Clínica, a situação não foi diferente, pois o mesmo ocorreu em pesquisas que avaliavam os tratamentos de comportamentos anormais e desajustados. Com a entrada dos EUA na Segunda Guerra, os programas de treinamento em Psicologia Clínica aumentaram, transformando essa área em uma ciência aplicada e dinâmica. Em especial após a morte de Freud, em 1939, houve uma tendência de pesquisar a Psicanálise em seus conceitos e aplicações (SCHULTZ; SCHULTZ, 2007).

Na Universidade de Chicago, Harvey Carr, um dos pioneiros do funcionalismo, cumpriu um mandato de direção do Departamento de Psicologia no período de 1919 a 1938, no qual firmou esse centro como um dos maiores expoentes da Psicologia aplicada dos EUA (SCHULTZ; SCHULTZ, 2007).

### **5.1.1 A relação de Rogers com o cientificismo dos Estados Unidos**

Para muitos psicoterapeutas anteriores a Rogers, o diálogo entre pesquisa científica e psicoterapia era algo impossível, dado que uma enfoca processos objetivos de verificação e validação e a outra se centra em processos subjetivos e, muitas vezes, imensuráveis aos padrões científicos.

Rogers (1992[1951]; 1969[1954]; 1997[1961]) buscou superar esse impasse. Ele se considerava um homem da ciência apaixonado por fatos e pesquisas, mas, ao mesmo tempo, e acima de tudo, era um psicoterapeuta em profunda relação com as pessoas. Ao tentar conciliar uma postura científica com uma atitude psicoterapêutica, ele começou a elaborar estudos que partiram de um conhecimento, o qual residiu em sua experiência clínica.

Para Rogers (1977a[1959[1962]]), um dos aspectos mais marcantes de sua pesquisa em psicoterapia é o caráter científico de seu desenvolvimento, que usa de aspectos objetivos para confirmar hipóteses subjetivas, e utiliza qualidades subjetivas para explicar dados objetivos. A crença de Rogers (1992[1951]) consistia em que a pesquisa científica poderia ser benéfica ao estabelecimento de um enfoque psicoterapêutico próprio às teorias psicológicas.

Tal ponto de vista serviria como meio para adentrar a experiência humana, com fins de facilitar um funcionamento mais pleno da pessoa diante das demandas de sua personalidade e do que é requisitado a ela por uma cultura.

Assim, Rogers desenvolveu formas de pesquisa em psicoterapia compatíveis com o sigilo profissional clínico. Juntamente com uma pesquisa rigorosa ao campo da Psicologia, ele destacou uma série de estudos empíricos e sistematizados para fundamentar suas ideias. Até 1953, Rogers já havia elaborado cerca de 50 estudos feitos entre psicoterapeutas e clientes adultos; em 1957 esse número cresceu para cerca de 122 trabalhos de pesquisa (GOBBI; MISSEL; JUSTO; HOLANDA, 2005).

Nesse profícuo solo acadêmico, a TCC surgiu como uma nova proposta de se fazer psicoterapia, redefinindo um novo lugar para a consulta psicológica, baseada em um corpo teórico e prático com hipóteses a serem testadas e postas à prova (ROGERS, 1977a[1959[1962]]).

Essa proposta é derivada de pesquisas aplicadas encabeçadas por Carl Rogers para responder algumas hipóteses sobre as aplicações psicoterapêuticas da TCC. Apesar disso, ele não trabalhou sozinho, mas contou com diversos colaboradores, os quais podemos citar (GOBBI; MISSEL; JUSTO; HOLANDA, 2005): (a) Raskin (estudos sobre o centro de avaliação da experiência); (b) Thetford (estudos sobre as relações entre o funcionamento do sistema nervoso autônomo e os efeitos da psicoterapia); (c) Bergman (estudos sobre os efeitos da interação verbal e relação do cliente com técnicas diferentes); (d) Butler & Haigh (estudos em mudanças produzidas na noção de eu e sobre as evoluções de sua percepção); (e) Halkides

(estudos sobre as relações qualitativas da relação psicoterapeuta e cliente); (f) Dymond (estudos sobre o ajustamento pessoal); (g) Schlien (estudos sobre psicoterapia de curta duração e longa duração); (h) Axline, Landisberg e Snyder (estudos aplicados a ludoterapia); e (i) Gendlin (estudos sobre comunicações subverbaís e a expressividade do psicoterapeuta).

Nesse escopo de pesquisas, o criador da TCC acreditou que os modelos operacionais da realidade subjetiva implicada na psicoterapia poderiam ser objetivados, na medida em que

[...] tudo o que existe se pode medir e se a terapia é considerada uma relação significativa, com implicações que se estendem para além dela, vale a pena superar as dificuldades para se descobrirem as leis da personalidade e das relações interpessoais (ROGERS, 1997 [1961], p.235-236).

Partilho da convicção, largamente difundida, de que a verdade é uma só – ainda que me dê conta de que o nosso conhecimento desta unidade jamais será completo [...] estou convencido de que a plena compreensão de uma simples planta revelaria “a natureza do homem e de Deus”. (ROGERS, 1977a[1959[1962]], p.152).

O autor compartilhou, porém, de seu ideal científico aberto, ao deixar clara a noção de que:

É natural, portanto, que os primeiros estágios deste desenvolvimento comportem observações e hipóteses grosseiras, até mesmo falhas e critérios imperfeitos [...] o que importa em relação ao progresso de uma ciência não é o grau de refinamento dos instrumentos. [...] Toda a verdadeira ciência implica mudança e progresso e não tolera a imobilidade e a rigidez. [...] Conclui-se daí que é absurdo comparar certas ciências que, como a psicologia, estão em seu estágio inicial, com outras que, como a física teórica, atingiram um estágio de desenvolvimento. Para se chegar a conclusões válidas, seria preciso comparar o estado atual da psicoterapia com um estágio anterior, muito mais primitivo, da física [...] deveríamos esperar que toda a teoria, mesmo a mais firmemente estabelecida, venha a se modificar sob o impulso de novas descobertas (ROGERS, 1977a[1959[1962]], p.150-151).

Ainda como psicoterapeuta, postulou que, apesar de todo o esforço acadêmico, as atitudes e concepções fundamentais que avaliam o constructo científico partem de uma

[...] fé inquebrável na primazia da ordem subjetiva. O homem vive, essencialmente, num mundo subjetivo e pessoal. Suas atividades, mesmo as mais objetivas – seus esforços científicos, quantitativos, matemáticos, etc., - representam a expressão de fins subjetivos e de escolhas subjetivas [...] minha percepção subjetiva ensina-me que a investigação científica [...] é a maneira mais segura de atingir a verdade e de evitar o erro. (ROGERS, 1977a[1959[1962]], p.152).

Nessa edificação, entretando, que abrange as décadas de 1940 e 1950, Rogers começou a apontar algumas dificuldades, dado que seus “[...] últimos vinte anos foram

marcados por uma acumulação desordenada de experiências clínicas, de enunciados e de hipóteses provisórias, baseadas nesta experiência prática, de pesquisas – a princípio rudimentares, mas, pouco a pouco refinadas”. (ROGERS, 1977a[1959[1962]], p. 143-144).

Dentro dessa problemática, o criador da TCC “desabafou”, dizendo que,

A respeito dos móveis que sustenta a pesquisa, devo, no entanto reconhecer que me aconteceu algumas vezes dedicar-me a estes trabalhos, por outras razões que não as que acabo de indicar<sup>28</sup>; principalmente para aceder os desejos de outros, para convencer adversários ou céticos, para adquirir prestígio ou por outras razões pouco edificantes. Porém, o efeito destes erros de julgamento foi reforçar minha convicção de que os verdadeiros móveis de pesquisa científica são os de ordem positiva e pessoal. (ROGERS, 1977a[1959[1962]], p. 149).

É interessante analisar as questões que Rogers traz para as pesquisas da TCC, reconhecendo que essas se processaram para algo maior do que a psicoterapia e a mudança de personalidade na clínica. Vimos, no capítulo 3, que Rogers (1992[1951]) postulou uma teoria da personalidade e do comportamento que abrange os processos de construção do eu (*self*) e a organização, desorganização e reorganização da personalidade.

Nessa teoria, Rogers (1992[1951]; 1977a[1959[1962]]) reconhece que o organismo reage sempre aos estímulos ambientais, desde um campo fenomenológico que funciona como uma totalidade de experiências. Assim, o organismo funciona perante um componente subjetivo que servirá como artifício de relação com o ambiente, e está biologicamente vinculado a uma tendência natural de busca de realização dos seus impulsos básicos, em suas potencialidades e capacidades para desenvolvê-los.

Nessa perspectiva, que trata da relação do organismo com o eu (*self*), percebemos que Rogers (1977a[1959[1962]]) utiliza a noção de *valor* como um aporte subjetivo que pode ser investigado cientificamente. Segundo esse autor, há valores operacionais que funcionam no organismo em níveis subverbais (não simbolizados conscientemente), e que possibilitam uma regulação do que lhe é homeostaticamente satisfatório. Esses valores operacionais não se vinculam às influências condicionais de valores de outros organismos ou de padrões socioculturais, mas possuem um funcionamento diretamente sentido que lhe permite distinguir o que lhe é satisfatório ou não.

---

<sup>28</sup> Rogers se refere às razões de, mesmo na iminência de perder a experiência do cliente, manter uma convicção na pesquisa científica e explicação teórica para organizar coerentemente as experiências clínicas e encontrar as leis que regem os seus fenômenos.

No decorrer do desenvolvimento do campo fenomenológico e das simbolizações, o indivíduo depara introyecciones de valores que não lhe são próprios e que lhe abalizam o que deve ser satisfatório ou não para este se regular. Para Rogers (1977a[1959[1962]]), é com base nessas condições de valores impostas em favor de uma auto-regulação ideal a um modelo de eu que se abandona à sabedoria organísmica como fonte central de avaliação de si em suas auto-regulações realizadoras. A isso se vinculam quadros de: incongruência, sensações de angústia, ameaça, vulnerabilidade, desajustes psíquicos, deformações, intercepções, comportamentos defensivos a novas experiências e rigidez perceptual (ROGERS, 1977a[1959[1962]]). Estes se referem a um mau funcionamento de um organismo que luta para se realizar.

Eis a justificativa para o desenvolvimento de um modelo psicoterapêutico que vincula componentes subjetivos e objetivos. Reconhecendo que existem valores introjetados e valores sentidos no organismo - sejam eles operacionais ou simbolizados pela consciência - Rogers (1977a[1959[1962]]) defende a noção de que os aspectos valorativos podem assumir um quadro de referência interno ao organismo e são passíveis de ser compreendidos idiograficamente em psicoterapia e avaliados nomoteticamente pela ciência.

Para tanto, subjacente ao processo psicoterapêutico de seus clientes, Rogers (1969[1954]):

- Inovou, ao gravar e documentar uma larga escala de atendimentos clínicos para fins de pesquisa e formação de psicoterapeutas;
- Replicou um procedimento experimental chamado de “Técnica Q”, com fins obter indicações objetivas da autopercepção valorativa dos clientes e medir as alterações dessas;
- Adaptou à sua teoria o Teste de Acepção Temática (TAT), para avaliar graus de aproximação e distanciamento entre valores ideais e reais de como o cliente se percebe e como ele se manifesta; e
- Elaborou uma Escala de Processo Terapêutico que distingue os estádios de funcionamento organísmico do cliente.

Logo, no pensamento do criador da TCC,

A psicoterapia é uma experiência existencial profundamente subjetiva tanto para o cliente como para o terapeuta, repleta de sutilezas complexas e englobando inúmeros matizes de interação pessoal. Contudo, estamos igualmente convencidos de que, se nossa experiência significa alguma coisa, se nela surgem profundos ensinamentos que provocam uma modificação de personalidade, nesse caso essas alterações devem poder ser verificadas pela investigação experimental (Rogers, 1997 [1961], p.258).

Rogers (1997[1961]) continuou, porém, fiel à tradição psicológica desenvolvida nos EUA, mesmo diante de um conflito entre sua posição de cientista e psicoterapeuta. Em suas palavras, esse conflito

Tratava-se de uma oposição entre o positivismo lógico em que eu fora educado e pelo qual eu tinha um profundo respeito e um pensamento existencial orientado subjetivamente que crescia em mim porque me parecia adequar-se perfeitamente a minha experiência terapêutica.

Não estudei filosofia existencial. O primeiro contato que tive com a obra de Sören Kierkegaard e de Martin Buber deve-se a insistência de alguns estudantes de teologia de Chicago que empreenderam um trabalho comigo. [...] Embora houvesse em Kierkegaard, muitos pontos que para mim não significavam nada, havia e há, de vez em quando intuições e convicções profundas que exprimem perfeitamente perspectivas que eu tinha mas que não conseguia formular. (p. 227-228).

E ainda comenta:

[...] o valor da teoria reside, penso eu, em sua construção e não em sua disseminação. É muito possível defender a tese de que a disseminação da teoria é mais perniciosa que vantajosa. Mas a *construção* da teoria, essa é uma experiência muito recompensadora para o indivíduo [...] realizei um esforço estrênuo para dar um sentido a toda a minha experiência profissional e pessoal, até esse ponto. (ROGERS apud FRICK, 1975 [1971], p. 123).

Em suma, a TCC, como intervenção psicoterapêutica sobre a personalidade, visa a um segmento de pesquisa que se filia a uma tradição funcionalista, pragmatista e de Psicologia aplicada. Essa concepção permitiu Rogers estender o que era aplicado na clínica para outras esferas possíveis de ser investigadas e teorizadas, como “[...] a família, a educação, a administração de empresas coletivas, industriais ou outras, a solução dos problemas sociais e a arbitragem de conflitos entre grupos”. (ROGERS, 1977a[1959[1962]]).

## **5.2 Os pontos de vista de Otto Rank, Karen Horney e Harry Sullivan em relação à terapia centrada no cliente**

Nessa fase, observamos que Rogers tinha visão maior do contexto emergente de sua formulação inovadora de psicoterapia que estava sendo submetida a pesquisas. Rogers (1992[1951]) ressaltou que o propósito da terapia centrada no cliente (TCC) é apresentar

[...] um perfil atualizado de um campo terapêutico em desenvolvimento com sua prática e teoria, indicando as mudanças e tendências evidentes, fazendo comparações com formulações anteriores e, em certa medida, com pontos de vista sustentados por outras orientações terapêuticas (p. 13).

A principal especificidade dessa nova psicoterapia se deu em que boa parte de sua “[...] teoria girou em torno do construto do *self*” (p. 22). O criador da TCC lembra, porém, que

Uma descrição fiel de seu desenvolvimento real e concreto não seria útil por ser demasiado confusa e muito sobrecarregada. Com efeito, os últimos vinte anos foram marcados por uma acumulação desordenada de experiências clínicas, de enunciados de hipóteses provisórias, baseada nesta experiência prática, de pesquisas. (ROGERS, 1977a[1959[1962]], p. 143).

Apesar disso, para Rogers (1992[1951]) a TCC,

[...] embora tenha tomado caminhos um pouco diferentes dos pontos de vistas psicoterapêuticos de *Horney* ou *Sullivan* [...] conserva ainda muitas relações com essas formulações modernas do pensamento psicanalítico. Os fundamentos da terapia centrada no cliente encontram-se particularmente na terapia de *Rank* e no grupo da Filadélfia. (p.10, grifo nosso).

Conforme foi aludido no final do capítulo anterior, as contribuições de Otto Rank fizeram sentido a Rogers somente nas atitudes clínicas, e não na teoria ou prática. Por apontarmos, no tópico anterior, a predileção científica de Rogers por pesquisas aplicadas na descoberta de uma ordem no processo psicoterapêutico, podemos perceber, agora de modo mais claro, por que o psicólogo criticou Rank.

Pelo fato de a Teoria da Personalidade e do Comportamento de Rogers (1992[1951], 1977a[1959[1962]]) destacar a relação do “eu (*self*) real” e do “eu (*self*) ideal” com as auto-regulações do organismo e a auto-realização da personalidade, destacamos a influência de *Horney* (apud ROGERS, 1992[1951]), na qual: “[...] apresenta uma vívida descrição dessa força, da forma como experimenta em terapia. ‘A força de pulsão fundamental é o desejo inabalável da pessoa de lutar a um acordo consigo mesma’”. (p. 556).

Com uma orientação neofreudiana, Horney (1959[1950]) elaborou uma psicoterapia voltada para as realizações das potencialidades humanas diante das neuroses. Em suas palavras,

O processo neurótico é uma forma especial de desenvolvimento humano, mas é uma forma especialmente infeliz, por causa do desperdício de energias construtivas que implica [...] Sob condições favoráveis, as energias do homem convergem para a realização das suas próprias potencialidades, mas esse processo está longe de ser uniforme [...] qualquer que seja o caminho seguido, serão, sempre, as *suas* potencialidades que desenvolve. (p. 13, grifo do autor).

Assim como Rank, Horney (1959[1950]) não compartilha da ideia de que a natureza humana é escrava dos instintos primitivos e que a sua essência é não-destruidora. Segundo a autora, existem forças construtivas que permitem os humanos realizarem suas potencialidades criativas. Na luta pela auto-realização,

[...] o homem não pode desenvolver completamente as suas potencialidades, se não for sincero para consigo próprio, se não for ativo e produtivo, e se não cooperar com os seus semelhantes; não pode-se desenvolver se mergulhar numa ‘profunda idolatria do ego’ [...] Somente será capaz de se desenvolver, no verdadeiro sentido do termo, se assumir a responsabilidade de seus atos. (p. 15).

A neurose desvia as forças construtivas para canais inertes e destrutivos, no entanto há uma força auto-realizadora que funciona como um impulso autônomo que direciona forças para superar a neurose (HORNEY, 1959[1950]).

Para que isso ocorra, é necessário que a psicoterapia priorize uma compreensão consciente a respeito de nós próprios, a fim de conseguir a libertação dessa força de crescimento espontâneo. Destarte, “[...] o ideal, para nós e para os outros, consiste, sempre, na libertação e no cultivo das forças que levam a auto-realização” (p. 16). Assim, “o indivíduo sempre crescerá *no sentido de sua auto-realização*. (p. 119, grifo da autora).

Essa crença em uma força auto-realizadora deve ser o pivô das questões teóricas e práticas da psicoterapia. Por auto-realização, a autora remete aos estudos do psicopatologista Kurt Goldstein, o qual será mais bem trabalhado nos próximos capítulos. Cabe frisar que Horney (1959[1950]) se diferencia de Goldstein, por este não investigar o eu (*self*) e por ela estudar os aspectos de como esse impulso ao crescimento funciona em favor da realização de um eu (*self*) real ou eu (*self*) idealizado.

Logo:

É somente o próprio indivíduo que pode desenvolver o seu acervo de possibilidades. Mas, como acontece com qualquer outro organismo vivo, o homem também necessita encontrar condições favoráveis para ‘passar de bolota a carvalho’; precisa encontrar uma atmosfera acolhedora para desenvolver uma sensação interior de segurança e liberdade, capaz de lhe assegurar a possibilidade de ter sentimentos e pensamentos próprios e a capacidade de se revelar naturalmente [...] Precisa também de um salutar embate contra a vontade e os desejos alheios. (p. 19-20).

Segundo Horney (1959[1950]), a expressão *eu real* se refere a quando o indivíduo cresce no sentido da auto-realização, ou seja, de sua força interna central e comum aos indivíduos, e, ao mesmo tempo, própria de cada um. O *eu real* se desenvolve em favor das condições internas e valores do indivíduo.

A expressão *eu ideal* vincula-se às imagens que o indivíduo adota como suas e no que ele passa a funcionar para manter ou atingir essa idealização (HORNEY, 1959[1950]). Essa auto-idealização pode se tornar cada vez mais idealizada, transformando-se num ponto de referência em que o indivíduo a adota tal como se ela fosse real. Por outro lado, uma auto-idealização pode se tornar real quando o indivíduo busca atingir seus desejos com base nas suas necessidades. Em outras palavras, o indivíduo tem a potencialidade de transformar as auto-idealizações em auto-realizações.

São características do eu ideal: o afastamento dos próprios sentimentos, desejos e crenças; uma perda da sensação de ser um todo orgânico; e um alheamento do eu verdadeiro. É próprio da neurose o desvio de energias auto-realizadoras, destinadas ao desenvolvimento do eu real, para potencialidades fictícias de um eu ideal ou idealizado. Quanto maior for o consumo de energia pelo sistema do eu ideal, menores serão os impulsos em favor da auto-realização e menor será a capacidade de assumir a responsabilidade por si mesmo (HORNEY, 1959[1950]).

Em outra perspectiva mais alinhada com a psiquiatria estadunidense, Harry Sullivan foi um médico estudioso de Freud que se graduou na Universidade de Chicago e se estabeleceu num consultório clínico em Nova Iorque.

Sullivan (HALL: LINDZEY; CAMPBELL, 2000) foi muito influente nas décadas de 1930 e 1940, ao criar um ponto de vista para a psicoterapia, conhecido como a *teoria interpessoal da psiquiatria*. Ao considerar a personalidade como um “[...] padrão relativamente duradouro de situações interpessoais recorrentes que caracterizam uma vida

humana” (p. 138), ele desenvolveu uma teoria que explica o comportamento interpessoal como tudo o que se pode observar sobre a personalidade.

Sullivan (HALL: LINDZEY; CAMPBELL, 2000) reconheceu a importância dos fatores hereditários e maturacionais do organismo na constituição da personalidade, porém frisou que esta só pode ser constituída como um produto das relações interpessoais. Estas, segundo o autor, também são capazes de moldar o organismo, alterando o seu funcionamento e fazendo-lhe perder o *status* de puramente biológico para se tornar social.

Na teoria de Sullivan,

A maioria dos dinamismos tem o propósito de satisfazer as necessidades básicas do organismo. Entretanto, existe um dinamismo importante que se desenvolve em resultado da ansiedade. É o dinamismo do *self* ou do auto-sistema. (HALL: LINDZEY; CAMPBELL, 2000, p. 141, grifo do autor).

Fruto das relações interpessoais, a ansiedade é uma reação à ameaça da segurança do eu (*self*). Este, quando ameaçado, passa a excluir da consciência o que apresenta riscos ao funcionamento do organismo. Em outras palavras, o eu (*self*) elabora modos de autodefesa que agem como um filtro para o que se tornar consciente. Quando isso ocorre, o indivíduo para de se beneficiar de experiências próprias e torna-se escravo de julgamentos e valores externos a si (HALL: LINDZEY; CAMPBELL, 2000).

Finalmente, ressaltamos que Sullivan (HALL: LINDZEY; CAMPBELL, 2000) adotou uma posição que incluiu os aspectos dinâmicos do organismo como um sistema de tensão que tem como fontes suas necessidades e os impulsos que resultam da ansiedade.

### **5.2.1 O que Rogers assimilou e elaborou de Otto Rank<sup>29</sup>, Karen Horney e Harry Sullivan**

No que concerne à *teoria do eu* de Karen Horney, Rogers (2005[1942]; 1992[1951]; 1969[1954]; 1977a[1959[1962]]) reconhece como hipótese central que o indivíduo possui uma capacidade latente para compreender os aspectos de si mesmo. O

---

<sup>29</sup> Consideramos que as influências de Rank e o que Rogers assimilou delas já foram bem trabalhado no capítulo anterior, restando a este tópico acrescentar como essas contribuições se relacionam com as de Horney e Sullivan.

indivíduo tem, potencialmente, recursos para desenvolver um direcionamento à auto-realização e à maturidade de um eu (*self*) mais integrado com as suas experiências organísmicas, autoconceitos e valores próprios.

Vale mencionar que Rogers (1992[1951]) utiliza as expressões *eu real* e *eu ideal* para aludir às auto-regulações que o comportamento pode esboçar mediante o eu (*self*) e as necessidades do organismo. Sobre essa semelhança com a teoria de Horney, Esselyn Rudikoff (apud ROGERS,1969[1954]), colaborador de Rogers, ressaltou sobre as pesquisas conduzidas na Universidade de Chicago para investigar como o eu pode se regular em favor de um eu real ou ideal:

Estes resultados estão de acordo com a teoria de Horney sobre a relação recíproca do auto-conceito e do eu-ideal em distúrbios e recuperação psicológica. Em essência, a autora propôs que a pessoa bem-ajustada aceita o seu eu real (verdadeiro eu) em que ela se concentra e tenta realizar, enquanto vislumbra um ideal pelo qual pode se mover de forma realista. Esse ideal realista pode ser surgir gradualmente na medida em que o indivíduo se aproxima dele. a falta de aceitação do eu real (verdadeiro eu) resulta em uma espécie de glorificação compensatória e irreal de um eu idealizado. O indivíduo, em seguida, tende a concentrar-se a tentar realizar esse eu idealizado. Sendo irrealista, isso resulta em fracasso, causando ainda mais rejeição ao eu real produzindo até mesmo uma necessidade maior de um ideal elevado. Por conseguinte, o eu e o ideal tornam-se cada vez mais dispares e o desconforto aumenta. Na medida em que o eu torna-se mais aceito, há menos necessidade por um ideal glorificado e este se torna mais realista. Em suma, com o aumento de certos tipos de distúrbios, o eu e o ideal move-se para longe um do outro; com a diminuição dos distúrbios, o eu e o seu ideal movem-se um em direção ao outro. Por eu ideal, Horney refere-se a um nível atual de aspiração que pode ser bastante flexível ao longo do tempo. Ainda nossos resultados dão suporte a teoria de Horney. Ela ressalta que, após se atingir um bom ajustamento o ideal pode ser aumentado gradualmente e o auto-conceito pode se mover em direção ao ideal gradualmente elevado com conseqüente crescimento. (p. 96).

Assim, podemos perceber que os aportes de uma personalidade que funciona mediante os impulsos da auto-realização e um ajustamento em detrimento do eu real ou ideal, tem raízes em Horney. Rogers faz, no entanto, uma releitura da teoria do eu de Horney, incluindo alguns elementos funcionalistas como a auto-regulação, dando maior ênfase ao organismo.

Quanto às contribuições de Harry Sullivan, é interessante notar uma semelhança deste com o modelo de “noções referentes à reação a ameaça” apresentado por Carl Rogers (1977a[1959[1962]]). Neste, o criador da TCC reconhece a *defesa* como uma manutenção do organismo a qualquer situação de ameaça.

Assim, “A finalidade da defesa é manter a estrutura do eu [...] a defesa representa uma oposição a toda mudança suscetível de atenuar ou desvalorizar a estrutura do eu”. (p. 170-171). Tal reação pode incorrer em deformação perceptual ou interceptação da experiência. Vale mencionar que Rogers (1992[1951]) também considerou o organismo como um sistema de tensão.

Rank, Horney e Rogers, ao assumirem uma posição de ênfase na auto-realização, nas adaptações do eu e no papel da consciência nisso, distanciam-se de Freud ao defenderem a idéia de que os conflitos advêm de determinadas condições sociais e ambientais, não limitadas somente aos conflitos de ordem sexual e instintiva. Juntos com Sullivan, eles reconheceram a influência do contexto social em que o indivíduo vive, detendo-se nos seus aspectos íntimos em interação com os fatores que moldam e afetam a personalidade.

Em comum a esses autores, apontamos que suas teorias cultivaram uma visão positiva do ser humano, a partir de suas forças interiores e criativas, bem como sublinharam a possibilidade de o indivíduo se estabelecer como único e criativo ante as condições sociais e culturais.

Logo, “[...] a terapia centrada no cliente, consciente e inconscientemente, absorveu elementos de muitas correntes atuais do pensamento clínico, científico e filosófico presentes em nossa cultura”. (ROGERS, 1992[1951], p. 11).

### **5.3 As influências da filosofia educacional, social e política dos Estados Unidos em Rogers**

Quanto à emergência da Terapia Centrada no Cliente (TCC), Rogers (1992[1951]) ressalta que “Algumas de suas raízes estendem-se ainda mais para o âmbito da filosofia educacional, social e política que está no coração da cultura norte-americana”. (p. 11).

Observamos que os aspectos educacionais e políticos da cultura estadunidense foram refletidos pela Filosofia pragmatista de John Dewey, uma influência reconhecida por Carl Rogers. Embora este não tenha apontado exatamente algum autor que o tenha influenciado nesses aportes, é sabido que na democracia estadunidense há um resguardo de direitos a autossuficiência, independência e privacidade.

Tais aspectos fazem parte de uma política democrática que resguarda a cada cidadão o direito à liberdade, à independência de pensamento, o direito à expressão, à igualdade jurídica, à participação nas decisões do Estado, à possibilidade de escolher o que é mais justo e à responsabilidade por seus atos (DEWEY, 1959b).

Esses ideais constituem uma base política que influenciará os sistemas educacionais e filosóficos dos EUA. Cabe à Educação, à Política, à Filosofia e à Sociedade criar e estabelecer formas de sustentar uma liberdade individual para todos (DEWEY, 1959b). Foi assim que a cultura estadunidense se organizou num ideal liberalista de *Welfare State* (Estado do Bem-Estar).

Rogers (1983c) reconhece que os ideais culturais dali são paradoxais. Apesar de eles resguardarem uma liberdade democrática, isso produz uma individualidade que distancia as pessoas das outras e provoca uma imposição valorativa de uma maioria sobre uma minoria.

Para Rogers (1983c) os sistemas político-educacionais hegemonomizam valores que não compreendem e respeitam muitas experiências singulares e provocam uma falta de confiança na experiência do outro. Ainda que isso ocorra, ele reconhece que a sua abordagem psicoterapêutica e das relações humanas nasceu de uma cultura que tende a dar importância ao indivíduo em seu direito à autodeterminação.

Com efeito, Rogers (FRICK, 1975[1971]) reconhece um ponto negativo da democracia estadunidense. Para ele, em comum, a política e o sistema educacional do país intimidam a experiência do indivíduo e lhe introjetam valores que não necessariamente condizem com sua experiência. Por isso, Rogers (FRICK, 1975[1971]) busca, desde o início de sua carreira, realizar uma possibilidade de expressão, respeito e confiança na individualidade do outro que traga a liberdade para o indivíduo se realizar diante das condições controladoras de seu contexto cultural.

A crença de Rogers (FRICK, 1975[1971]) reside em que os indivíduos auto-realizados são capazes de tomar decisões pessoais e coletivas mais consoantes com os ideais democráticos de bem-estar social.

Podemos perceber os desdobramentos dessa concepção, principalmente na teoria da pessoa em funcionamento pleno (2008b[1952[1963]]; 1997 [1961]), em que esses princípios são tomados como uma confiança crescente nas reações do organismo; abertura crescente à experiência; autodeterminação libertadora sobre os aspectos determinantes do ambiente; e criatividade para lidar com as situações problemáticas mediante novas relações,

não necessariamente adaptadas e conformadas a uma cultura. Com base disso, Rogers constata que a natureza humana funciona livremente, sendo construtiva e digna de confiança.

#### 5.4 A influência da Psicologia da *Gestalt* e Kurt Lewin

Sobre os outros fundamentos em que repousam a Terapia Centrada no Cliente (TCC), Rogers (1992[1951]) reconhece que “[...] ela deve algo à psicologia da *Gestalt*, com sua ênfase na totalidade e no inter-relacionamento”. (p. 11, grifo nosso). Ao ser questionado por Evans (1979[1975]) sobre a existência de alguma influência da teoria de campo, de Kurt Lewin, Rogers responde:

Não muito claramente. Ao me tornar consciente disso, percebi que estava operando a partir de uma *teoria de campo*, no sentido de analisar todas as influências sobre o indivíduo na situação presente, e não a partir de uma teoria genética, no sentido de analisar o seu passado histórico (p. 59, grifo nosso).

Estou mais interessado na *Gestalt* daquilo que a pessoa percebe no seu ambiente e nela mesma. Algo que me parece absolutamente certo é que não existe percepção sem significado. Isto é, o organismo atribui imediatamente um significado a tudo o que é percebido. (43, grifo do autor).

Foi ressaltado que havia um contexto de imigração de pesquisadores europeus aos EUA, nas décadas de 1930 e 1940. Nesse período, o núcleo da Psicologia da *Gestalt*, também conhecido como a “Escola de Berlim”, abandonou o solo pátrio por conta da ascensão do nazismo. Vale frisar que esse movimento teve início em 1912, com os “*Estudos experimentais sobre a percepção visual do movimento*”, de Max Wertheimer. A principal orientação dessa escola se dá por uma “[...] tendência dos gestaltistas para definirem a Psicologia como o estudo da experiência imediata do organismo total”. (MARX; HILIX, 1976, p. 300).

Dentre os gestaltistas, destacam-se Wertheimer<sup>30</sup>, Kurt Kofka, Wolfgang Köhler e Kurt Lewin. Todos eles transitaram por diversas universidades ianques, mas, em especial, Lewin foi o mais reconhecido difusor dessa Psicologia nos EUA, ao realizar trabalhos aplicados em Psicologia Social e estudos com grupos (SCHULTZ; SCHULTZ, 2007). Entre

---

<sup>30</sup> Ele se estabeleceu em Nova Iorque.

as noções que essa psicologia trouxe para os EUA, destacam-se: campo perceptual, organização perceptual, figura e fundo, *Gestalt* e comportamento molar.

Por *Gestalt* devemos entender uma entidade concreta que possui entre seus vários atributos a forma<sup>31</sup> (KÖHLER, 1980[1947]). Assim, a *Gestalt* é a maneira pela qual as coisas são percebidas pelo campo perceptivo do organismo. Nas palavras de Köhler, (1980[1947]),

[...] insisti, de certo modo, sobre o fato que a organização sensorial constitui uma realização característica do sistema nervoso. Tornou-se necessário ressaltar tal coisa porque certos autores parecem pensar que, de acordo, com a Psicologia da Gestalt, as '*Gestalten*', isto é, entidades isoladas, existem fora do organismo e limitam-se a estender ou projetar-se no sistema nervoso. Este ponto de vista, deve ficar bem claro, é inteiramente errôneo. (p. 94, grifo do autor).

A Psicologia de *Gestalt* demonstra por experimentos que existe uma *lei da pregnância* no organismo. Essa lei pode ser entendida como um princípio de auto-regulação organizmíca que se dá pela percepção. Nela, as estruturas não são atomísticas, ou seja, mera soma de partes; são totalidades maiores do que as somas dessas partes (KÖHLER, 1980[1947]). A Psicologia da *Gestalt* enfatiza, então, os processos conscientes do organismo.

Segundo Köhler (1980[1947]), o organismo se relaciona com o ambiente mediante as sensações e percepções. A diferença entre ambas é que as sensações são estímulos físicos isolados que se dão uma de cada vez, enquanto as percepções, por *pregnância*, constituem um modo mais elaborado de o organismo lidar com o seu ambiente, ao relacionar psicodinamicamente elementos da experiência com os da consciência. A percepção é capaz de organizar as sensações e impregná-las no organismo por vias de processos de atribuição de sentidos.

Logo, os dados gerais sensoriais da experiência são organizados em estruturas totais pela consciência, o que confere uma percepção unitária de forma. Deste modo, a maioria dos atos do organismo é organizada de dentro para fora (KÖHLER, 1980[1947]).

Um exemplo disso está em estudos que demonstram como as organizações de aprendizagem não ocorre por associacionismos, mas por um modo total e espontâneo de apreensão ou compreensão das relações presentes em uma situação-problema. Em outras palavras, a pessoa aprende não de forma fragmentada, mas pela apreensão de um todo

---

<sup>31</sup> Também traduzida como configuração, estrutura ou padrão, embora o sentido exato de *Gestalt* dispense todas essas traduções.

significativo. Essa compreensão ou percepção imediata será intitulada como *insight* (KÖHLER, 1980[1947]).

As qualidades das experiências do organismo definem seus tipos de percepções, e todas as percepções são seletivas, de forma que nem todos os estímulos serão percebidos da mesma forma (KÖHLER, 1980[1947]). Por esse postulado, é possível estabelecer que em toda *Gestalt* há uma relação entre *figura* e *fundo* na qual a figura expressa as necessidades mais importantes que se estabelecem perceptualmente de forma clara à consciência, e o comportamento se organiza de modo a satisfazer essas necessidades; o fundo é tudo o que não está na figura e, por isso, não está tão claro à consciência, mas diz respeito ao que é relativo ao organismo e ao ambiente (contexto).

Toda figura se destaca sobre um fundo, no entanto, quando as necessidades figuradas são satisfeitas, elas recuam para o fundo e outra figura emerge (KÖHLER, 1980[1947]).

Por *teoria de campo* Lewin (1965) entende que há um espaço vital na pessoa em que: “[...] todo comportamento (incluindo ação, pensamento desejo, busca valorização, realização etc.) é concebido como uma mudança de algum estado de um campo numa determinada unidade de tempo”. (p. XIII). Para esse autor, a Psicologia deve focalizar toda situação como uma *Gestalt*, na qual cada parte do todo só pode ser relacionada a esse todo. Em suas palavras:

As afirmações básicas de uma teoria de campo são: (a) o comportamento deve ser derivado de uma totalidade de fatos coexistentes, (b) esses fatos coexistentes têm caráter de um ‘campo dinâmico’ enquanto o estado de qualquer parte desse sistema depende de cada uma das partes do campo. A proposição (a) inclui a afirmação de que temos que lidar em psicologia, também, com um conjunto, cujas inter-relações não podem ser representadas sem o conceito de espaço. (p. 29).

Lewin (1965) considera que todo comportamento é uma função da pessoa com o seu meio. Segundo esse autor, há no indivíduo um campo que funciona como um espaço de vida, o qual se relaciona psicologicamente com outros campos que se influenciam. Entre tais campos, há um espaço psicológico em que os pensamentos, ações, emoções e percepções se relacionam por influências.

De acordo com a teoria do campo (LEWIN, 1965), o comportamento não depende nem do passado nem do futuro, mas do campo presente onde coexistem “passado, presente e futuro psicológico”.

Por fim, ressaltamos que, como os funcionalistas, os gestaltistas criticaram o elementarismo e associacionismo psicológico, de maneira que: “[...] a Psicologia da *Gestalt* foi aceita, em parte, na América. Muitas de suas críticas à psicologia estruturalista e behaviorista foram aceitas como lógicas e convincentes; e essas críticas forçaram uma reformulação dessas posições teóricas”. (MARX; HILIX, 1976, p. 314, grifo nosso).

#### 5.4.1 O que Rogers assimilou e elaborou da Psicologia da *Gestalt* e Kurt Lewin

Percebemos ao longo das obras de Rogers que ele não aprofundou uma teoria gestáltica em psicoterapia, a exemplo de Fritz Perls, no entanto, conforme Rogers aludiu no início do tópico anterior, há “algo” de influência dessa teoria na TCC, em especial: as noções de campo, figura e fundo; e a ênfase molar da psicodinâmica entre percepção, experiência e consciência.

Podemos encontrar resquícios da teoria gestáltica do *insight*, quando Rogers (2005[1942]) tentava operacionalizar uma modificação na percepção do cliente sobre si. Segundo ele,

[...] podemos dizer que este termo implica a percepção de um novo sentido na experiência do indivíduo. Ver novas relações de causa e efeito, alcançar uma nova compreensão do sentido que têm os sintomas da conduta, compreender o modelo próprio do comportamento – essa aprendizagem constitui o *insight*. Trata-se de um processo difícil de analisar [...] porque é descontínuo, raramente ocorre de uma vez só. Tal aprendizagem, possivelmente, só em parte se deixa exprimir verbalmente, ou então manifesta-se mais por atos do que por palavras [...] entram elementos afetivos profundos, não apenas intelectuais e que, por isso, não alcançam uma expressão verbal clara. No entanto, o *insight* é um aspecto extremamente importante da consulta terapêutica e, como tal, exige uma análise atenta. (p. 175- 176, grifo do autor).

Rogers (apud HALL; LINDZEY; CAMPBELL, 200) define o eu (*self*) como uma,

[...] *gestalt* conceitual organizada e conscientemente composta por percepções das características do ‘eu’ e pelas percepções dos relacionamentos do ‘eu’ com os outros e com vários aspectos da vida, juntamente com valores associados por essas percepções. É uma *gestalt* que está disponível à consciência [...] fluida e mutante, um processo. (368).

Outra adesão de Rogers à teoria gestáltica se deu por uma alternativa ao modelo do inconsciente freudiano. No pensamento do criador da TCC,

Eu preferiria pensar numa série de fenômenos: primeiro, aqueles que estão bem nítidos no campo da consciência no momento presente – o auge da consciência; segundo, uma série de elementos que poderiam ser trazidos à consciência, elementos que você sabe que estão lá e pode lembrar, mas não formam ‘figura’ no momento – estão no ‘campo’, ou no ‘fundo’; depois, finalmente, alguns fenômenos que estão mais e mais vagamente relacionados com a consciência, porque a sua emergência prejudicaria o conceito que a pessoa tem de si mesma. (ROGERS apud EVANS, 1979[1975], p. 41).

O termo inconsciente não é destacado no vocabulário de Rogers (1977a[1959[1962]]), todavia ele utiliza os termos gestálticos de *figura* e *fundo* para pensar: a experiência simbolizada (percepção) como figura; e a experiência não simbolizada (percepção subliminar ou subcepção) como fundo. Nas palavras desse autor,

[...] a consciência corresponde à representação ou simbolização (não necessariamente verbal) de uma parte da experiência vivida. Esta simbolização pode apresentar graus variados de intensidade, desde vago sentimento de presença de um objeto qualquer, até a consciência aguda deste objeto. Na linguagem da psicologia da forma, esta variabilidade da intensidade da consciência poderia ser descrita como se estendendo a partir de uma vaga consciência de um ‘fundo’ até a percepção nítida de uma ‘figura’. (p. 163).

Na primeira proposição da teoria da personalidade e do comportamento de Rogers (1992[1951]), postula-se que “*Todo indivíduo existe num mundo de experiências em constante mutação, do qual ele é o centro*” (p. 549, grifo do autor). Nisso,

[...] uma grande porção desse mundo de experiência encontra-se disponível para a consciência e pode tornar-se consciente se a necessidade do indivíduo trazer certas cessações à tona por estarem associadas à satisfação de uma necessidade. Em outras palavras, a maior parte das experiências do indivíduo constitui o plano de fundo do campo de percepções, mas podem facilmente tornar-se figura, enquanto outras experiências retornam ao plano de fundo. (p. 550).

Neste paradigma de conflito entre experiências não simbolizadas e experiências simbolizadas, encontramos semelhanças com o modelo típico de Freud de tensão entre conteúdos conscientes e inconscientes, porém sob outra perspectiva. Isso fica evidente na proposição XIV da teoria aludida de Rogers (1992[1951]) que diz:

*O desajustamento psicológico existe quando o organismo nega à consciência experiências sensoriais e viscerais significativas que, conseqüentemente, não são*

*simbolizadas e organizadas na gestalt da estrutura do self. Quando essa situação ocorre, há uma tensão básica ou potencial* (p. 580, grifo do autor).

Nas proposições XVIII e XIX, respectivamente, no entanto, o autor coloca o outro “lado da moeda”: “Quando o indivíduo percebe e aceita, num único sistema coerente e integrado, todas suas experiências sensoriais e viscerais, ele adquire necessariamente uma compreensão e uma aceitação maior dos outros indivíduos diferenciados”. (p. 590). Isso o permite adentrar um processo de funcionamento pleno (ROGERS, 2008b[1952[1963]]).

Rogers se aproxima da Psicologia da *Gestalt* ao elaborar em sua teoria um modelo dinâmico de relação entre figura e fundo e ao focar a experiência consciente e a percepção como aspectos importantes para o desenvolvimento do indivíduo. Rogers e os gestaltistas compartilham de uma base organísmica, entretanto ele se distingue destes por pensar o desenvolvimento da personalidade e do eu (*self*).

No que concerne à teoria de campo de Lewin, Rogers (1992[1951]; 1977a[1959[1962]]) se aproxima dela ao focar a ideia de “campo fenomenológico” ou “campo de experiência”, como todas as experiências conscientemente percebidas ou não no organismo. Frequentemente, ao tratar dessa noção, o autor menciona as pesquisas de Snygg e Combs (apud RIBEIRO, 1985), que expressam a noção referida nos seguintes termos:

[...] todo comportamento, sem exceção, está inteiramente em função do campo fenomenológico, onde o organismo atua. O campo fenomenológico consiste na totalidade de experiências das quais a pessoa toma consciência no momento da ação. Essa tomada de consciência pode variar de um nível mais baixo a um mais elevado, embora se presuma que nunca possa chegar a ser completamente inconsciente. (p. 51).

Para Snygg e Combs (GOBBI; MISSEL; JUSTO; HOLANDA, 2005), a noção de campo fenomenológico tem correspondências com as ideias de campo comportamental de Kofka e de espaço vital de Lewin. Logo, por essa noção, percebemos uma aproximação de Rogers com a Psicologia da *Gestalt* e a teoria de campo de Lewin. Frisamos, ainda, que tanto Rogers quanto Lewin enfocavam a situação imediata e presente do indivíduo em seu “aqui-agora”.

## **5.5 As influências dos teóricos da personalidade em Rogers e o que ele assimilou e elaborou deles**

A terapia centrada no cliente (TCC) esteve consonante com as perspectivas personalistas desenvolvidas nos EUA nas décadas de 1940- 1950. Rogers (1992[1951]) assume a idéia de que a sua *teoria da personalidade e do comportamento* consiste em uma reunião das formulações teóricas da personalidade explícitas e implícitas em toda a discussão dessa teoria. Segundo o autor, essas teorias reunidas foram anunciadas nas décadas de 1940-1950, por

Goldstein, Angyal, Maslow, Mowrer e Kluckhohn, Lecky, Sullivan, Masserman, Murphy, Cameron, Murray e Kluckhohn, White, Snygg e Combs e Burrow. Cada um desses autores apresentou, *explícita ou implicitamente*, aspectos de uma teoria da personalidade nova ou revisada contribuindo significativamente para [...] uma consideração mais profunda da teoria (ROGERS, 1992[1951]p. 547-548, grifo nosso).

No que concerne aos aspectos *explícitos* desses personalistas, identificamos em Rogers (1992[1951]) que Snygg e Combs trataram dos impulsos básicos do organismo para concretizar (realizar), manter e aperfeiçoar aquilo que experimenta. Esses impulsos “[...] são uma tentativa de descrever a força direcional observada na vida orgânica [...] que ainda não foi bem descrita em termos testáveis ou operacionais”. (p. 555).

Angyal (apud ROGERS, 1992[1951]) comentou que

[...] o organismo concretiza-se [realiza-se] na direção de uma diferenciação maior de órgãos e de função. Move-se na direção de um auto-governo, uma auto-regulação e autonomia maiores, distanciando-se do controle heterônomo, ou controle por forças externas”. (p.555).

Desse modo,

Idéias semelhantes a essa proposição estão sendo cada vez mais propostas e aceitas por psicólogos e outros profissionais. O termo ‘auto-concretização’ [auto-realização] (*self-actualization*) é usado por Goldstein para descrever esse impulso básico. Mowrer e Kluckhohn enfatizam a ‘propensão básica dos seres vivos a funcionar de maneira a preservar e aumentar a integração’”. (ROGERS, 1992[1951]), p.556).

Burrow (apud ROGERS, 1992[1951]), 552) explica que a “[...] relação do homem com o mundo exterior surgiu através da correspondência de sua própria seqüência de sensações-reações com a seqüência de reações que existem fora dele”.

Lecky (apud ROGERS, 1992[1951]), p. 565) pesquisou “sobre o desenvolvimento e funcionamento do *self*”; enquanto Maslow (apud ROGERS, 1992[1951]), p. 570-571) desenvolveu uma teoria do desenvolvimento psicologicamente sadio do *self*. Sullivan (apud ROGERS, 1992[1951], p. 556) diz que a “direção básica do organismo é para a frente”.

Por fim, McCleary e Lazarus (apud ROGERS, 1992[1951], p.575) desenvolvem estudos sobre os processos “subceptivos” de reconhecimento de ameaças ao *self*, enquanto Hogan (apud ROGERS, 1992[1951], p.586) desenvolve estudos sobre o comportamento defensivo do *self* a uma reação de ameaça.

Todos esses autores, incluindo Rogers, estavam imersos em uma efervescência por teorias de personalidade (MARX; HILIX, 1976). Estas: “[...] *concentram-se numa compreensão do desenvolvimento, sobrevivência e adaptação geral do organismo*” (p. 481, grifo nosso), enfatizando suas interações sociais e o funcionamento do eu (*self*) como o “[...] elemento organizador que impõe coerência ao comportamento”. (p. 526).

Com a ebulição das tendências personalistas, o solo estadunidense, durante os anos de 1950, foi marcado pelo desenvolvimento de teorias diversas, pesquisas e aplicações práticas que reuniam aportes derivados dessas correntes. Esse contexto é caracterizado por possuir (HALL; LINDZEY; CAMPBELL; 2000) uma tradição na observação clínica; uma influência gestáltica; pesquisas experimentais e empíricas; ênfase psicométrica; um realce nos aspectos genéticos e fisiológicos.

Muitos personalistas concentraram uma série de teorizações clínicas que muitas vezes careciam de pesquisas científicas e criticavam a Psicologia normativa. De tal modo, poucos pensadores dessa ramificação se inseriram na Psicologia acadêmica dominante, e faziam questão de estar fora da instituição da Psicologia (HALL; LINDZER; CAMPBELL; 2000).

Acerca do que era desenvolvido nas teorias de personalidade, Marx e Hilix (1976) comentam:

A própria palavra *personalidade* diz-nos que, pelo menos no início, a teoria da personalidade se baseou no estudo de pessoas. Na maioria das teorias da personalidade, as diferenças individuais entre pessoas são consideradas uma fonte muito importante de variação no comportamento; a informação sobre as características únicas da pessoa é, portanto, da maior utilidade na formulação de previsões sobre o comportamento. (479, grifo do autor).

As teorias da personalidade procuram ser completas, abrangentes. Isto pode constituir uma característica cada vez mais evidente porque os teóricos [...]

decidiram, deliberadamente, explicar o comportamento complexo do organismo humano total. (p. 480).  
[...] é característico de tais teorias que enfatizem os processos motivacionais ('dinâmicos'). (p. 481).

Por personalidade, entendemos como

[...] aquilo que dá ordem e congruência a todos os comportamentos diferentes apresentados pelo indivíduo. Alguns teóricos enfatizaram a função da personalidade na mediação do ajustamento do indivíduo. A personalidade consiste nos esforços de ajustamento variados e, no entanto, típicos, realizados pelo indivíduo (HALL; LINDZER; CAMPBELL; 2000p. 32).

Decorrente da confluência dessas diversas perspectivas personalistas vigentes no EUA, salientamos que muitos psicólogos desenvolveram teorias baseadas em elementos retirados do Funcionalismo, da Psicologia da *Gestalt*, teorias neofreudianas e de estudos clínicos sobre a personalidade. Houve, porém, uma escassez de pesquisas empíricas sobre esse tema, visto que o enfoque maior ocorreu nas esferas clínicas (MARX; HILIX, 1976).

O criador da TCC aproximou-se das teorias da personalidade da época, com base numa teoria que integrava as relações do organismo com o eu (*self*) que, por sua vez, servia como um organizador do comportamento (ROGERS, 1992[1951]). Tanto Rogers quanto outros personalistas buscavam um entendimento da personalidade e do comportamento desde estudos da pessoa em sua totalidade e da elaboração de uma teoria integrativa de suas funções e motivações. Aliás, a teoria de Rogers baseia-se na premissa de que o organismo tem uma motivação fundamental para melhorar e se desenvolver perante o ambiente; e isso está vinculado a uma dinâmica de personalidade.

No campo das pesquisas, Rogers (1969[1954]) adotou como objeto de estudos a mudança de personalidade em psicoterapia e buscou traçar condições e previsões do que um comportamento bem ajustado a um eu (*self*) pode realizar.

Por ser um pesquisador acadêmico ligado a operações experimentais, empíricas e de mensuração, Rogers se distinguiu-se da maioria dos teóricos personalistas, chegando até a influenciar uma geração de psicólogos acadêmicos e clínicos.

## CAPÍTULO 6 – AS INFLUÊNCIAS QUE EXERCERAM IMPACTO NA CONCEPÇÃO ORGANÍSMICA DE ROGERS DURANTE A FASE DE TRANSIÇÃO ENTRE TERAPIA CENTRADA NO CLIENTE E ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA

### 6.1. As contribuições de Eugene Gendlin

No período em que saiu da Universidade de Chicago para trabalhar em pesquisas com pessoas esquizofrênicas na Universidade Wisconsin, Rogers contou com a colaboração de Eugene Gendlin, um filósofo austríaco com inclinações fenomenológicas e existenciais que resolvera se doutorar com o criador da terapia centrada no cliente (TCC). Após a obtenção do título, em 1958, Gendlin acompanha Rogers em sua ida para Wisconsin.

Gendlin ficou conhecido por ter criado a noção de *experiencing*<sup>32</sup> como uma contribuição para se repensar a TCC.

Percebemos que essa noção passa a comparecer nos escritos de Rogers (1997[1961]; 1967; 1977c[1967]), todavia, em nenhuma dessas obras encontramos esse autor fazendo menção à *experienciação* como uma influência, mas como um construto útil ao seu pensamento para fundamentar um entendimento no qual o cliente se encontra no processo terapêutico. Segundo Rogers (1977f) “[...] este conceito enriqueceu nossas idéias de várias maneiras”. (p. 72).

Percebemos esse enriquecimento, em especial, na definição de *compreensão empática*. Esta, na fase de TCC, é entendida como uma atitude do psicoterapeuta em: “[s]entir o mundo privado do cliente como se ele fosse o seu, mas sem perder a qualidade ‘como se’”. (p. 151). Tal atitude “[...] precisa da conscientização do cliente, a partir de sua própria experiência”. (p. 151).

Com o advento da noção de *experienciação*, contudo a *compreensão empática* passa a “[...] ressaltar com sensibilidade o ‘significado sentido’ que o cliente está vivenciando

---

<sup>32</sup> *Experiencing* é traduzida para o português como “vivência” ou “experienciação”. Apesar de a primeira tradução ser a mais encontrada nas obras de Rogers, optamos por manter a segunda tradução por julgarmos mais fiel ao termo original que designa uma ação imediata de se acessar a experiência.

num determinado momento, a fim de ajudá-lo a focalizar este significado até chegar à sua vivência plena e livre”. (p. 72)

Eis por que colocamos “a elaboração do conceito de ‘experienciação’ por Eugene Gendlin” no quadro de influências<sup>33</sup> para a concepção organísmica de Rogers.

Rogers (1977b[1967]), ao citar as contribuições de Gendlin, emprega o termo:

[...] vivência [experienciação] como uma indicação direta para a qual pode voltar-se para formar conceituações precisas e como uma orientação para seu comportamento [...] À medida que a vivência [experienciação] se torna cada vez mais aberta, e a pessoa é capaz de viver mais livre no processo de seus sentimentos, então começam a ocorrer mudanças significativas em sua perspectiva de valores (p. 22).  
Neste processo de valorização existe também uma descida ao imediatismo do que se sente, uma tentativa para perceber e esclarecer todos os sentidos completos (p. 24).  
[...] no momento atual da descoberta estão incluídos traços de memória de todas as aprendizagens importantes do passado. Este momento não só tem seu impacto sensorial imediato, mas tem um sentido que provém de experiências semelhantes no passado. Contém em si não só o novo, como o velho [...] O passado e o presente estão presentes neste momento e entram na valorização. (p. 25).

Ao relembrar a época em que trabalhou com Rogers, Gendlin (1992) comenta:

Rogers foi contrário a praticamente tudo o que parecia conhecido no campo da psicoterapia. Ele modificou o papel do terapeuta, que não deveria impor suas interpretações [...]  
[...] Rogers pressupõe, em lugar disso, que a experiência organísmica de um ser humano é uma fonte *interna* de direção da vida, da capacidade de criar sentido e valores [...].  
[...] Eu concordava com os pressupostos de Rogers, mas eu era um estudante de filosofia. Eu precisava articular *como* e *por que* esses pressupostos estavam certos. Eu não podia me satisfazer meramente com a idéia da auto-atualização [realização] como um *princípio*. Eu queria demonstrá-la.

E complementa:

Para articular nossos pressupostos de maneira que outros possam compreendê-los é necessário ajustar o significado de todas as principais palavras que utilizamos. Por exemplo, se há conhecimento *organísmico* e avaliação interna, então a palavra ‘corpo’ já não pode mais significar apenas uma máquina; ela tem de significar algo inerentemente interativo que projeta suas ações a partir de dentro. Se o corpo é definido como uma interação inerente (no sentido de que se segue o fluxo da vida), implica afirmar que quando esse corpo tem uma sensação de si próprio, obviamente contém uma grande quantidade de informações sobre sua situação. Nosso conhecimento experiencial não é uma recepção misteriosa de algo externo. Não conhecemos o mundo principalmente a partir dos nossos cinco sentidos externos, mas muito basicamente através da própria sensação corporal, uma vez que o corpo consiste numa interação com seu meio ambiente. (GENDLIN, 1992).

---

<sup>33</sup> Ver Tabela 2.

Com amparo nesse raciocínio, no período de transição mencionado, Gendlin e Tomlinson (1967) apontam alguns aspectos a serem trabalhados e avançados na TCC: (1) mesmo que Rogers tenha buscado elaborar uma visão holística para a personalidade, ainda há uma dualidade entre organismo e eu (*self*); (2) no entanto, Rogers deu indícios de como resolver isso, ao chamar a atenção para o fato que existe uma relação dinâmica entre a experiência sentida (o que o organismo experimenta num dado momento) e o que a consciência consegue simbolizar dela para agregar ao eu (*self*); (3) urge, então, providenciar um novo conceito que possa integrar esse caráter dinâmico e processual da experiência e sua simbolização, bem como elaborar um novo método de sua verificação empírica.

Em decorrência, Gendlin sugere o uso do conceito de *experienciação* na TCC. Segundo Gendlin (APUD MESSIAS; CURY, 2006), *experienciação* “[...] é o processo de sentimento, vivido corpórea e concretamente que constitui a matéria básica do fenômeno psicológico e de personalidade”. (p.366). Para esse autor, a noção se refere a “[...] um processo somático sentido interiormente, cuja forma e cujos sentidos são influenciados pela interação”, ou seja: “[...] fatos físicos sentido interiormente podem ter ‘significações’, podem ser ‘explorados’ e ‘simbolizados’”. (GENDLIN, 1977[1967]). Ainda neste pensamento, o uso do termo *experienciação*:

[...] não se trata apenas do vocábulo empregado, mas ao contrário, do modo de emprego. Se empregado numa ‘referência direta’ à vivência, praticamente qualquer vocabulário pode ser bem empregado. Se empregado como substituto explicativo abstrato para a vivência individual, nenhum vocabulário cognitivo provocará muita mudança construtiva de personalidade. (p. 138).

A verbalização não representa completamente a experiência, mas responde ao que a *experienciação* carrega em seu curso de processo vital, fisiológica e psicologicamente sentido. Salienta-se que esse curso está sempre em decurso de mudança e avança para o estabelecimento de novos significados (GENDLIN; TOMLINSON, 1967).

Gendlin considera que a noção rogeriana de *experiência* implica um fato subjetivo que se distancia de um referencial empírico, portanto, há uma dualidade entre se pensar organismo e eu (*self*). Melhor seria utilizar a ideia de *experienciação* como um processo que ocorre no presente imediato; é organísmico e “pré-conceitual”; que serve como um referente direto para a conceitualização do que ocorre e é vivenciado no corpo. A *experienciação*

remete às sensações corpóreas que são vagas e confusas, por se localizarem num nível primário e implícito e, por isso, é uma noção mais concreta e empírica do que a noção de *experiência* de Rogers.

### 6.1.1 O que Rogers assimilou e elaborou de Gendlin

Gendlin e Rogers (1967) concordam com aproximações nos aspectos organísmicos da experienciação. Rogers assimila a noção de experienciação de Gendlin e reconhece que a terapia centrada no cliente (TCC) é um método em que o psicoterapeuta reage pela reflexão do que o cliente sente.

No pensamento de ambos, quanto mais o psicoterapeuta e o cliente se aproximarem de sua experienciação, mas eles conseguirão adentrar seus sentimentos reais e verdadeiros sem medo, e ter expressões acuradas com o que sentem e com o que acontece no organismo (GENDLIN, ROGERS 1967).

Rogers e Gendlin (1967) concordam na ideia de que as simbolizações devem partir do que ocorre no organismo e do que está implícito em suas sensações. Portanto, o eu (*self*) só pode emergir nessa interação e a psicoterapia deve agir mais sobre as emoções do cliente e do terapeuta, entretanto, embora Rogers tenha atinado para isso, percebemos que ele e Gendlin utilizam a experienciação desde perspectivas diferentes.

Rogers se detém mais no uso da noção para explicitar a “escala de avaliação de experienciação” (*scale for the rating of experiencing*) e ressaltar o *processo de valorização organísmica* que ele já vinha trabalhando, enquanto Gendlin começa a aprofundar uma teoria, para isso construindo, inclusive, outra abordagem experiencial (focalização).

No que concerne à crítica de Gendlin à TCC, esta não está explicitada diretamente nas obras de Rogers, mas comparece nas de Gendlin, sobretudo no livro *Experiencing and the creation of meaning* (1962).

Rogers deixa de se ligar ao caráter dos conteúdos para se focar no caráter pré-conceitual da experiência, mas só questionará efetivamente a relação entre organismo e eu (*self*) no artigo *Uma base política: tendência à realização* (1977) e refinará melhor isso na fase de “Abordagem Centrada na Pessoa”.

Sem dúvida, o conceito de experiencição serviu como uma condição para Rogers parar de sistematizar teorias e atentar mais para as fundamentações que se dão após suas vivências e do que é experienciado pelos clientes.

Ao refletir sobre esta fase, Rogers (apud FRICK, 1975[1971]) ressalta a sua falta de teorização e o que ele considera como o que poderá ser uma mudança teórica em relação à fase anterior. Em suas palavras,

Não posso dizer que mudanças específicas ocorrerão, mas penso que, se for utilizado ainda mais do que agora, o universo interior do indivíduo como base para o pensamento teórico, isso ocasionará, muito provavelmente, uma ênfase distinta e alterada de modo significativo no tocante às teorias, pois uma coisa que sei e que senti vagamente em minhas várias tentativas para organizar teoricamente as coisas é que há uma tentação muito forte de exteriorizar o que se sente e se conhece no íntimo. (p. 31-32).

Não nos esqueçamos, porém, de que havia outras condições para isso acontecer, como:

- A vertente pragmatista que já estava presente em Rogers;
- O conflito de Rogers entre ser um cientista entregue à objetividade e a confirmação de suas teorias; e ser psicoterapeuta entregue ao momento presente da relação e à experiência subjetiva; e
- A aposentadoria de Rogers e sua liberação de compromissos acadêmicos de justificar teórica e objetivamente tudo o que ele acreditava, pensava e sentia na psicoterapia.

Finalizamos frisando que todas essas condições se somam à concepção de Rogers (apud FRICK, 1975[1971]) que:

O valor da teoria reside [...] em sua construção e não em sua disseminação [...] realizei um esforço estrênuo para dar sentido a toda a minha experiência profissional e pessoal, até esse ponto. Mas quando vi o que as pessoas fazem com as minhas teorias e o que fazem com as teorias de outros, meu Deus! (p. 123).  
Se dou alguma contribuição teórica, é por causa desse gosto pela interação e porque serei sempre uma criatura com raízes mergulhadas no solo da experiência. (p. 138).

## **6.2 As influências dos trabalhos grupais e educacionais em Rogers e o seu impacto**

Segundo Rogers (apud FRICK, 1975),

[...] as coisas que eu estou mais profundamente envolvido no momento atual são, em primeiro lugar, a experiência intensiva de grupo e encorajar as pessoas a organizarem grupos de família, os grupos de cônjuges e os grupos de adolescentes. Depois, sem dúvida, esse interesse conjuga-se pelo interesse na educação [...] sinto, com uma convicção cada vez maior, que tenho muito a dizer o que é importante para a educação. (p. 138).

Nessa fase, Rogers havia se mudado para a Califórnia, onde encontrou um novo *Zeitgeist* movido por contraculturas. Nestas havia o movimento *hippie*, a mobilização pacifista, a organização de minorias raciais e feministas, a oposição ao consumismo e individualismo, a valorização do corpo e amor livre, as experimentações psicodélicas e espirituais e a autoexpressão espontânea. Todos esses movimentos fizeram frente às tradicionais instituições de família, trabalho, escola, igreja, governo e relações interpessoais (ROSZAK, s.d).

A manifestação dessa contracultura na Psicologia se deu por um movimento de experimentação de psicoterapias e terapias alternativas na área clínica. Buscava-se uma perspectiva mais ampliada e técnicas para obter crescimento pessoal e desenvolver relações (BOAINAIN, 1998). Embora muitos psicólogos não vissem isso com bons olhos, em razão de falta de critério e rigor para a condução e de pesquisa que dessem sustentação a essas práticas, foi nesse contexto que Rogers fundou o *Centro de Estudos da Pessoa* e desenvolveu sua perspectiva de práticas grupais e educacionais.

No que concerne ao contexto grupal, Rogers (2002[1970]) reconhece uma tendência de interesses e estudos em experiências intensivas de grupos, em suas mais diversas modalidades. Ele aponta a emergência dos *T-Groups*, criados por Kurt Lewin, em 1947, no Instituto de Tecnologia de Massachusetts, e as experiências intensivas de grupos, desenvolvidas por seus colaboradores em 1946-1947, na Universidade de Chicago.

Para Rogers (2002[1970]), “Os alicerces conceituais de todo esse movimento foram inicialmente, por um lado, o pensamento lewiniano e a psicologia gestaltista, e, por outro a terapia centrada no cliente”. (05).

Sobre esta experiência com grupos, Rogers (2002[1970]) relembra:

[...] após a Segunda Guerra Mundial, eu e meus colaboradores [...] estávamos empenhados no treino de conselheiros pessoais para a Administração dos Veteranos. Pediram-nos para criar um curso de treino curto, porém intensivo que prepararia esses homens [...] para serem conselheiros pessoais eficazes no tratamento dos GI regressados [...] Era uma tentativa de ligar aprendizagem experiencial com a cognitiva. (p.04).

Porém,

O nosso grupo de Chicago não fez nenhuma tentativa para desenvolver esta direção [mas] [...] orientaram-se, fundamentalmente, para o crescimento pessoal, desenvolvimento e aperfeiçoamento da comunicação e relações interpessoais, em vez de serem estes seus objetivos secundários. (p. 05).

Este é o sêmen para o desenvolvimento dos *grupos de encontro*, porém, mesmo reconhecendo as influências de Lewin, da Psicologia da *Gestalt* e da terapia centrada no cliente (TCC), Rogers (2002[1970]) pouco aprofundou essas influências nos fundamentos conceituais dos grupos de encontro, uma vez que ele se orientou pela própria experiência.

Sobre o desenvolvimento de suas práticas grupais, esse autor comenta:

*A minha formulação é simples e naturalista. Não vou tentar construir uma teoria abstrata de alto nível, nem desenvolver interpretações profundas sobre os motivos do inconsciente ou sobre a psicologia de um grupo em desenvolvimento [...] quero apenas descrever os fatos observáveis e o modo como, para mim, eles parecem agrupar-se. Fazendo-o estou apoiando-me na minha experiência pessoal e na de outras pessoas com quem trabalhei, em material escrito sobre este tema, nas reações escritas dos indivíduos que participaram de tais grupos e, até certo ponto, em gravações de sessões de grupo que só agora começam a ser interpretadas e analisadas.* (p. 18, grifo nosso).

Rogers (2002[1970]), no entanto, comenta que “[...] num grupo, o meu comportamento é muitas vezes bastante diferente do que costumava ser numa relação de um-a-um. Atribuo isto ao crescimento pessoal experienciado nos grupos”. (p. 53).

É possível que a influência da Psicologia da *Gestalt* e a teoria de campo de Lewin em Rogers tenham se perpassado para os seus trabalhos com grupos, em especial no seu enfoque de perceber o grupo como um todo que se orienta para um crescimento, e não como um conjunto de indivíduos interessados em resolver problemas de personalidade. Não obstante, devemos mencionar mais uma vez<sup>34</sup> que Rogers (2002[1970]) considerava o grupo como um organismo dotado de um direcionamento voltado à realização de suas necessidades e interesses.

---

<sup>34</sup> Essa observação já foi mencionada no capítulo 3.

Ao contrário da fase de terapia centrada no cliente, frisamos que, nesta fase, Rogers não trabalha mais com a dinâmica do indivíduo e a mudança de personalidade, mas muda os seus objetivos em vista de: “[...] acentuar o crescimento pessoal e o desenvolvimento e aperfeiçoamento da comunicação e relações interpessoais, através de um processo experiencial”. (p. 05). Não queremos dizer que isso não possa mudar a personalidade de um indivíduo, no entanto esse não é mais o foco principal de Rogers.

Nas palavras de Gendlin (1992),

O movimento dos Grupos de Encontro, e tudo aquilo que conduziu a ele, sem dúvida mudou a nossa sociedade. Hoje ouvimos pessoas comuns falarem de experiências interiores e relações interpessoais de uma maneira que só psicólogos e clientes próximos ao final da terapia falavam antes. Multidões de pessoas vieram a entrar em contato com seus sentimentos sem nunca terem sabido antes como se fazia. Isso tudo tornou possível outras mudanças.

Conquanto as práticas grupais de Rogers<sup>35</sup> tenham surgido após os aportes da TCC, aquelas se diferenciam desta ao avançar radicalmente em fundamentação com hipóteses que brotam das experiências grupais, tais como confiança em que o grupo pode tomar decisões organísmicas, o que implica maior crença na tendência à realização; e complexidade, que envolve a relação do facilitador com o grupo.

Quanto à educação, Rogers (1975a[1969]), em uma perspectiva semelhante ao seu desenvolvimento de grupos, destaca:

A educação enfrenta, hoje, inacreditáveis desafios [...] A meu ver, o problema de saber se ela está em condições de responder a esses desafios é um dos principais fatores capazes de determinar se a humanidade caminha para frente ou se o homem deverá destruir-se a si mesmo neste planeta, só deixando sobre a terra aquelas poucas coisas vivas que resistirem à destruição atômica e à radioatividade (p. II). Fique claro que vejo todo o nosso sistema educacional num momento de crise [...] E essa é a razão pela qual eu gostaria de colocar à disposição dos educadores tudo quanto possa decorrer, de útil, da minha própria experiência. (p. III).

Rogers (1975b[1969]) considera que a finalidade de sua proposta educacional está em facilitar a aprendizagem como um processo de autenticidade, compreensão empática e apreço positivo incondicional. Contrariando o modelo tradicional de aprendizado da época,

---

<sup>35</sup> Não se limita a somente grupos de encontro, mas inclui *workshops*, psicoterapias de grupo e formação de comunidades de aprendizagem.

ele elaborou um método educacional centrado nas necessidades, iniciativas e responsabilidades do aluno. Para ele:

Seria de todo improvável pudesse alguém assumir as três atitudes descritas ou aventurar-se a ser um facilitador de aprendizagem se não começasse por ter uma profunda *confiança no organismo humano e nas suas potencialidades* [...] se acredito na capacidade de cada um desenvolver sua potencialidade individual, proporcionar-lhe-ei todas as oportunidades e lhe permitirei a escolha de vias próprias e sua direção pessoal na aprendizagem. (p. 116, grifo nosso).

Apesar de citar diversas pesquisas sobre a eficiência das três atitudes facilitadoras na educação, Rogers (1975b[1969]) intencionalmente apresenta relatos de experiências de alunos que obtiveram sucesso ao se submeterem à sua proposta educativa.

Com a crença de que todos têm potencial para aprender, Rogers (1975b[1969]) buscou trazer suas principais experiências como psicoterapeuta centrado no cliente para aplicá-la na educação, com fins de obter um *funcionamento pleno* no aluno, em que este “[...] funcione livremente em toda plenitude das suas potencialidades orgânicas [organísmicas]”. (p. 274).

Assim, seguindo a lógica do postulado da tendência à realização, Rogers (1975b[1969]) reconhece que todos “[...] os seres humanos tem natural potencialidade de aprender”. (p. 160); e, seguindo a lógica das tensões auto-regulatórias entre organismo e eu (*self*), ele ressalta que existem processos de incongruência e ameaça ao eu (*self*) que afetam os processos de aprendizagem.

Enquanto a TCC trabalha enfocando uma mudança de personalidade, um facilitador “centrado no estudante” focaliza a modificação da relação do aluno com o ensino e com o professor. O objetivo educacional dessa abordagem é facilitar uma *aprendizagem significativa* ou *experencial*, que tem como qualidade um envolvimento da pessoa como um todo (em seus aspectos sensíveis e cognitivos) para autoiniciar e autodirigir o aprendizado de algo (ROGERS, 1975a[1969]).

Cabe, pois, ao educador facilitar uma “[...] modificação no comportamento, nas atitudes, talvez mesmo na personalidade do educando”. (p. 05). Conforme frisamos, no entanto, o objetivo principal não é uma mudança de personalidade, mas um funcionamento pleno em que o educando pode, desde sua organicidade, avaliar que aprendizagens lhe serão mais significativas.

Enfim, é interessante observar que os trabalhos grupais e educacionais influenciaram Rogers mais no plano de uma retroalimentação heurística. Visto que o autor apontou poucas influências externas sobre ele para estabelecer essas abordagens, reconhecemos que, em especial, este foi o ponto pelo qual ele mais elaborou sua perspectiva experiencial e influenciou a cultura estadunidense.

Enquanto o impacto da TCC ocorreu mais no patamar acadêmico de pesquisas, as abordagens grupais e educacionais de Rogers atingiram uma população maior, tornando as suas idéias famosas, acessíveis e aplicáveis em outros contextos que não mais o clínico.

### 6.3 As reflexões alternativas às ciências do comportamento e suas influências em Rogers

Adjacente às perspectivas grupais e educacionais que Rogers desenvolveu, essa fase também é marcada pelo interesse dele em debater sobre a natureza e o futuro do homem e das ciências que investigam o seu comportamento. Nessa querela, Rogers (1973[1968]) critica a Psicologia. Segundo o autor,

Parece-me evidente que a psicologia está por demais presa aos conceitos newtonianos da ciência, emprestados pela física. Essa concepção está hoje completamente fora de moda na física, e é mais inadequada ainda no campo da psicologia. Não estou bem certo do que seria essa nova ciência, mas não acho que ela acabaria com o nosso rigoroso empirismo que sempre conhecemos, O empirismo permanecerá como parte de nossa ciência, mas para vastas áreas do conhecimento psicológico precisamos de uma ciência muito mais humana. Não sei que forma poderá tomar, mas acho que não estará longe da fenomenológica [...] precisamos dar mais ênfase a observação naturalista [...] Não creio que estejamos enfrentando os problemas fundamentais da condição humana. Pelo contrário, estudamos apenas o que podemos medir, e não gosto disso (ROGERS apud EVANS, 1979[1975], p. 79). Todo o conhecimento, inclusive o conhecimento científico, é uma imensa pirâmide invertida que repousa sobre esta minúscula base subjetiva pessoal [...] *adianto que mesmo filósofos da ciência, como Polanyi<sup>36</sup>, reforçam este ponto de vista.* (ROGERS, 1973[1968], p. 60, grifo nosso).

Conforme vimos, Rogers (1973[1968]) seguia uma tendência pessoal para desenvolver suas práticas e fundamentações à luz de sua própria experiência. Isso também o influenciaria na sua proposta de ciência para a Psicologia. Nas palavras dele: “[...] acredito

<sup>36</sup> Lembramos que foi mencionado, no capítulo 4, Rogers haver acentuado que suas leituras de Polanyi, Kierkegaard e Buber não lhe exerceram influências, mas somente confirmações e diálogos com a sua experiência.

que mesmo nossos pontos de vista mais abstratos e filosóficos emanam de uma base intensamente pessoal”. (p. 57). O autor, porém, ressalta:

Acredito que a ciência psicológica avançará no sentido da descoberta da regularidade que existe no comportamento e na experiência humana – nas relações interpessoais, na aprendizagem, na percepção, naquelas experiências que não alcançam a consciência e outras ocorrências psicológicas. (p. 57).

Decorrente desse ponto de vista, Rogers começa a se aproximar, inclusive por meio de interlocuções, de alguns pensadores da ciência, como Michael Polanyi, Jacob Bronowski e Willian Coulson. Rogers não menciona, porém, nenhum deles como influência, mas reconhece as ideias desses pensadores como confirmadoras do seu pensamento. Ainda assim, ele credita, entretanto, que o núcleo de mudança para uma nova ciência psicológica está bem sintetizado pela seguinte idéia de Polanyi (apud ROGERS, 1977g):

Afirmar que a descoberta da verdade objetiva em ciência consiste na apreensão numa racionalidade que inspira nosso respeito e desperta nossa admiração contemplativa; que tal descoberta, embora fazendo uso da experiência de nossos sentidos como pistas, transcende essa experiência ao abranger a visão de uma realidade maior que nossa impressão sensorial, visão que fala por si ao nos levar a uma compreensão sempre mais profunda da realidade – tal descrição do procedimento científico seria usualmente desdenhada como um platonismo obsoleto: um comércio de mistérios indigno de uma era esclarecida. No entanto é exatamente nesta concepção de objetividade que me proponho a insistir... (p. 167).

Segundo Rogers (1977g), Polanyi oferece uma visão de ciência baseada na subjetividade humana, para realizar uma consideração mais profunda do mundo e de uma ciência humana mais autêntica. Tal visão preocupa-se em estabelecer um modelo de “não-controle” científico sobre comportamento humano e seus potenciais de criação para novos conhecimentos.

Entendemos que foi em consequência da interlocução com Polanyi e outros pensadores da ciência que Rogers adentrou sua fase mais epistemológica, em que ele passa a refletir sobre questões como: “de onde vem o conhecimento?”, e “o que é ciência e como ela pode avançar em um novo ponto de vista?”.

Não obstante, para responder a essas perguntas Rogers se manteve fiel ao seu ponto de vista organísmico e experiencial.

Nele, Rogers (1973[1968]) tenta fundamentar como uma intuição pré-científica pode ser sentida e processada numa busca de evidência, que se apoia na experiência. A

finalidade desse contato, sentido inicialmente numa esfera subjetiva e organísmica, seria uma elaboração objetiva e uma verificação intersubjetiva; ou seja, um conhecimento particular (ciência) cria um conhecimento compartilhado (Ciência) que passa a ser disponibilizado para o fomento de outros conhecimentos.

Em um debate com Burrhus Skinner, Rogers (apud EVANS, 1979[1975]) comenta, seguindo sua perspectiva teórica e experiencial, que: “[...] em qualquer atividade científica – seja ciência ‘pura’ ou ciência aplicada -, há uma escolha prévia e subjetiva do fim ou valor a que esse trabalho científico pretende servir”. (p. 144). O autor defende essa ótica em oposição à ideia tradicional de que uma: “[...] escolha subjetiva de valor, que justifica o empreendimento científico, deve ser sempre algo extrínseco a essa atividade e não pode nunca tornar-se parte da ciência nela envolvida”. (p. 144). Portanto, a ciência não lida só com fatos objetivos, mas também com valores subjetivos que a edificam.

Rogers (1985) descreve sua visão de ciência com base na constatação de que: (1) o mecanicismo linear não reina absoluto, mas serve apenas para tratar algumas questões; (2) não existe conhecimento absoluto, visto que as circunstâncias de estudo e do pesquisador influenciam nisso; (3) não há metodologias melhores do que outras, mas apropriadas à pergunta que se quer responder; e (4) ambas as percepções e atitudes do pesquisador e dos participantes da pesquisa precisam se envolver na investigação.

Rogers (1985) reconhece, no entanto, que esse ponto de vista não pode ser desenvolvido pelo plano tradicional e já instituído da ciência, sendo, por conseguinte, necessária a criação de perspectivas que possam dar vazão à emergência desse conhecimento.

Para Rogers (FRICK, 1975), o desenvolvimento de um programa de “ciência humanista” não consegue se incluir nos programas acadêmicos condizentes à perspectiva de ciência adotada pela Associação Americana de Psicologia (APA). Assim, não é de se espantar que as suas novas perspectivas de abordar as relações humanas sejam negligenciadas por muitos acadêmicos.

Nessa perspectiva, esse autor demarca uma crítica à ciência tradicional que não situa o homem como o seu fundamento, mas somente como seu o objeto. Isso evoca a complexidade do objeto de estudo para a Psicologia, que visa a investigar a experiência humana como sujeito e objeto de pesquisa.

Na análise de Rogers (1973[1968]), uma nova visão científica

Deixaria o campo livre ao pensamento fenomenológico na ciência do comportamento, ao nosso esforço de compreender o homem e, talvez mesmo os animais, a partir de dentro. Reconheceria que nenhum tipo de hipótese tem qualquer virtude especial para a ciência, salvo apenas o seu relacionamento com um padrão significativo que exista no universo. Desta forma uma hipótese baseada na fenomenologia teria um lugar nas ciências do comportamento, tal como uma hipótese baseada na química, na genética ou no comportamento. Desenvolveríamos uma ciência mais ampla [...] Colocaria a ênfase na intenção e não apenas na significância estatística segundo critérios rigorosos. (p.68-69).

Rogers (FRICK, 1975) é partidário de que o problema da perspectiva tradicional da Ciência Psicológica está no método, que diverge dependendo da abordagem psicológica utilizada. Em resolução, ele propõe o enfoque na experiência comum como fonte de respaldo de quaisquer observações com dados empíricos.

Encontramos um exemplo dessa proposta em um estudo aludido por Carl Rogers (2002[1970]) como “fenomenológico”, em que ele averiguou as perturbações psicológicas ocorridas em alguns participantes de um grupo de encontro. Apesar de o autor não situar essa pesquisa dentro de nenhum modelo de pesquisa fenomenológica, ele ressalta que “[...] para a minha maneira de pensar, esse tipo de estudo pessoal, fenomenológico – especialmente quando se lêem todas as respostas -, é muito mais válido que a tradicional perspectiva empírica ‘bem construída’”. (p.56).

Frisamos que Rogers começa a apontar um viés fenomenológico aplicado a pesquisas psicológicas que não precisam abdicar de seus métodos nomotéticos, mas urgem voltarem para si ideograficamente. Em outras palavras, ele ressalva que uma nova Ciência Psicológica deve atentar para as fundações internas de seu conhecimento, e não para rótulos externos ou manipulações dos fenômenos envolvidos na pesquisa.

Embora Rogers nunca tenha se remetido a nenhuma filosofia fenomenológica como influência para seu pensamento, inferimos que ele se aproxima de uma discussão que foi fundante para fenomenologia husserliana, que é: “como se constitui uma ciência de rigor sem que esta tenha de abandonar os seus métodos, mas busque em si os fundamentos que estão constituindo seu conhecimento?” (GOTO, 2008).

Em resposta, Husserl criou o método fenomenológico como uma busca epistêmica pelo conhecimento puro e transcendental. No caso da pesquisa fenomenológica aplicada à Psicologia, porém, na forma como esta se desenvolveu nos EUA, ocorre a passagem de um caráter filosófico de reflexão interna sobre a experiência de conhecer a si e o mundo, para adentrar um caráter empírico de compreensão e investigação de experiências terceiras.

Conquanto Rogers (1973[1968]; 1985) não tenha atribuído referências acerca da influência desse movimento, ele foi simpático ao desenvolvimento das perspectivas fenomenológicas aplicadas em pesquisas em Psicologia.

Percebemos que, não obstante, ele continua dentro de uma posição organísmica e experiencial para realizar tal fundamentação da ciência. Podemos observar, também, semelhanças de Rogers (1973[1968]) com a epistemologia do conhecimento tácito de Polanyi (SAIANI, 2004), em especial, na questão da utilização da ciência.

Apontamos, além disso, uma semelhança de Rogers (1973[1968]) com a fundamentação epistemológica de Husserl (2001) para elaborar a problemática de “como um conhecimento e experiência individual podem tornar-se compartilhados, verdadeiros e reais?”, em especial nas suas segunda e terceira meditações transcendentais.

Mesmo que nos escritos de Rogers não encontremos nenhuma referência às filosofias fenomenológicas de Husserl e Heidegger<sup>37</sup>, afirmamos que se houve alguma influência dessa vertente epistemológica em Rogers, ela só lhe chega por vias indiretas de outros pensadores e colaboradores. Podemos somente tornar evidente o fato de que Rogers apenas é simpático à concepção de paraciência<sup>38</sup> que essa filosofia aponta, dentro do contexto em que a Psicologia dos EUA se apropria dela.

#### **6.4 A influência dos estudos sobre organismo e tendência à realização em Rogers**

Em uma entrevista a Evans (1979[1975]), este pergunta a Rogers:

Na história da psicologia, foram muitos os que, como [C]arl Jung, ao discutir o processo de ‘individualização’, viram o ‘eu’ em termos de processo de crescimento orientado para uma realização. Essa é a idéia de Goldstein, expressa no seu conceito

---

<sup>37</sup> Na realidade, Rogers (1985[1983]), ao longo de toda a sua obra, faz menção a Heidegger, entretanto, essa não trata de nada concernente à sua filosofia, mas sobre a sua visão de ensino.

<sup>38</sup> Essa perspectiva ressalta que um conhecimento científico que se volte para seus fundamentos subjetivos não precisa abdicar de suas vertentes objetivas de investigação, mas depurá-las com rigor a compreender os seus sentidos últimos, a fim de torná-las uma ciência autônoma a qualquer postura natural (GOTO, 2008). No caso da Psicologia, como ciência do psiquismo, essa não precisa abdicar de seus métodos e perspectivas provenientes das ciências naturais, mas também não necessita delas para se tornar uma ciência autônoma e vinculada às ciências humanas (HUSSERL, 2001). Portanto, essa concepção prova que não é preciso se recorrer a uma meta-ciência ou metapsicologia para investigar o psiquismo, dado que nada está além do que se pode conhecer.

de auto-realização. Sua idéia do ‘eu’ também leva em conta essa noção de crescimento, não? (p. 50).

Rogers (apud EVANS, 1979[1975]) responde:

Sim. Idealmente, o organismo está sempre se esforçando por se realizar [...] Auto-realização supõe que a pessoa conheça e aceite o que está passando dentro dela, e em conseqüência, se modifique praticamente a cada instante e progrida em complexidade. (p.50).

A meu ver, o ‘eu’ inclui todas as percepções que o individuo tem de seu organismo, de sua experiência, e do modo como essas percepções se relacionam com outras percepções e objetos no seu ambiente, e com todo o mundo exterior. (p. 49).

Quando o ‘eu’ está consciente do que acontece no organismo, vai-se transformando, crescendo e se desenvolvendo juntamente com o organismo. São os aspectos estáticos do ‘eu’ que constituem o desajuste, na maior parte dos casos. O desajuste ocorre quando eu persisto em conservar uma imagem de mim mesmo que não corresponde ao que está realmente acontecendo no meu organismo. (p. 50).

[...] não me considero um estudioso das teorias junguianas [...] não me considero um erudito em relação a muitas facetas do pensamento psicológico como o de Jung. (p. 105).

E acrescenta sobre o que o influenciou:

Não sou o único a ver tal tendência à realização como a resposta fundamental à questão do que faz um organismo funcionar. *Goldstein, Maslow, Angyal, e outros defenderam ponto de vistas similares e influenciaram meu próprio pensamento.* Mostrei que essa tendência supõe um desenvolvimento [...] significa uma tendência para a auto-regulação fora do controle exercido por forças externas.

Aqui, então, no cerne do mistério do que faz os organismos ‘funcionarem’, está a pedra fundamental do nosso pensamento político. (ROGERS, 2001[1977], p. 269-270, grifo nosso).

Kurt Goldstein é um médico neurologista e psicopatologista inserido no campo de discussão de imigração do funcionalismo europeu para os EUA<sup>39</sup> (FIGUEIREDO, 1991b). Goldstein foi professor das Universidades de Frankfurt e Berlin, mas em razão da perseguição nazista, mudou-se para os EUA, tornando-se professor clínico de Neurologia da Universidade de Columbia<sup>40</sup> e realizando um ciclo de palestras sobre William James na Universidade de Havard<sup>41</sup>.

Goldstein (1963[1939]) se diferencia dos dissidentes freudianos ao focar, pela noção de organismo, uma abordagem holística da Biologia com base em dados patológicos provenientes de pessoas com lesões cerebrais. Outra distinção está em que ele se aproxima da

<sup>39</sup> O leitor pode se refamiliarizar com este assunto no capítulo 4.

<sup>40</sup> Durante o período de 1934 a 1945.

<sup>41</sup> Publicadas em livro sob o título de *Humam nature in the light of psychopathology* (1940).

Psicologia da *Gestalt* e das contribuições de William James, John Dewey e outros funcionalistas ianques, para fundamentar estudos sobre as modificações das funções humanas em virtude da insuficiência do organismo (GOLDSTEIN, 1963[1939]).

No pensamento de Goldstein (1961[1940]), o organismo é um conjunto biológico composto por membros diferenciados e articulados de modo a não se isolarem. Esse conjunto, porém, se desarticula em condições anormais. Nesse aporte, os sintomas psicopatológicos de um indivíduo devem ser concebidos como uma busca de adaptação orgânica ao seu meio ambiente e às suas necessidades de funcionamento satisfatório. Assim, o funcionamento do organismo é organizado como uma dinâmica gestáltica de figura e fundo.

Por conseguinte, os impulsos básicos do organismo não são reflexos, mas capacidades naturais de uma potencialidade que todo organismo tem para lidar com o seu meio, a fim de sempre se impulsionar na busca de auto-realização. Esses impulsos são sentidos “gestalticamente” como inacabados, daí sua motivação constante para buscar uma realização (GOLDSTEIN, 1961[1940]).

Destarte, não se pode descrever um organismo psicossomaticamente, mas holisticamente como uma *gestalt* singular de funcionamento auto-regulativo que dota o indivíduo de uma autonomia maior de crescimento, dada a capacidade simbólica com que se relaciona com todo o organismo.

Com a teoria de Goldstein (1963[1939]), percebemos como as concepções funcionalistas europeias perpassaram um dos principais centros funcionalistas dos EUA. É interessante notar que uma das principais transformações, nesse encontro entre funcionalismos, se dá em que a noção de *impulso* passa a ser concebida por uma disposição do organismo em se adaptar ou realizar suas potencialidades (GOLDSTEIN, 1963[1939]). Não à toa, noções como *auto-realização* (*self-actualization*) e *tendência à realização* (*tendency to actualize*) começaram a ser desenvolvidas com os estudos sobre indivíduos doentes ou com dificuldades de se adaptar a uma situação.

Segundo Goldstein (1963[1939]), o

Comportamento normal corresponde a uma mudança contínua de tensão, de tal modo uma vez que o estado de tensão é alcançado, isso estimula e permite o organismo a realizar-se em mais atividades consoante com a sua natureza. [...] um organismo é regido por uma tendência a realizar, tanto quanto possível, suas capacidades individuais, sua ‘natureza’ no mundo. Essa natureza é o que chamamos de constituição psico-somática, e na medida do considerado durante uma determinada fase, isso é o padrão individual, o ‘caráter’ do qual a respectiva

constituição atingiu no curso da experiência. Essa tendência para realizar a sua natureza, seu ‘si-mesmo’, é o impulso básico, o único impulso através do qual a vida do organismo é determinada. Essa tendência sofre no ser humano doente uma mudança de característica. (p. 196, tradução nossa).

Goldstein (1961[1940]) ressalva:

Só se pode entender a conduta da auto-restrição humana, se é admitido que haja uma tendência subjacente que é própria da natureza humana; como disse John Dewey, ‘as idéias envolvidas em tal conduta movem algo na natureza humana e provocam [no homem] uma resposta ativa’. Se não for assim, só existirá uma luta de todos contra todos, num estado em que nenhuma vida social poderia originar-se, imperando uma lei da selva (p. 168, tradução nossa).

Embora a tendência à realização seja universal, cada ser humano tem um fim específico para realizar suas necessidades, a partir de potencialidades inatas e diferentes que dão formas distintas ao seu desenvolvimento e crescimento individual. Tais realizações podem ser percebidas pelas motivações conscientes que o indivíduo apresenta. Apesar de selecionar a que estímulos reagir, o organismo não está imune ao mundo externo (GOLDSTEIN, 1961[1940]).

O ambiente é uma fonte de estímulos pelos quais o organismo busca realizar suas potencialidades; logo, organismo e ambiente devem chegar a um acordo, com base na dinâmica da auto-realização, sem que haja obstruções e ameaças que a impeçam (GOLDSTEIN, 1963[1939]). Assim, o organismo sadio provém da “[...] tendência à realização que vem de dentro e supera a perturbação decorrente que o mundo apresenta”. (p. 305, tradução nossa).

Após estabelecer um consultório clínico em Nova Iorque, em 1945, Goldstein torna-se professor convidado da Universidade de Brandeis, viajando semanalmente até lá. Nessa universidade, havia dois outros expoentes da teoria organísmica e estudiosos da tendência à realização que faziam interlocução com Goldstein. São eles: Abraham Maslow e Andras Angyal.

Maslow adotou um ponto de vista psicológico inspirado em Goldstein. Tanto que ele afirma:

Se eu tivesse que exprimir numa única frase o que a Psicologia Humanista significou para mim, eu diria que constitui uma integração de Goldstein (e da Psicologia da *Gestalt*) com Freud (e as várias psicodinâmicas), o todo combinado

com o espírito científico que me foi ensinado na Universidade de Wisconsin<sup>42</sup>. (MASLOW, 1968, p. 14).

Maslow (1968), no entanto, se distingue de Goldstein ao redefinir o enfoque investigativo de pessoas doentes para pessoas sadias e criativas. Segundo ele, Goldstein ofereceu uma amostra tendenciosa ao trabalhar somente com pessoas incapacitadas e neuróticas, mas acertou ao elaborar um ponto de vista organísmico para pensar o humano. Para esse pensador, há uma natureza biológica que é alicerçada pela espécie. Portanto, saúde e doença estão sintonizadas com as vivências e experiências socioculturais.

Seguindo a teoria de Goldstein, Maslow (1970[1954]) se interessou por estudar pessoas auto-realizadas como demonstração aplicada da teoria organísmica. Segundo ele, essas pessoas eram organismos que desenvolveram todas suas capacidades e potencialidades, e aceitaram o seu eu (*self*) de modo mais integrado e harmonizado com as suas necessidades e impulsos.

Maslow (1970[1954]) define auto-realização como um “[...] desejo de se tornar aquilo que se é idiossincraticamente” (p. 46, tradução nossa), que representa tudo aquilo que já está presente no organismo e não envolve deficiências externas. Portanto, o crescimento vem de dentro, e não de fora.

Nesse pensamento, Maslow (1970[1954]) elaborou uma teoria da motivação, fundamentada no princípio de que todas as necessidades básicas do organismo obedecem a uma hierarquia de preponderância, a qual se relaciona com as satisfações de seus impulsos. Para esse autor, todo comportamento é motivado pelo fato de o indivíduo ter uma tendência a explorar todas as potencialidades inatas que levam ao seu crescimento e maturidade psicológica.

No processo de auto-realização, Maslow (1970[1954]) entende que há: (1) um “experienciar” intenso e desinteressado em modificar o que acontece; (2) uma escolha para o crescimento, em vez de ficar numa posição homeostática de equilíbrio e segurança; (3) uma maior apropriação do eu (*self*), de valores próprios e percepções pessoais, desenvolvendo-se atitudes independentes de ideias e opiniões externas; (4) uma responsabilidade maior em assumir os próprios atos; e (5) um reconhecimento de quais são as principais defesas e ameaças a si mesmo.

---

<sup>42</sup> Lembremos que nessa universidade Maslow foi aluno de Max Wertheimer.

Na dinâmica da auto-realização, um organismo tende a buscar aliviar uma tensão quando está doente, e a buscar uma tensão quando está sadio, ou seja, o organismo se equaliza em um estado auto-regulado depois da tensão, distribuindo-a holisticamente em si. Logo após isso, no entanto, ele começa a sentir impulsos para novas tensões. Por isso, o organismo sempre é automotivado a satisfazer suas necessidades e potencialidades, e todo comportamento segue uma motivação (MASLOW, 1970[1954]).

Embora o organismo sempre esteja em constante interação com o ambiente, ele só se realiza com base em seus impulsos interiores, de modo que um sintoma patológico é uma busca de ajustamento (adaptação) organísmica a alguma tensão que lhe ocorre. Os obstáculos à auto-realização correspondem a (MASLOW, 1970[1954]): (1) influências negativas de experiências passadas que enrijecem a percepção de si; (2) pressão externa contras as preferências organísmicas; e (3) defesas internas que mantêm o organismo fora de contato consigo.

Finalmente, Maslow (1968) acredita que o homem adocece quando está se deixando imergir num ambiente patológico e não favorecedor da auto-realização. Portanto, a destrutividade e a violência não são inatas aos humanos, mas estes tornam-se assim quando sua natureza interior é violentada (distorcida, frustrada ou negada).

Dando seguimento aos interlocutores de Goldstein, Angyal<sup>43</sup> (HALL; LINDZEY, 1984), em 1953, tornou-se docente do centro de aconselhamento psicológico na Universidade de Brandeis.

Para Angyal, ao contrário de Goldstein, é impossível fazer uma distinção entre organismo e ambiente, pois ambos se “[...] interpenetram de uma forma tão complexa que qualquer tentativa para dissociá-los tende a destruir a unidade natural do conjunto e a criar uma diferenciação artificial”. (HALL; LINDZEY, 1984, p. 42).

Para superar qualquer dicotomia, Angyal sugere a noção de *biosfera* como um termo mais holístico, o qual compreende indivíduo e meio: “[...] não como partes em interação, não como constituintes que tenham existência independente, mas como aspectos de uma mesma realidade, que só podem ser separados realizando-se uma abstração”. (ANGYAL apud HALL; LINDZEY, 1984, p. 43).

Segundo esse autor, cabe à Psicologia investigar o organismo em suas funções simbólicas, mas sem esquecer o seu domínio social, ou seja, “em lugar de estudar o

---

<sup>43</sup> Médico formado na Universidade de Viena que migrou para os EUA em 1932.

‘organismo’ e o ‘meio ambiente’ e sua interação, propomo-nos a estudar a *vida* como um todo unitário e a descrever a organização e a dinâmica da biosfera”. (ANGYAL apud HALL; LINDZEY, 1984, p. 43, grifo nosso).

Deve-se frisar que Angyal preferia adotar uma análise sistêmica à relacional, para pensar o organismo. Segundo ele, a primeira perspectiva prega que os componentes de um sistema se ligam em virtude de suas posições; ao passo que a segunda perspectiva defende que esses componentes se ligam por possuírem algo em comum. Num sistema, os componentes de organismo não precisam ter nada em comum para se ligarem, e essas ligações não precisam ser diretas e pré-fixadas (HALL; LINDZEY, 1984). Portanto, há maior abertura e flexibilidade para o organismo se expandir ao ambiente e se relacionar com outros sistemas.

Hall e Lindzey(1984) informam que,

Segundo Angyal, o homem tem a capacidade de desenvolver idéias sobre si mesmo como um organismo, porque muitos de seus processos orgânicos se tornam conscientes [...] Contudo, Angyal adverte que o *self* simbólico nem sempre é uma representação fiel do organismo [...] A segregação relativa do *self* simbólico dentro do organismo é talvez, o ponto mais vulnerável da personalidade humana [...] porque o *self* simbólico pode falsificar e deformar a realidade da biosfera. (p. 45).

Nesses aportes, destacamos que Angyal se aproxima de Goldstein ao acentuar que a energia da biosfera é alimentada pelas tensões que se levantam entre o polo ambiental e o polo organísmico. Infelizmente ele pouco desenvolveu suas ideias organísmicas, pois morreu em 1960.

#### **6.4.1 O que Rogers assimilou e elaborou de Goldstein, Maslow e Angyal**

Rogers, na fase de terapia centrada no cliente, já anunciava, em sua *teoria da personalidade e do comportamento*, que havia aspectos do que foi desenvolvido por Goldstein, Maslow e Angyal, que o haviam influenciado. Todavia, somente na fase de abordagem centrada na pessoa, no entanto, ele os assumirá explícita e destacadamente como influentes ao seu pensamento.

Percebemos que, enquanto Goldstein (1963[1939]) não progrediu em explicações acerca do curso de crescimento do organismo, Rogers (1992[1951]) o fez, ao elaborar uma

teoria que partiu da relação do organismo com a organização da personalidade; e, depois, outra teoria sobre como esse crescimento se processa por um funcionamento pleno da pessoa (ROGERS, 2008b[1952[1963]]). Para ele, uma pessoa em tal funcionamento é a personificação harmoniosa entre organismo e eu (*self*), numa crescente abertura à experiência e numa autodireção para as reais necessidades e impulsos orgânicos.

Quanto à relação entre organismo e eu (*self*), percebemos uma influência de Angyal em Rogers, pela noção de *consciência*, a qual Rogers (1992[1951]) entende como um elemento vinculado à *experiência* e ao ato de *experimentar*. Segundo ele, “em nossa concepção, como na de Angyal, a *consciência corresponde à representação ou à simbolização (não necessariamente verbal) de uma parte da experiência vivida*”. (p. 163, grifo nosso).

Outra aproximação entre os pensamentos de Rogers e Angyal ocorre pela concepção de vida deste e o que ele entende por tendência à realização. Segundo Rogers (1977a[1959[1962]]),

Nossa definição da tendência atualizante [à realização] e a que Angyal dá sobre a vida são praticamente idêntica: ‘A vida é um processo autônomo que se desenvolve entre o organismo e o meio. Este processo não visa simplesmente preservar a vida. Tende sem cessar a superar o statu[s] quo do organismo. A tendência à expansão do organismo é contínua e impõe sua determinação autônoma a um campo sempre crescente de acontecimentos. (p160).

Rogers está de acordo com Maslow quanto à motivação como um impulso para satisfazer as necessidades e realizar as potencialidades do organismo. Enquanto Maslow reconhece, entretando, que o crescimento segue uma ordem hierárquica de satisfações até se alcançar uma auto-realização, Rogers coloca submete a dúvida esse modelo, ao postular a noção de que os construtos motivacionais, em qualquer ordem de necessidades, já são dotados de auto-realização (FRICK, 1975[1971]).

Rogers (apud FRICK, 1975[1971]) exprime outras ressalvas quanto ao modelo motivacional de Maslow, ao assinalar que, mesmo que todas as condições<sup>44</sup> da hierarquia de necessidades de Maslow estejam completas, talvez não se possa considerar automaticamente o indivíduo como auto-realizado. Rogers (apud FRICK, 1975[1971]) exemplifica sua posição,

---

<sup>44</sup> Que incluem, consecutivamente, necessidades fisiológicas, de segurança, amor e pertinência, estima, realização social, auto-realização e metanecessidades.

ressaltando que existem países escandinavos onde todas essas necessidades são mais facilmente preenchidas, mas há um índice grande de jovens perturbados e suicidas.

Maslow (1970[1954]; 1968), por sua vez, segue o pensamento de Rogers, ao aceitar a ideia de que a autoestima corre perigo quando o indivíduo passa a se basear nas opiniões e valores alheios a ele.

Rogers (2001[1977]) e Maslow (1968) coadunam-se com a crença de que a natureza humana será boa se as suas condições oferecidas forem boas. Uma pessoa auto-realizada e em funcionamento pleno estará mais apta a fazer escolhas individuais e sociais satisfatórias. Para ambos, uma pessoa auto-realizada transcende as condições de valores impostas por uma cultura e uma sociedade, para adentrar uma confiança nas reações de seu organismo e numa auto-avaliação condizente com suas experiências. Deste modo, para ambos, a concepção de crescimento é interna ao indivíduo.

Rogers (2001[1977]) e Maslow (1968) se questionam quanto ao fato de que “se existe uma tendência à realização que perpassa a todos, porque nem todo mundo está realizado?”. Ambos respondem que os indivíduos se tornam agressivos e destrutivos porque o ambiente os torna assim, por meio de um processo de “ignorância organísmica”, no entanto, Rogers (2001[1977]) tenta identificar no ambiente o processo que torna as pessoas doentes psiquicamente.

Vimos no capítulo 3 que Rogers (2001[1977]) começou a questionar o modelo de tensão entre organismo e eu (*self*), afirmando que isto enseja tanto uma autoconsciência quanto uma incongruência, e que, portanto, ele não acredita que devemos tomar esse modelo de conflito e repressão como algo necessário e construtivo. Ao fazer esse questionamento, Rogers se distancia de Goldstein e Maslow, e finalmente se aproxima de uma resolução para o que Eugene Gendlin lhe apontou como crítica<sup>45</sup>.

Rogers (1977a[1959[1962]]) reconhece que o organismo opera com muitas experiências das quais ele não está consciente, e que o eu (*self*) pode reprimi-las, deformá-las ou interceptá-las. Ao questionar esse paradigma de conflitos entre organismo e ambiente, e repressão de conteúdos entre organismo e eu (*self*), Rogers (2001[1977]) se interessa por acessar diretamente uma “sabedoria do corpo” que é mais “sábia do que o intelecto”, e serve como via confiável para criação de recursos mais satisfatórios ao direcionamento das ações. Assim: “[...] quando uma pessoa está funcionando de maneira integrada, unificada, efetiva,

---

<sup>45</sup> Ver o primeiro e o segundo tópicos deste capítulo.

ela tem confiança nas direções que escolhe inconscientemente e confia em sua experiência, da qual mesmo com sorte, ela tem apenas vislumbres parciais em sua consciência”. (p. 277).

Nesse aporte teórico, não podemos deixar de observar que, embora Rogers (2001[1977]) não tenha reconhecido Lancelot Whyte como influência, ele aponta o pensamento deste historiador da ciência como algo relevante, próximo e exemplificador do seu ponto de vista organísmico dessa fase.

Goldstein, Maslow, Angyal e Rogers elaboram uma perspectiva organísmica de auto-realização em que todos eles estudam a pessoa em sua totalidade, mas fazem uso de vários casos individuais, por meio de técnicas diversas (entrevistas, testes etc.) para não dependerem apenas de um tipo de evidência. Eles também consideraram que o comportamento resulta de uma variedade de determinantes, e que o organismo sempre se retroalimenta em seus impulsos, de modo a nunca ficar homeostático.

Em especial, Rogers sempre buscou operacionalizar condições e atitudes que favoreçam o crescimento e a fluidez organísmica, seja na psicoterapia, na facilitação de grupos e na aprendizagem, seja na Ciência.

## CAPÍTULO 7 – AS INFLUÊNCIAS QUE EXERCERAM IMPACTO NA CONCEPÇÃO ORGANÍSMICA DE ROGERS DURANTE A FASE DA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA

### 7.1. A influência dos estudos sobre tendência à realização em Rogers e as contribuições do paradigma holístico e sistêmico para o seu pensamento

Conforme foi visto no capítulo 3, no período que abrange os anos de 1977 a 1987, Rogers (1983a) apresenta as tendências à realização e a formativa como os fundamentos da abordagem centrada na pessoa (ACP). No capítulo anterior, observamos que a noção de tendência à realização já fora trabalhada por Kurt Goldstein, Abraham Maslow e Andras Angyal, aos quais Rogers continua a fazer menção nessa fase. Em suas palavras,

Não sou o único a ver na tendência à auto-realização a resposta fundamental à questão do que faz um organismo ‘pulsar’. Goldstein (1974), Maslow (1954), Angyal (1941, 1965), Szent-Gyorgy (1974), entre outros, defenderam concepções semelhantes e exerceram influências sobre meu modo de pensar. (p. 41).

Em acréscimo aos autores já vistos, o pensamento de Szent-Gyorgy (apud ROGERS, 1983a) é estabelecido como uma influência, ao acentuar “[...] não poder explicar os mistérios do desenvolvimento biológico ‘sem supor um impulso’ natural, na matéria viva, em direção ao aperfeiçoamento”. (p. 41). Nesta fase, Rogers (1983a) continua a ressaltar sua dívida com o pensamento de Lancelot Whyte, porém reconhece que

[...] idéias quase idênticas poderiam ser encontradas num livro muito anterior, da autoria de Jan Christian Smuts (1926) [...] Ele escreveu esse livro, cujo tema é a ‘tendência integradora, holística... registrada em todos os estágios da existência... algo fundamental no universo’. Mais tarde, Alfred Adler (1933) utilizou o conceito de tendência holística de Smuts para fundamentar sua concepção [...] Agradeço ao Dr. Heinz Ansbacker [...] por ter chamado minha atenção para esses pensadores que me antecederam. *A descoberta de que a força holística – quase totalmente ignorada pelos cientistas – já fora compreendida há muito tempo por esses pensadores veio confirmar minhas idéias.* (p. 37, grifo nosso).

Para o criador da ACP, “[...] esta concepção é confirmada pelos trabalhos, na Biologia, que fundamentam o conceito de tendência auto-realizadora”. (ROGERS, 1983a, p.

41). Rogers (1983b), contudo, enquadra a ACP em um contexto mais amplo que a Psicologia e a Biologia, ao elucidar que

[...] numa certa época foi perfeitamente claro que vivíamos em um mundo plano, que éramos o centro do universo, que o sol, as estrelas, os planetas giravam em torno de nós [...] Tínhamos um mundo que podíamos entender e com o qual podíamos conviver [...] As pessoas foram confrontadas com a possibilidade de que o primeiro paradigma estava enormemente errado e de que existiria um modo inteiramente novo de perceber o universo [...] os que tinham mente aberta e os jovens começaram a *viver* o novo paradigma. E esta mudança no modo de ver o mundo transformou não apenas a sua percepção da cosmologia, mas a percepção do lugar do homem no universo (p. 10, grifo do autor).

Um outro tipo de mudança teve lugar na ciência. Tem sido um axioma inquestionável o de que causa e efeito perfazem uma cadeia linear, e que todos os eventos são explicáveis em última instância pela descoberta da causa de cada efeito. *O pensamento mais recente na área da epistemologia e da Filosofia da ciência desafia agora esta visão.* (p.11, grifo nosso).

Nessa nova perspectiva, Rogers (1983b) reconhece que “[...] os conhecimentos da ciência estão por si mesmos, nos forçando a uma outra mudança paradigmática” (p. 12), posto que estamos “[...] a frente de uma realidade misteriosa de energias oscilantes [...] de uma interconexão quase mística, uma relação em que participa cada entidade, tanto animada quanto inanimada”. (p. 13).

Para o criador da ACP: “[...] nessa ordem parece crescer uma nova visão de mundo, a relação, um renovado amor pela natureza e por cada pessoa, uma compreensão da unidade espiritual do universo”. (ROGERS, 1983b, p.19).

Portanto, Rogers (1983a) ressalta que a ACP se insere nessa mudança paradigmática, de forma que

[...] encontramos provas na física e na química teóricas, da validade das experiências transcendentais, indescritíveis, inesperadas e transformadoras – aqueles tipos de fenômenos que meus colegas e eu temos observado e sentido como *concomitantes à abordagem centrada na pessoa* (49, grifo nosso).

[...] não estou mais falando em somente sobre psicoterapia, mas sobre um ponto de vista, uma filosofia, um modo de ver a vida, um modo de ser, que se aplica a qualquer situação onde o crescimento [...] faça parte dos objetivos. (p. 10).

Com efeito, Rogers (1983a) aponta: “[...] a leitura de três autores que se encontram no limite extremo da ciência atual: Fritjof Capra, um físico teórico; Magohah

Murayama<sup>46</sup> [Magorah Maruyama], um filósofo da ciência; e Ilya Prigogine, um químico - filósofo ganhador do Prêmio Nobel”. (p.37).

Assim, Rogers (1983a) aponta que a fundamentação da ACP “[...] baseia-se em muitas fontes e integra idéias antigas e recentes na estrutura do modo de ser centrado na pessoa”. (p. 37). Ele reconhece que a “[...] prática, a teoria e a pesquisa deixam claro que a abordagem centrada na [pessoa] baseia-se na confiança em todos os seres humanos e em todos os organismos”. (p. 40).

Em acordo com essa nova perspectiva, Rogers (1983a) indica uma perspectiva mais sistêmica para se pensar o organismo, ao ressaltar que

Murayama [Maruyama] e outros autores acreditam que há interações mútuas de causa e efeito, que aumentam as possibilidades de desvio e permitem que se desenvolvam novos padrões e informações. Esta ‘epistemologia morfogenética’ parece básica para o entendimento de todos os sistemas vivos, incluindo-se todos os processos de crescimento nos organismos [...] uma compreensão da Biologia *não* advém de uma epistemologia baseada num sistema de causa e efeito unívoco. (ROGERS, 1983a, p.42-43, grifo do autor).

Quanto à perspectiva de ciência que integra os fundamentos e o paradigma atuante da ACP, Rogers (1983a) destaca:

Fritjof Capra [...] mostrou que a física moderna aboliu quase por completo quaisquer conceitos sólidos sobre o nosso mundo, com exceção do conceito de energia [...] Ele está convicto de que a Física e o misticismo oriental não se identificam, mas são vias complementares que levam a um mesmo conhecimento, permitindo uma compreensão mais plena do universo (p. 48).

Recentemente, o trabalho do químico-filósofo Ilya Prigogine veio trazer uma perspectiva diferente [...] Ao tentar responder a questão fundamental de como a ordem e a complexidade emergem do processo de entropia, esse autor [...] Desenvolveu formulas e provas matemáticas de que o mundo vivo é, acima de tudo, probabilístico, e não apenas determinístico. Sua concepção se aplica a todos os sistemas nos quais ocorre troca de energia com o ambiente, entre os quais se encontra, obviamente, o organismo humano. (p.48).

Esse novo *Zeitgeist* científico ocorreu num período marcado por conflitos nucleares, tumultos políticos, guerras, problemas ambientais, intensa industrialização, automatização da vida humana e subversões culturais que criticavam os antigos modelos morais, educacionais e científicos<sup>47</sup>.

<sup>46</sup> Rogers cometeu um equívoco, o nome correto deste autor é Magorah Maruyama.

<sup>47</sup> O leitor pode relembrar este assunto no capítulo 5.

Como representante dessas críticas ao antigo modelo de ciência, destaca-se Fritjof Capra (2010), o qual, numa conferência realizada em 1992, pronunciou como surgiu uma nova tendência esadunidense para se fazer ciência. Em suas palavras,

Para resolver essa crise nós temos de encontrar um novo modo de pensar, que vocês poderiam chamar pelo título de *ecológico* ou *holístico*. Meu ponto de vista é que, basicamente, precisamos de uma nova visão da realidade. Essa nova visão nasceu há algumas décadas e os diversos movimentos que agora existem podem ser encarados como respostas diferentes de diversas culturas desse novo paradigma. *O movimento começou na Califórnia, Estados Unidos, na década de 70*. Uma constelação em particular dessa nova visão da realidade é o movimento new age; o movimento ecológico, assim como a política verde, é outra. Todos estes movimentos são, portanto, respostas à crise mundial. Como ela é multidimensional, precisamos das diferentes facetas dos diversos movimentos.

A diferença entre as visões *sistêmicas* e *holísticas* é meramente de terminologia. A expressão sistêmica é mais científica. Vejo a teoria sistêmica como sendo a mais perfeita formulação científica para o novo paradigma. Eu prefiro também a expressão *ecológica* à holística, mas as duas são semelhantes.

A visão de que precisamos é ecológica, precisa ter suas raízes nessa espécie de percepção ou consciência. Consciência ecológica é consciência espiritual - sentir que estamos inteiramente ligados ao cosmos, que pertencemos ao universo. (grifo nosso).

Capra (2006[1982]) reconhece o impacto que as tendências gestaltistas (p. 161, 359), funcionalistas (p. 162) e pós-freudianas (p. 176-178) exerceram nos EUA, em oposição ao que ele chamou de uma “[...] psicologia newtoniana [...] sem consciência, que reduz todo o comportamento a seqüências mecânicas de respostas condicionadas, e que afirma que a única compreensão científica da natureza humana é aquela que permanece dentro da estrutura da física e biologia clássicas”. (p. 168).

Em uma nova concepção dos processos holísticos ressaltados por essas tendências, Capra (2006[1982]) esboça uma concepção sistêmica que

[...] baseia-se na consciência do estado de inter-relação e interdependência essencial de todos os fenômenos – físicos biológicos, psicológicos, sociais e culturais. Essa visão transcende as atuais fronteiras disciplinares e conceituais e será explorada no âmbito das novas instituições [...] as linhas mestras de tal estrutura já estão sendo formuladas por muitos [...] que se estabelecem de acordo com novos princípios. (p. 250).

A concepção sistêmica vê o mundo em termos de relações e integração. Os sistemas são totalidades integradas [...] Em vez de se concentrar nos elementos ou substâncias básicas a abordagem sistêmica enfatiza princípios básicos de organização. (p. 260).

Todo e qualquer organismo – desde a menor bactéria até os seres humanos [...] é uma totalidade integrada, e, portanto, um sistema vivo. Os mesmos aspectos de totalidade são exibidos por sistemas sociais [...] e por ecossistemas que consistem numa variedade de organismo e matéria inanimada em interação mútua. (p. 260).

No que concerne ao campo da Psicologia na concepção sistêmica, o mesmo autor ilustra:

A estrutura conceitual subjacente a tal abordagem incluirá não só a nova biologia sistêmica, mas também uma nova psicologia sistêmica, *uma ciência da experiência e do comportamento humanos que percebe o organismo como um sistema dinâmico* que envolve padrões fisiológicos e psicológicos interdependentes e está inserida nos mais amplos sistemas interagentes de dimensões físicas, sociais e culturais (p. 351). Embora psicólogos e psicoterapeutas se ocupem predominantemente de fenômenos mentais, eles insistem em que estes só podem ser entendidos no contexto de todo sistema corpo/mente. Por conseguinte, *a base conceitual da psicologia também deve ser compatível com a biologia.* (p. 359, grifo nosso).

Dentre os psicólogos apontados por Capra (2006[1982]) como expoentes que se aproximam dessa nova visão, destacam-se: Jung (p. 354-355), Maslow (p. 356), Rogers (p. 357), Sullivan (p. 357), Horney (p. 358), Wilber (p. 361), Grof (p. 363), Perls (p. 376) e Janov (p. 377).

Sobre os psicólogos humanistas, Capra (2006[1982]) comenta:

Maslow enfatizou que os seres humanos devem ser estudados como organismos integrais, e que esse estudo deve se concentrar especificamente em indivíduos saudáveis e nos aspectos positivos do comportamento humano: felicidade, satisfação, divertimento, paz de espírito, júbilo, êxtase. Tal como Jung, Maslow estava profundamente interessado no crescimento pessoal e no que chamou de ‘auto-realização’. (p. 356).

Na psicoterapia [...] o grande inovador nesse campo foi Carl Rogers, que enfatizou a importância de se considerar o paciente de forma positiva e desenvolveu uma psicoterapia ‘não-diretiva’ [...] A essência da abordagem humanista consiste em considerar o paciente uma pessoa capaz de crescer e se auto-realizar. (p. 357).

Em comum, todos esses psicólogos e psicoterapeutas são perpassados pela seguinte proposição:

A idéia de que o organismo humano possui uma tendência inerente para curar-se e para evoluir é uma questão central para a psicoterapia quanto para qualquer outra terapia. Na abordagem sistêmica, o terapeuta visa, em primeiro lugar, iniciar o processo de cura ajudando o paciente a ficar num estado em que se tornam ativas as forças curativas naturais. (CAPRA, 2006[1982], p. 374).

Assim como Capra, Prigogine também se vincula a uma nova visão de ciência não mecânica e não newtoniana. Na verdade, Prigogine foi um dos pioneiros na desconstrução da visão newtoniana de ciência e exerceu profundas influências em Capra e outros pensadores de ciência.

Segundo Prigogine (apud PENNA, 1997),

Sabemos que a mecânica quântica introduziu o acaso na física [...] Não podemos prever o futuro da vida ou da nossa sociedade ou do universo [...] este futuro permanece aberto, ligado como está a processos sempre novos de transformação e de aumento da complexidade. Os recentes desenvolvimentos da termodinâmica propõem-nos, por conseguinte, um universo em que o tempo não é nem ilusão nem dissipação, mas no geral o tempo é criação. (p. 21-22).

Logo,

Na concepção clássica, o determinismo era fundamental e a probabilidade era [...] derivada da informação imperfeita. Hoje é o contrário [...] o determinismo dos sistemas com base nas leis sobre o movimento de Newton [...] se demonstrou serem inexatas. (p. 22-23).

Nosso mundo físico não é um relógio, mas um caos imprevisível! Todas as teorias deterministas, fundadas na cadeia necessária de causas e efeitos, são progressivamente substituídas por cálculos de probabilidade. (23-24).

Destarte, Prigogine (1996) elabora a teoria das estruturas dissipativas. Nela há um princípio de ordenação baseado em flutuações abertas e instáveis que não podem ser determinadas, mas desencadeiam espontaneamente reações não lineares que pressionam um sistema até o seu limite máximo de instabilidade, conduzindo-o na transformação irreversível de uma situação auto-organizada em uma situação de não-equilíbrio.

Prigogine (1996) descreve os seres vivos como uma estrutura dissipativa em constante abertura ao fluxo da energia e matéria. Ainda que um sistema vivo seja organizacionalmente fechado em sua estrutura, ele é estruturalmente aberto. Em outras palavras, por mais estável e complexa que seja a organização de sistemas vivos e/ou não vivos, este consome energia e matéria para manter sua organização, mas, ao fazer isso, se transforma em algo novo.

Em consonância com a visão de ciência de Capra e Prigogine, Maruyama (1963) evidencia a descontinuidade no desenvolvimento do organismo, dado que seus elementos (códigos genéticos, por exemplo), ainda que sigam processos cíclicos e auto-regulatórios, são regidos por uma “descontinuidade circular” que envolve múltiplas variáveis e estabelece relações de mútua causalidade. É o que o autor focaliza como a dinâmica dos sistemas.

Salienta-se que, nessa dinâmica descontínua, a mudança de uma variável inicia uma mudança na direção das outras variáveis, o que produz uma instabilidade sistêmica que será auto-regulada e tornada estável, até que o processo se repita. Desse modo, é possível

ajustar as intervenções para obter o tipo de transformação sistêmica desejada, mas isso não implica uma certeza (MARUYAMA, 1963).

Ainda que esses autores tenham desenvolvido uma visão sistêmica, conforme Rogers (1983a) elucidou, Smuts já havia elaborado uma concepção holística para pensar ciência e organismo. Para Smuts (LIMA, 2008) há uma tendência evolutiva, presente em todos os compostos do universo, que se estratifica dos compostos inorgânicos até a criação espiritual.

Smuts (LIMA, 2008) critica a ciência moderna por se afastar dessa visão, por separar os assuntos da matéria, da mente e da vida, em estruturas explicativas mecanicistas e segregadas, enquanto a Filosofia se torna abstrata e desconectada dos fatos da realidade.

Assim, as funções de auto-regulação, numa perspectiva holística, são entendidas como um processo que torna complexo e liberta o organismo das instabilidades dos processos vitais que lhe são perpassadas pelo ambiente. Smuts defende o argumento de que essa evolução torna o organismo independente aos estímulos do meio e transforma as causalidades externas numa seletividade autodirecionada a suplantam os mecanicismos de seleção natural (LIMA, 2008).

Por fim, Adler (ASBACHER, 1978) utilizou o holismo de Smuts como suporte para fundamentar sua concepção de que no homem existe um impulso de busca por completude, superioridade e evolução.

### **7.1.1 O que Rogers assimilou e elaborou das influências organísmicas e sistêmicas**

Antevendo que as concepções tradicionais da Ciência seriam rígidas com a sua nova perspectiva “centrada na pessoa”, Rogers (1983b) ressalta a necessidade de desenvolver

[...] uma ciência mais complexa e humana, baseada em conceitos novos e menos rígidos. Sua tecnologia objetivará o engrandecimento das pessoas, ao invés da exploração delas e da natureza [...] E nessa ordem parece crescer uma nova visão de mundo, a relação, um renovado amor pela natureza e por cada pessoa, uma compreensão da unidade espiritual do universo. (p.19).

Deste modo, a abordagem centrada na pessoa (ACP) confirma e ancora essa nova visão de mundo e de ciência, desde a noção de tendência formativa em sua prática. Segundo Rogers (1983a),

Estamos descobrindo uma tendência que permeia toda a vida orgânica – uma tendência para se tornar toda a complexidade de que o organismo é capaz. Em uma escala ainda maior, creio que estamos sintonizando uma tendência criativa poderosa, que deu origem ao nosso universo, desde o menor floco de neve até a maior galáxia, da modesta ameba até a mais sensível e bem-dotada das pessoas [...] No meu entender, este tipo de formulação é o princípio filosófico fundamental de uma abordagem centrada na pessoa. Ela justifica meu engajamento com um modo de ser que ratifica a vida. (p. 50-51).

Em se tratando da noção da tendência formativa, Rogers (1983a, p.44) detém a ideia de que “[...] os físicos têm focalizado principalmente a ‘entropia’, a tendência para a deteriorização ou para a desordem, onde todo sistema se degenera em direção a um estado “cada vez mais caótico”.

Por outro lado, Rogers (1983a, p.45) também enfoca o que Szent-Gyorgyi chamou de ‘sintropia’ para compreender a evolução de sistemas complexos. Essa tendência é orientada para uma maior organização e ordenação de sistemas orgânicos e inorgânicos.

Em complemento à sintropia, Rogers (1983a, p.45) destaca também o que “Whyte chamou de ‘tendência mórfica’: a tendência sempre atuante em direção a uma ordem crescente e a uma complexidade inter-relacionada, visível tanto no nível orgânico como no inorgânico”.

Logo, percebemos que a noção de *tendência formativa* está respaldada pelos seguintes elementos explicativos, advindos de outros saberes originados do novo paradigma de Ciência (ROGERS, 1978b, 1983a, 1983b):

- A tendência mórfica teorizada por Lancelot Whyte - aponta que existe uma tendência sempre crescente e atuante a uma complexidade inter-relacionada entre os elementos orgânicos e inorgânicos;
- A epistemologia morfogenética de Magorah Maruyama - defende o argumento de que o código genético esclarece muitas especificações internas do organismo, mas não o determina, por este se desenvolver de uma forma original às suas especificações elementares. A originalidade do organismo ocorre em virtude das suas interações mútuas com outros

organismos e ambientes, tendendo a criar novas informações e padrões genéticos;

- O pensamento científico e místico de Fritjof Capra frisa que o universo é um todo indivisível que funciona como um sistema integrado e total. Nesse aporte, a ciência e o misticismo, em especial o oriental, devem ser vistos como vias complementares à compreensão do universo;
- A teoria das estruturas dissipativas de Ilya Prigogine elabora a ideia de um caos que responde a uma ordem dentro de uma instabilidade probabilística. Isso ocorre no organismo e a todos os sistemas que trocam energia com o ambiente, demandando maior complexidade interativa para que um não se dissipe do outro, mas enseje novas formas transcendentais, irreversíveis e promotoras de vida, inclusive por meios de degradação (entropia); e
- A Biologia de Albert Szent-György enfatiza uma tendência (sintropia) à ordenação mais complexa do organismo em sua realização e auto-regulação em favor de maior independência ao seu meio externo.

Embora Smuts e Adler não tenham sido indicados por Carl Rogers como influências de seu pensamento, nesse aporte - que interessa à ACP - o holismo de Smuts tem a proposta de trazer à tona uma ciência que estuda os aspectos evolutivos desses compostos universais. No âmbito biológico, qualquer organismo é um todo que apresenta um padrão desses aspectos universais para evoluir e configurar novas matérias, padrões mentais e formas de vida (LIMA, 2008).

É interessante observar que muitas ideias do artigo de Rogers (2001[1977]) sobre a tendência à realização como a base da ACP se repetem em sua última fundamentação à luz da tendência formativa (ROGERS, 1983a). Por isso, não tratamos neste tópico das ideias de Goldstein, Maslow e Angyal como influências, por julgarmos que isso já foi realizado de modo satisfatório a elucidar a influência desses autores em Rogers.

O mesmo pode-se dizer de Whyte, que continua a ser apresentado como um pensador que se aproximou e confirmou o pensamento de Rogers. Aludimos, entretanto, que o fato de este ter creditado um sentimento de dívida com aquele nos faz pensar sobre a possibilidade de uma possível influência difusa.

Antes de concluir o tópico, apontamos que essa fase do pensamento de Rogers foi marcada pelas contribuições de Maria Constança Villas-Boas Bowen. Embora a colaboradora brasileira não seja mencionada nos escritos de Rogers como uma influência para o seu pensamento, não podemos deixar despercebida a importância dela no aprofundamento da dimensão espiritual dele.

Foi graças à amizade e cumplicidade de Maria Bowen (CAVALCANTE Jr., 2008a) que Rogers começou a ir para conferências com temas sobre espiritualidade. Rogers assistiu, em 1979, a uma palestra sobre a tendência formativa dos cristais. No ano seguinte, por meio de publicação, lança a sua hipótese sobre a tendência formativa como a base da ACP (ROGERS, 1983a).

Maria Bowen tornou-se psicoterapeuta de Rogers em 1979. Embora não se saiba quem influenciou quem, na última fase encontramos uma ACP que inclui a *intuição* como uma condição terapêutica e os *momentos de movimentos* como elemento essencial para que ocorra uma mudança de personalidade (CAVALCANTE Jr., 2008a).

Estes foram os fundamentos que Rogers (1983a) distinguiu para a ACP em sua última obra publicada. Ainda que facilmente se incorra no equívoco de confundir esses fundamentos com uma perspectiva de Psicologia Transpessoal, cabe frisar que tanto a terapia centrada no cliente (TCC) quanto a ACP são típicas representantes da Psicologia Humanista em suas contestações ao Behaviorismo e à Psicanálise. No que concerne à relação de Rogers com a Psicologia Transpessoal, frisamos que,

Embora o seu ingresso oficial na Associação de Psicologia Humanista tenha sido de início relutante e tardio, só se efetivando abertamente em 1964 por ocasião da conferência de Old Saybrook, seu engajamento desde então foi total, jogando todo o peso de seu prestígio profissional e da popularidade de suas idéias em favor do reconhecimento e sólido estabelecimento da nova força no panorama da psicologia [...] Já em relação à psicologia transpessoal, embora esta tenha nascido no círculo mais íntimo da psicologia humanista, ao qual Rogers esteve ligado inclusive por laços de amizade pessoal, não se tem notícia de que tenha participado, colaborado, apoiado ou se associado ao lançamento da Quarta força. É inclusive muito rara na literatura da ACP qualquer referência ao movimento transpessoal institucionalizado, e tampouco a literatura transpessoal cita Rogers como colaborador ou simpatizante. (BOAINAIN, 1998, p. 94-95).

A ACP insere-se na proposta de formulação de ciência do homem e de uma Psicologia ainda ligada a uma perspectiva biológica de crescimento organísmico, em suas concepções de personalidade e comportamento. Até as posições epistemológicas, fenomenológicas e existenciais, que se aproximam em alguns aspectos de Rogers, não

ressoam com esses fundamentos da ACP nem com a Psicologia Transpessoal (BOAINAIN, 1998).

## CAPÍTULO 8 – ALGUMAS CONSIDERAÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DE UMA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA PÓS-ROGERS

Chegando ao final desta pesquisa, existem algumas considerações relacionadas com tudo o que foi analisado. Não se trata de conclusões, dado que nesta etapa final sobre o estudo do tema percebemos que ele não fecha questões, mas abre possibilidades para o desenvolvimento do legado de Rogers.

Ressaltamos que a inteligibilidade sobre a noção de organismo em Carl Rogers e sua investigação epistemológica é uma perspectiva que só poderia ter surgido por meio da nossa experiência com a teoria e práticas de Rogers e o seu olhar epistemológico.

Mesmo que a nossa experiência não esteja desvinculada de interlocuções com outras experiências, e isso, sem dúvida, influenciou e contribuiu com a pesquisa, não acreditamos que esta, ao retrair a noção de organismo no *fieri* teórico de Rogers, tenha descoberto algo que estava encoberto, como se existisse por si só escondido debaixo de uma malha.

Ainda que muitos leitores não concordem, queremos frisar é que, embora esta dissertação, por uma questão de método, esteja repleta de citações, isso não quer dizer que elas seguem uma lógica contínua que estava abstrusa ou que ainda estava oculta esperando ser encontrada. Na realidade, mais do que uma verificação de conteúdos, as referências e citações tratam de uma tentativa de (re)criação sistemática que reconta uma história de Rogers ainda não apresentada. Isso nos parece evidente pela disposição de pensar como esses escritos são reordenados e reconstruídos mediante uma investigação epistemológica da noção de organismo em Rogers.

O leitor pode inquirir ou questionar, por exemplo, por que a pesquisa não enfocou outros aspectos pessoais, conceituais e acadêmicos de Rogers. Podemos exemplificar o adoecimento e a morte da esposa de Rogers, que o impactaram profundamente, ao ponto de ele repensar as relações matrimoniais e amorosas e se aproximar de Maria Bowen; ou a infância de Rogers em sua fazenda e seu interesse por Agronomia que o fizeram tomar gosto pelas questões da vida.

Todas essas e outras histórias são válidas para se pensar outras zonas de influências que se capilarizaram na terapia centrada no cliente (TCC) e na abordagem

centrada na pessoa (ACP). Por uma questão metodológica e de enfoque, porém, a pesquisa não abordou esses aspectos.

Destarte, revisada e discutida a perspectiva epistemológica da noção de organismo em Carl Rogers, com base no que ele demarcou como fundamentos e influências para sua concepção organísmica, consideramos que o criador da TCC e da ACP seguiu um propósito construtivo em torno da noção aludida. Isso confirma nossa hipótese e consagra o objetivo de investigar, mediante uma perspectiva epistemológica, a noção de organismo no *fieri* teórico de Rogers.

Devemos ressaltar que ao partir de sua experiência pessoal e iniciar uma perspectiva de organismo que foi acrescida de outras correntes de ideias advindas de várias linhas epistemológicas, Rogers, em sua última fase, cumpre o propósito do que Maslow (1968) descreveu como o caminho para que se dirigisse a uma psicologia humanista mais ampliada e centrada no cosmos do que nas necessidades humanas.

Com o advento da ACP, Rogers (1983a;1983b) realiza um apontamento para novas epistemologias e filosofias de ciência que repensam as concepções mecanicistas presentes nas ciências biológicas, psicológicas e humanas. Coerente com as necessidades e discussões científicas de seu tempo, Rogers dialogou com novas ideias de se conceber ciência, universo, misticismo, homem e mundo.

Essa nova visão implicou noções, como *tendência formativa* (ROGERS, 1983a), *momentos de movimento* (ROGERS, 2004a), e incluiu as dimensões da *intuição* e da *presença* como novos elementos facilitadores do crescimento organísmico (ROGERS, 2004b). O criador da ACP, no entanto, não realizou nenhuma revisão dos seus construtos teóricos e conceituais, articulando-os com sua visão de ciência.

É obvio que as experiências de grupos foram decisivas para essa nova elaboração, que exigiu fundamentações mais sistêmicas do que aquelas das concepções funcionalistas e organicistas. Ao continuar, porém, a fundamentar a ACP por um viés biológico, unido a aportes advindos da Física e Química contemporâneas, Rogers não chegou a elaborar implicações mais sistematizadas dessas teorias com sua prática, muito menos com suas pesquisas, o que ensejou muitos questionamentos em relação à eficácia dessa nova abordagem.

A despeito disso, muitos optaram por uma rejeição do que Rogers apresentou como a sua última resolução epistemológica. Ainda mais - poucos se disponibilizam a atentar

para esse *fieri* epistemológico, e não adentram como o criador da ACP descentraliza a pessoa para encentrar o fluxo formativo da vida, a partir da noção de tendência formativa.

Ao tratar da ACP como “um jeito de ser” que retifica a vida com origem no organismo e suas relações com as tendências reguladora, realizadora e formativa, Rogers propõe uma nova perspectiva de humanismo. Em outras palavras: mesmo reconhecendo que o antropocentrismo manifesto na Psicologia Humanista e na cultura estadunidense possibilitou um novo programa de vida e valores necessários ao homem em um período de crise, percebemos que o pensamento de Rogers rumou para um humanismo mais elevado do que o humano.

Mediante as crises globais, atômicas e ambientais, Rogers foi sensível à emergência de um novo programa de vida gerador de sentidos mais integrados a um funcionamento cósmico e ecológico. Não obstante a emergência de inúmeros seguidores dessa proposta, e embora Maria Bowen e John Wood se insiram como os principais colaboradores desse novo “humanismo não antropocêntrico”, não houve pesquisas empíricas que comprovassem uma validade científica desse novo programa.

É evidente que uma nova visão de ciência, todavia, foi apontada por Carl Rogers como solo paradigmático para se pensar e desenvolver esses novos aportes. Epistemologicamente, percebemos que Rogers deixou margens para que a ACP, ao contrário da TCC, não se desenvolvesse unicamente num âmbito intelectual-acadêmico, visto que as universidades, em geral, estão interessadas em “um jeito de pensar”, e não em “um jeito de ser” (ROGERS apud CAVALCANTE, Jr., 2008a). Isso não elimina, porém, a necessidade de uma formação experiencial e organísmica, subjacente ao sistema teórico e conceitual de Rogers, como requisito imprescindível ao desenvolvimento dessa nova proposta humanista.

Ainda que um “jeito de ser” não necessite das querelas epistemológicas, acadêmicas e científicas, dado que a experiência direta é a suprema autoridade e pedra angular de toda validade, à qual as ideias e pesquisas devem se remeter (ROGERS, 1997[1961]), isso não implica afirmar que a ACP não possua ou possibilite um desenvolvimento nesses âmbitos. Rogers nunca deixou de pensar e desenvolver o seu construto de conhecimento dentro das querelas científicas internas e externas ao seu conhecimento.

O perigo de um “jeito de ser por um jeito de ser”, apartado do *fieri* constituído por Carl Rogers, dá margens a reducionismos “dietéticos” de uma ACP que, por exemplo, pode ser futilmente concebida sob o crivo de se utilizar somente três atitudes facilitadoras,

aplicadas arbitrariamente em qualquer ambiente, esquecendo-se de que é requerido bem mais do que isso para sustentar um campo de atuação nessa abordagem.

Ponderamos que a perspectiva de inteligibilidade sobre Rogers levantada nesta pesquisa abre uma nova orientação para se pensar esse autor e desenvolver uma ACP do século XXI.

Na nossa meditação, ao atentar para as obras de Rogers, em especial para os seus artigos e capítulos de fundamentação teórica, a leitura desse psicólogo era indireta e insuficiente na perspectiva de uma filosofia fenomenológica europeia ou a um encaminhamento total para essa vertente aplicada à Psicologia. A fenomenologia e o existencialismo não comparecem como definidores epistemológicos da TCC e da ACP, muito embora Rogers, por vezes, os tenha confundido e os tratado como sinônimos, demonstrando que ele nunca foi um estudioso dessas filosofias.

Podemos reconhecer implicações existenciais para alguns aspectos da teoria de Rogers, como, por exemplo, nos grupos de encontros, em que ele deixa claro: “Não me sinto competente para analisar isso de um modo completo, todavia é evidente que, num mundo que está vivendo numa crescente filosofia existencial, o grupo de encontro terá muito com que contribuir”. (ROGERS, 2002[1970], p.197).

A despeito de no Brasil haver um crescente enquadramento do conhecimento de Rogers dentro de uma perspectiva epistemológica exclusivamente fenomenológico-existencial, cremos que isso decorre do fato de muitas traduções do sistema teórico e metodológico das obras de Rogers só terem chegado ao solo brasileiro na segunda metade da década de 1970, o que deixou uma necessidade de aprofundamento; nas vezes em que esteve no Brasil, Rogers não veio como acadêmico, mas como facilitador de experiências grupais; e, ainda que indefinido, Rogers deu margem a tal enquadramento.

Ora, no que concerne a Rogers diante de sua insuficiência admitida com relação à filosofia existencial e a sua restrição em apresentar a fenomenologia como uma nova perspectiva científica para a pesquisa psicológica - que só foi apontada e não desenvolvida por ele -, fica obvio que o sistema teórico, metodológico e clínico da TCC e alguns aspectos fundamentais da ACP, se concebidos à luz dessas perspectivas serão insatisfatórios, o que incorrerá numa necessidade de aprofundamento, buscando elementos externos ao conhecimento de Rogers - inclusive para resolver os conflitos de sua abordagem, tais como, por exemplo, o conflito entre individual e coletivo ou o dualismo entre interno e externo.

Portanto, essa confusão de problemas dificulta uma visão processual da feitura do conhecimento de Rogers e dá margem a uma busca de encaixes epistemológicos com outras perspectivas para suprir essas supostas faltas. Sobre isso, Wood (2008) comentou:

É possível que a postura de Rogers não tenha sido ‘fenomenológica’, que sua teoria tenha sido incompleta, ou mesmo errada, que sua filosofia seja vaga. No entanto, a atitude com que ele se aproximava do estudo do fenômeno da psicoterapia eficaz, decerto condiz adequadamente com o *phainomenon* de Heidegger (1962) – aquilo que se mostra em si mesmo. E mais importante de tudo, ele era um terapeuta *eficaz*. Sua terapia de forma alguma ficou comprometida por qualquer fenomenologismo que lhe possa ter faltado.

Pessoalmente sou atraído pela fenomenologia. Acho, por exemplo, que a ciência fenomenológica de Goethe é mais elegante que a ciência de Newton, para descrever o fenômeno da luz. Entretanto, preferências estéticas são uma coisa, e eficácia na prática de psicoterapia, outra. Para os críticos que, tanto quanto posso ver, ainda tem que demonstrar uma “psicoterapia fenomenológica” eficaz, criticar a prática irrefutavelmente bem sucedida de Rogers, é deplorável. (p.257, grifo do autor).

Para tanto, basta entrarmos em contato com as obras de Rogers, em especial com os seus procedimentos de validação clínica, para atribuímos a sua importância para a psicoterapia dentro do campo da Psicologia. Esta foi uma conquista da TCC, porém no que concerne a ACP, temos que,

Rogers considerou a Abordagem Centrada na Pessoa como uma forma singular de abordagem, organizadora da experiência bem sucedida em diversas atividades. A Terapia Centrada no Cliente foi a primeira dessas aplicações e consistiu na facilitação do crescimento pessoal e da saúde psicológica de indivíduos numa psicoterapia pessoa-a-pessoa [...] A Abordagem Centrada na Pessoa não é uma teoria, uma terapia, uma psicologia, uma tradição. Não é uma linha, como por exemplo, a linha Behaviorista. Embora muitos tenham notado um posicionamento existencial em suas atitudes, e outros tenham se referido a uma perspectiva fenomenológica em suas intenções, não é uma filosofia. Acima de tudo não é um movimento como o movimento trabalhista. É meramente uma abordagem, nada mais, nada menos. (WOOD, 2008, p. 14).

Ponderamos que pesquisas epistemológicas que investiguem as influências difusas da fenomenologia e do existencialismo podem e devem ser realizadas de modo a aprofundar e desenvolver a ACP. Tal realização, entretanto, deve evitar filosofar a Psicologia ou “psicologizar” a Filosofia. Alguns trabalhos dessa ordem já vêm sendo desenvolvidos no Brasil (BEZERRA, 2007; MOREIRA, 2007, 2009b).

Seja qual for a via de desenvolvimento para uma perspectiva pós-Rogers, não nos podemos esquecer de que tanto a TCC quanto a ACP têm como ponto em comum o fato de que ambas precisam de uma experiência que se acomode e se amplie em um organismo; ou

seja, são propostas de intervenção experiencial que visam a uma apropriação do funcionamento organísmico em suas esferas tácitas, simbólicas, experienciais, sociais, ecológicas e cosmológicas. Em todas as suas atuações, ambas estão centradas em um tipo de relação que se foca no momento presente da relação e nos aspectos vivenciais e experienciais que emergem dessa relação.

Resta-nos agora a questão de como é possível estabelecer um avanço dentro da proposta de ciência apontada por Carl Rogers que respeite todas essas distinções epistemológicas apresentadas, e não se estagne em elaborações arcaicas e apartadas dos problemas atuais que a Humanidade e o Planeta estão atravessando. Várias são as ressalvas a que se propõe a nossa reflexão nesse domínio epistemológico.

Em primeiro lugar, pensamos que, para tal retomada e assunção, é preferível optar por uma epistemologia como teoria do conhecimento de Rogers, e não como uma filosofia de ciência que releia o seu conhecimento por outros aportes, como popperianos ou bachelardianos, por exemplo (PENNA, 1997).

Em segundo lugar, frisamos que o valor de uma ciência que toma toda a complexidade organísmica da TCC e da ACP possibilita contribuições para tratar de questões contemporâneas como: investigações de “experiências virtuais” em *Second Life*; intervenções sobre os problemas ecológicos do Planeta mediante o favorecimento de relações ambientais mais plenas e integradas; leituras antropológicas para diversos fenômenos culturais; formação de psicólogos e psicoterapeutas que conciliem e lidem com o rigor acadêmico e com “um jeito de ser” etc.

Em terceiro lugar, percebemos que Rogers deixou em aberto duas perspectivas de Ciência para desenvolvermos uma nova Psicologia mais humana e holística. Apesar disso, resta-nos o resguardo de não nos perdermos em filosofias ou concepções científicas que dissipem o lugar de Psicologia e da ACP nelas. Urge que sempre nos perguntemos o que desses aportes filosóficos e científicos chegam e interessam à abordagem, para que possamos desenvolvê-la num novo plano científico, metodológico, aplicado e político.

Em psicoterapia, como seria repensar uma teoria da personalidade, da psicoterapia, de funcionamento pleno e das relações humanas, sob uma base de tendência formativa? Isso implicaria uma nova concepção de personalidade, psicoterapia, funcionamento pleno e relações humanas? Como podemos desenvolver novos métodos condizentes com a complexidade da relação entre organismo e tendência formativa? Quais as

implicações de se desenvolver uma vertente culturalista e antropológica baseada nessas concepções organísmicas e formativas? É possível desenvolver uma ACP do sul, ou seja, uma abordagem que reivindique regionalidade e localidade em oposição a uma dominação epistemológica advinda dos países do hemisfério norte?

O que aconteceria se invertêssemos a proposição de que o centro da abordagem não é a pessoa, mas os fluxos vitais e formativos que perpassam por ela? Esta dissertação se propôs, por um viés epistemológico, dar luz a uma resposta para essa questão, porém, no Brasil, podemos encontrar alguns trabalhos que desenvolvem uma resposta para isso (CAVALCANTE Jr.; SOUSA, 2008; CASTELO BRANCO, 2008; CASTELO BRANCO; CAVALCANTE Jr.; OLIVEIRA, 2008; CAVALCANTE Jr., 2008a; SOUSA, 2008; SALES, 2008; SOUSA; OLIVEIRA; SALES; CASTELO BRANCO, 2009; VASCONCELOS, 2009; SALES, 2010; SOUSA, 2010).

Todas as respostas a essas perguntas exigiriam uma revisão do conceito de pessoa, que redimensionariam a tendência formativa para o centro de onde se parte a abordagem, deslocariam as auto-regulações da personalidade do centro de partida para se pensar intervenções e teorias, e manteriam a tendência à realização como intermediária a essas tendências.

Encerramos esta pesquisa com o desafio de elaboração de uma fase seguinte à ACP de Rogers, composta por um novo sistema que permita conceber uma atuação que adote o funcionamento organísmico vinculado aos fluxos formativos da vida. Essa provocação sugere novas pesquisas, mapeamentos e categorias dinâmicas à premissa “formativa” da abordagem.

Intenciono que as reflexões levantadas ao longo deste estudo possam contribuir no estabelecimento desse caminho de busca ao avanço de uma fase pós-Rogers, com uma ACP que se mantenha na vanguarda do século XXI. Esperamos, também, que o esboço de um novo modelo de ciência, método e prática de uma “Ciência Centrada na Pessoa” possa, aos poucos e com rigor, tomar forma, permitindo aos profissionais e estudiosos da área uma atuação transformadora.

## REFERÊNCIAS

ANGELL, J. O funcionalismo. In: HERRNSTEIN, R; BORING, E. *Textos básicos de história da psicologia*. São Paulo: Editora Herder, 1971 (Ed.or.1907). p. 617-626.

ASBACHER, H. Rogers' "formative tendency", Smuts and Adler: a humanistic consensus. *Journal of Humanistic Psychology*, v. 18, n. 3. 1978.

BARROCAS, R.L.L. *A influência difusa da fenomenologia nas ciências humanistas*. Humanismo nos tempos de hoje. No prelo.

BEZERRA, M.E.S. *Um estudo crítico das psicoterapias fenomenológico – existenciais: Terapia centrada na pessoa e Gestalt-terapia*. 2007. Dissertação (Mestrado) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Pará, Belém, 2007.

BOAINAIN, E. *Tornar-se transpessoal: transcendência e espiritualidade na obra de Carl Rogers*. São Paulo: Summus, 1998.

CAPRA, F. *O ponto de mutação: a ciência, a sociedade e a cultura emergentes*. São Paulo: Cutrix, 2006 (Ed.or.1982).

\_\_\_\_\_. *O semeador de idéias - Fritjof Capra*. Disponível em: <<http://novaconsciencia.multiply.com/journal/item/118>>. Acesso em: 05 fev. 2010.

CAVALCANTE Jr., F.S. Trilhas de vida e espiritualidade em Maria Bowen: “interconexão no universo e na psicoterapia”. In: BRAGA, E; CAVALCANTE Jr., F. (Orgs.). *Artes do existir: trajetórias de vida e transformação*. Fortaleza: Edições UFC, 2008a. p. 126-139.

\_\_\_\_\_. Psicologia Humanista Experiencial. In: CAVALCANTE Jr., F.S; SOUSA, A (Org.). *Humanismo de funcionamento pleno: tendência formativa na Abordagem Centrada na Pessoa – ACP*. Campinas: Alínea, 2008b. p. 21-44.

\_\_\_\_\_. et al. Vidas que se encontram e que transformam psicoterapeutas: contribuições heurísticas à aprendizagem experiencial no referencial da psicologia clínica humanista. In: SOUZA, E; PASSEGI, M (Orgs.). *Pesquisa (auto)biográfica: cotidiano, imaginário e memória*. Natal: Paulus, 2008. p. 127-146.

\_\_\_\_\_; SOUSA, A.F. (Org.). *Humanismo de funcionamento Pleno: Tendência Formativa na Abordagem Centrada na Pessoa – ACP*. Campinas: Alínea, 2008.

CASTELO BRANCO, P.C. Organismo: tendência atualizante e tendência formativa no fluxo da vida . In: CAVALCANTE Jr., F.S.; SOUSA, A.F (Orgs.). *Humanismo de funcionamento Pleno: Tendência Formativa na Abordagem Centrada na Pessoa – ACP*. Campinas: Alínea, 2008. p. 65-96.

\_\_\_\_\_; CAVALCANTE Jr., F.S; OLIVEIRA, H.T. Da experiência à experienciação no pragmatismo em Rogers: implicações para a tendência formativa da ACP. In: CAVALCANTE Jr., F.S.; SOUSA, A.F (Orgs.). *Humanismo de funcionamento Pleno: Tendência Formativa na Abordagem Centrada na Pessoa – ACP*. Campinas: Alínea, 2008. p. 117-144.

CURY, V. *Psicoterapia centrada na pessoa: evolução das formulações sobre a relação terapeuta-cliente*. 1987. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1987.

\_\_\_\_\_. *Abordagem centrada na pessoa: um estudo sobre as implicações dos trabalhos com grupos intensivos para a terapia centrada no cliente*. 1993. Tese (Doutorado) – Universidade de Campinas, Campinas, 1993.

DEWEY, J. *Reconstrução da filosofia*. São Paulo: Companhia Editora nacional, 1959a.

\_\_\_\_\_. *Democracia e educação: introdução a filosofia da educação*. 3. ed. São Paulo: Nacional, 1959b.

\_\_\_\_\_. *Contra a reflexologia*. In: HERRNSTEIN, R.; BORING, E. *Textos básicos de história da psicologia* (pp. 394-399). São Paulo: Editora Herder, 1971 (Ed.or.1896).

EVANS, R. *Carl Rogers: o homem e suas idéias*. São Paulo: Martins Fontes, 1979 (Ed.or. 1975).

FIGUEIREDO, L.C. Matriz funcionalista e organicista na psicologia americana. In: \_\_\_\_\_. *Matrizes do pensamento psicológico*. Petrópolis: Vozes, 1991a, p. 73-88.

\_\_\_\_\_. Matriz funcionalista e organicista na psicologia européia, na psicanálise e na psicossociologia. In: \_\_\_\_\_. *Matrizes do pensamento psicológico*. Petrópolis: Vozes, 1991b, p. 89-106.

FRICK, W. *Psicologia humanista: entrevistas com Maslow, Murphy e Rogers*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975 (Ed. or. 1971).

GENDLIN, E; ROGERS, C.R. The conceptual context. In: ROGERS, C (Org.). *The therapeutic relationship and its impact: a study of psychotherapy with schizophrenics*. Madison: University of Wisconsin Press, 1967. p. 03-22.

\_\_\_\_\_; TOMLINSON, T. The process conception and its measurement. In: ROGERS, C (Org.). *The therapeutic relationship and its impact: a study of psychotherapy with schizophrenics*. Madison: University of Wisconsin Press, 1967. p. 109-134.

\_\_\_\_\_. Comunicação subverbal e expressividade do terapeuta: tendências de terapia centralizada no cliente no caso de esquizofrênicos. In: ROGERS, C.R (Org.). *De pessoa para pessoa: o problema de ser humano*. São Paulo: Pioneira Editora, 1977 (Ed.or.1967).

\_\_\_\_\_. Celebrações e problemas da psicologia humanista. *The humanistic psychologist*, v.20, n. 2-3. 1992. Disponível em: <[http://www.focusing.org/gendlin\\_celebrations\\_pt.html](http://www.focusing.org/gendlin_celebrations_pt.html)>. Acesso em: 21abr. 2010.

GIORGI, A. *A psicologia como ciência humana: uma abordagem de base fenomenológica*. Belo Horizonte, Interlivros, 1978

GOBBI, S; MISSEL, S; JUSTO, H; HOLANDA, A. *Vocabulário e noções básicas da abordagem centrada na pessoa*. 2. ed. São Paulo: Vetor, 2005.

GOLDSTEIN, K. *La natureza humana a la luz de la psicopatologia*. Buenos Aires: Paidós, 1961 (Ed.or. 1940).

\_\_\_\_\_. *The organism: a holistic approach to biology derived from pathological data in man*. Boston: Beacon Press, 1963 (Ed.or. 1939).

GOODWIN, J. *História da psicologia moderna*. São Paulo: Cultrix, 2005.

GOTO, T. A. *Introdução à Psicologia Fenomenológica: a nova psicologia de Edmund Husserl*. São Paulo: Paulus, 2008.

HALL, S; LINDZEY, G. *Teorias da personalidade*. São Paulo: EPU, 1984.

\_\_\_\_\_.; \_\_\_\_\_.; CAMPBELL, J. *Teorias da personalidade*. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

HEIDBREder, E. *Psicologias do século XX*. 5 ed. São Paulo: Mestre Jou, 1981.

HORNEY, K. *Neurose e desenvolvimento humano: a luta pela auto-realização*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A, 1959 (Ed.or.1950).

HOLANDA, A. *Diálogo e psicoterapia: correlações entre Carl Rogers e Martin Buber*. São Paulo: Lemos, 1998.

HUSSERL, E. *Meditações cartesianas*. São Paulo: Madras, 2001.

JUSTO, H. *Cresça e faça crescer: lições de Carl Rogers*. 7. ed. Canoas: LaSalle, 2001.

KÖHLER, W. *Psicologia da gestalt*. Belo Horizonte: 1980 (Ed.or.1947).

LEWIN, K. *Teoria do campo em ciência social*. São Paulo: Pioneira, 1965.

LIMA, P.V. (2008). O holismo de Jan Smuts e a Gestat-Terapia. *Revista da Abordagem Gestática*, n.XIV, v.1. 2008. p.03-08.

MARUYAMA, M. The Second Cybernetics: Deviation Amplifying Mutual Causal Processes. *American Scientist*, n. 51. 1963. Disponível em:  
<[http://www.mountainman.com.au/chaos\\_05.htm](http://www.mountainman.com.au/chaos_05.htm)>. Acesso em: 22 abr. 2010.

MARX, M; HILIX, W. *Sistemas e teorias em psicologia*. São Paulo: Cultrix, 1976.

MASLOW, A. *Introdução à psicologia do ser*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1968.

\_\_\_\_\_. *Motivation and personality*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1970 (Ed. or. 1954).

MAY, R. *A descoberta do ser: estudos sobre psicologia existencial*. Rio de Janeiro: Rocco, 1988 (Ed.or. 1983).

\_\_\_\_\_. *A psicologia e o dilema humano*. Petropolis: Vozes, 2000.

MESSIAS, J. *Psicoterapia centrada na pessoa e o conceito de experiencição*. 2001. 147f. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2001.

\_\_\_\_\_; CURY, V. *Psicoterapia centrada na pessoa e o impacto do conceito de experiencição*. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v.19, n.3. 2006. p. 355-361.

\_\_\_\_\_. *O plural em foco: um estudo sobre a experiencição grupal*. 2007. 266f. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2007.

MOREIRA, V. *De Carl Rogers a Merleau-Ponty: a pessoa mundana em psicoterapia*. São Paulo: Annablume, 2007.

\_\_\_\_\_. *A gestalt-terapia e a abordagem centrada na pessoa são enfoques fenomenológicos?* *Revista da abordagem gestaltica*. Goiania, v. XV, n. 1, jan./jun. 2009a.

\_\_\_\_\_. *Clínica humanista fenomenológica: estudos em psicoterapia e psicopatologia crítica*. São Paulo: Annablume, 2009b.

PENNA, A. G. *História das idéias psicológicas*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

\_\_\_\_\_. *Repensando a psicologia*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

PERLS, F. *Gestalt-terapia explicada*. São Paulo: Summus, 1977.

PIAGET, J. *Psicologia e epistemologia*. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária LTDA, 1978.

\_\_\_\_\_. *Lógica e conhecimento científico*. Porto: Livraria Civilização Editora, 1980.

\_\_\_\_\_. *Psicogênese e história das ciências*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1987.

PRIGOGINE, I. *O fim das certezas: tempo, caos e leis da natureza*. São Paulo: Editora UNESP, 1996.

RANK, O. *Verdade e realidade*. Rio de Janeiro: Marisa Editora, 1934.

RIBEIRO, J. *Gestalt-terapia: refazendo um caminho*. São Paulo: Summus, 1985.

ROGERS, C.R. *Psychotherapy and personality change*. Chicago: University of Chicago Press, 1969 (Ed.or.1954).

\_\_\_\_\_. Algumas reflexões referentes aos pressupostos atuais das ciências do comportamento. In: \_\_\_\_\_; COULSON, W. *O homem e a ciência do homem*. Belo Horizonte: Interlivros, 1973 (Ed.or. 1968). p. 55-70.

\_\_\_\_\_. Duas tendências divergentes. In MAY, R. (Org.) *Psicologia existencial*. Porto Alegre: Editora Globo, 1974. p. 97-106.

\_\_\_\_\_. *Liberdade para aprender*. Belo Horizonte: Inter Livros, 1975a (Ed.or.1969).

\_\_\_\_\_. Uma visão moderna do processo de valores. In: ROGERS, C.R. *Liberdade para aprender*. São Paulo: Martins Fontes, 1975b (Ed. or. 1969). p. 223-242.

\_\_\_\_\_. Teoria e pesquisa. In: \_\_\_\_\_; KINGET, M. *Psicoterapia e relações humanas: teoria e prática da terapia não-diretiva*. 1v. 2 ed. Belo Horizonte: Interlivros, 1977a (Ed.or.1959[1962]). p. 143-282.

\_\_\_\_\_. Em busca de uma moderna perspectiva de valores: o processo valorizador da pessoa madura. In: \_\_\_\_\_ et al. *De pessoa para pessoa: o problema de ser humano*. 2 ed. São Paulo: Pioneira, 1977b (Ed.or.1967). p. 13-32.

\_\_\_\_\_. (Org.). *De pessoa para pessoa: o problema de ser humano*. São Paulo: Pioneira Editora, 1977c (Ed.or.1967).

\_\_\_\_\_. *Novas formas de amor: o casamento e suas alternativas*. Rio de Janeiro: Olympio, 1977d (Ed. or. 1972).

\_\_\_\_\_. *A pessoa como centro*. São Paulo: EPU, 1977e.

\_\_\_\_\_. Uma maneira negligenciada de ser: a maneira empática. In: \_\_\_\_\_; ROSENBERG, R. *A pessoa como centro*. São Paulo: EPU, 1977f. p. 69-89.

\_\_\_\_\_. Alguns novos desafios. In: \_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. *A pessoa como centro*. São Paulo: EPU, 1977g. p. 165-183.

\_\_\_\_\_. *O tratamento clínico da criança problema*. São Paulo: Martins Fontes, 1978a (Ed.or.1939).

\_\_\_\_\_. The Formative Tendency. *Journal of Humanistic Psychology*, 18(23), p. 23-26, 1978b.

\_\_\_\_\_. Os fundamentos de uma abordagem centrada na pessoa. In: \_\_\_\_\_. *Um jeito de ser*. São Paulo: EPU, 1983a. p. 37-51.

\_\_\_\_\_. Um novo mundo – uma nova pessoa. In: \_\_\_\_\_; WOOD, J; O’HARA, M; FONSECA, A. *Em busca de vida: da terapia centrada no cliente à abordagem centrada na pessoa*. São Paulo: Summus, 1983b. p. 09-20.

\_\_\_\_\_. A formação de comunidades centrada na pessoa: implicações para o futuro. In: \_\_\_\_\_. *Um jeito de ser*. São Paulo: EPU, 1983c. p. 52-68.

\_\_\_\_\_. *Liberdade de aprender em nossa década*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985 (Ed. or. 1983).

\_\_\_\_\_. Toward a more human science of the person. In: KIRSCHENBAUM, H. *The Carl Rogers reader*. New York: Houghton Mifflin Company, 1989.

\_\_\_\_\_. *Terapia centrada no cliente*. São Paulo: Martins Fontes, 1992 (Ed.or.1951).

\_\_\_\_\_. *Tornar-se pessoa*. São Paulo: Martins Fontes, 1997 (Ed. or. 1961).

\_\_\_\_\_. *Sobre o poder pessoal*. São Paulo: Martins Fontes, 2001 (Ed.or.1977).

\_\_\_\_\_. *Grupos de encontro*. São Paulo: Martins Fontes, 2002 (Ed.or.1970).

\_\_\_\_\_. A essência da psicoterapia: os momentos de movimento. In: SANTOS, A; BOWEN, M; \_\_\_\_\_. *Quando fala o coração: a essência da psicoterapia centrada na pessoa*. São Paulo: Vetor, 2004a. p. 15-23.

\_\_\_\_\_. Abordagem centrada no cliente ou abordagem centrada na pessoa. In: SANTOS, A; BOWEN, M; \_\_\_\_\_. *Quando fala o coração: a essência da psicoterapia centrada na pessoa*. São Paulo: Vetor, 2004b. p. 85-110.

\_\_\_\_\_. *Psicoterapia e consulta psicológica*. São Paulo: Martins Fontes, 2005 (Ed.or.1942).

\_\_\_\_\_. R. As condições necessárias e suficientes para mudança terapêutica na personalidade. In: WOOD, J (Org.). *Abordagem centrada na pessoa*. 4 ed. Vitória: EDUFES, 2008a (Ed.or.1957). p. 143-162.

\_\_\_\_\_. Conceito de pessoa em funcionamento pleno. In: WOOD, J (Org.). *Abordagem centrada na pessoa*. 4 ed.Vitoria: EDUFES, 2008b (Ed.or.1952[1963]). p. 71-92.

ROSZNAK, T. Para uma contracultura. Lisboa: Dom Quixote. (s.d).

SAIANI, C. *O valor do conhecimento tácito: a epistemologia de Michel Polanyi na escola*. São Paulo: Escrituras Editora, 2004.

SALES, Y. Uma jornada do que se é: contornos experienciais de tendência formativa. In: CAVALCANTE Jr., F.S; SOUSA, A (Org.). *Humanismo de funcionamento pleno: tendência formativa na Abordagem Centrada na Pessoa – ACP*. Campinas: Alínea, 2008. p. 345-376.

\_\_\_\_\_. *Incursões metodológicas em pesquisa de tendência formativa na experiência de psicoterapeutas centrados na pessoa: na vanguarda do que Carl Rogers concebeu*. 2010. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade de Fortaleza, Ceará, Brasil, 2010.

SCHULTZ, D; SCHULTZ, S. *História da psicologia moderna*. São Paulo: Thomsom, 2007.

SHEEFFER, R. *Teorias de aconselhamento*. São Paulo: Altas, 1986.

SOUSA, A. Auto-regulação, tendência atualizante e tendência formativa. In: CAVALCANTE Jr., F.S; SOUSA, A (Org.). *Humanismo de funcionamento pleno: tendência formativa na Abordagem Centrada na Pessoa – ACP*. Campinas: Alínea, 2008. p. 97-116.

\_\_\_\_\_; OLIVEIRA, H; SALES, Y; CASTELO BRANCO, P. Caleidoscópio para os rastros da tendência formativa: parametrização da experiência na ciência e na filosofia. In: BACELLAR, A (Org.). *A psicologia humanista na prática: reflexões sobre a abordagem centrada na pessoa*. Palhoça: Ed. Unisul, 2009. p. 17-46.

\_\_\_\_\_. *Felicidade Pública Genuína: cidade como concepção de organismo coletivo na Tendência Formativa de Carl Rogers*. 2010. Dissertação (Mestrado e Relação de Ajuda) - Universidade Autônoma de Lisboa, Lisboa, 2010.

TAMBARA, N; FREIRE, E. *Terapia centrada no cliente: teoria e prática: um caminho sem volta...* Porto Alegre: Ed. Delphos, 2007.

VASCONCELOS, T.P. *A atitude clínica no plantão psicológico: composição da fotografia experimental do terapeuta-sherpa*. 2009. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade de Fortaleza, Fortaleza, 2009.

WAAL, C. *Sobre pragmatismo*. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

WOOD, J (Org.). *Abordagem Centrada na Pessoa*. 4.ed. Vitória: EDUFES, 2008a.

\_\_\_\_\_. *Carl Rogers' Person-Centered Approach: Toward an understanding of its implications*. Herefordshire, UK: PCCS Books, 2008b.

## APÊNDICE A

### Lista de estudos teóricos vinculados ao pensamento de Rogers.

<b>Estudos (Total)</b>	<b>Autores</b>
Trataram do organismo, mas não como foco principal de discussão (6)	Sousa (2008), Marques-Teixeira (2008), Sousa e Simeão (2009), Cavalcante Jr. (2008), Kriz (2008), Ellingham (2001).
Incursão epistemológica em Rogers (4)	Sousa, Oliveira, Sales e Castelo Branco (2009), Castelo Branco, Cavalcante Jr. e Oliveira (2008), Bezerra (2007), Moreira (2009).
Tratam de organismo e epistemologia (1)	Castelo Branco (2008).
Investigação das fases de Rogers (7)	Tambara e Freire (2007), Wood (2008a; 2008b), Hart (1970), Cury (1987), Freire (1988), Belém (2000).
Aprofundam outras noções rogerianas (8)	Messias (2001), Messias e Cury (2006), Moreira (2007), Leitão (1984), Holanda (1998), Boainain Jr. (1998), Santos (2004) e Ellingham (2006).
Propõe uma reconfiguração do pensamento de Rogers (2)	Cornelius-White (2008), Fonseca (2007).
Leitura ética de Rogers (2)	Vieira & Freire (2006), Freire (1989).
<b>Distribuição Total de Estudos</b>	<b>30</b>

## APÊNDICE B

### Lista das referências dos estudos teóricos consultados

1. BELÉM, D. *Carl Rogers: do diagnóstico à abordagem centrada na pessoa*. Recife: Bagaço, 2000.
2. BEZERRA, M.E.S. *Um estudo crítico das psicoterapias fenomenológico – existenciais: Terapia centrada na pessoa e Gestalt-terapia*. 2007. Dissertação (Mestrado) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Pará, Belém, 2007.
3. BOAINAIN JR., E. *Tornar-se transpessoal: transcendência e espiritualidade na obra de Carl Rogers*. São Paulo: Summus, 1998.
4. CASTELO BRANCO, P.C. Organismo: tendência atualizante e tendência formativa no fluxo da Vida. In: CAVALCANTE Jr., F.S.; SOUSA, A.F. *Humanismo de funcionamento Pleno: Tendência Formativa na Abordagem Centrada na Pessoa – ACP*. Campinas: Alínea, 2008. p. 65-96.
5. CASTELO BRANCO, P.C; CAVALCANTE Jr., F.S; OLIVEIRA, H.T. Da experiência à experiencição no pragmatismo em Rogers: implicações para a tendência formativa da ACP. In: CAVALCANTE Jr., F.S.; SOUSA, A.F. *Humanismo de funcionamento Pleno: Tendência Formativa na Abordagem Centrada na Pessoa – ACP*. Campinas: Alínea, 2008. p. 117-144.
6. CAVALCANTE Jr., F.S. Psicologia Humanista Experiencial. In: CAVALCANTE Jr., F.S; SOUSA, A (Org.). *Humanismo de funcionamento pleno: tendência formativa na Abordagem Centrada na Pessoa – ACP*. Campinas: Alínea, 2008. p. 21-44.
7. CORNELIUS-WHITE, J. Reexamination of Rogers' (1959) collection of theories on the person-centered approach. *Journal of PCEP*, UK, v.7, n.3, Autumn. 2008.
8. CURY, V. *Psicoterapia centrada na pessoa: evolução das formulações sobre a relação terapeuta-cliente*. 1987. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1987.
9. ELLINGHAM, I. Carl Rogers' 'Congruence' as an organismic, not a Freudian, concept. In: WYATT, G. *Rogers' therapeutic conditions: evolution, theory and practice*. Glasgow,UK: PCCS Books, 2001. p. 96-115.

10. ELLINGHAM, I. Toward a rogerian theory of mysticism. In: MOORE, J; PURTON, C (Eds.). *Spirituality and counseling*. Hertfordshire: PCCS Books, 2006.
11. FONSECA, A. *Carl Rogers: sobre o seu paradigma fenomenológico existencial em psicologia e psicoterapia*. Maceió: Livro Rápido, 2007.
12. FREIRE, J. C. *A ética da psicologia centrada na pessoa em Carl Rogers*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 1989.
13. FREIRE, José Célio. Retrospectiva crítica da obra de Carl Rogers. *Revista de Psicologia*, Fortaleza, v.6, n.1, jan./jun. 1988.
14. HART, J. The development of client centered therapy. In: HART, J; TOMLINSON, T. *New directions of client centered therapy*. Boston: Houghton Mifflin Company, 1970.
15. HOLANDA, A. *Diálogo e psicoterapia: correlações entre Carl Rogers e Martin Buber*. São Paulo: Lemos, 1998.
16. KRIZ, J. *Person-centred approach and systems theory*. Herefordshire, UK: PCCS Books, 2008.
17. LEITÃO, V. M. *Limites da abordagem centrada na pessoa*. 1984. 99f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 1984.
18. MARQUES-TEIXEIRA, J. Tendência formativa e tendência actualizante: reflexões à luz da teoria do caos e da complexidade II. *Saúde mental*, Lisboa, v.X, n.3, 2008. Disponível em <<http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/6838/2/Tend%20formativa%20e%20tend%20actualizante%20reflex%20b5es%20a0%20luz%20das%20teorias%20do%20caos%20e%20da%20complexidade%20II.pdf>>. Acesso em: 22 dez. 2009.
19. MESSIAS, J. *Psicoterapia centrada na pessoa e o conceito de experiência*. 2001. 147f. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, São Paulo, 2001.
20. MESSIAS, J. C.; CURY, V. Psicoterapia centrada na pessoa e o impacto do conceito de experiência. *Psicol.Reflex.Crit.* Porto Alegre, v. 19, n. 3, 2006. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-79722006000300003&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722006000300003&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 30 nov. 2009.
21. MOREIRA, V. *De Carl Rogers a Merleau-Ponty: a pessoa mundana em psicoterapia*. São Paulo: Annablume, 2007.

22. MOREIRA, V. A gestalt-terapia e a abordagem centrada na pessoa são enfoques fenomenológicos? *Revista da abordagem gestaltica*. Goiania, v. XV, n. 1, jan./jun. 2009.
23. SANTOS, A. M. *Momentos milagrosos: a natureza da força da mente nos relacionamentos e na psicoterapia*. São Paulo: VETOR, 2004.
24. SIMEÃO, M; SOUSA, A. Psicologia do trabalho numa perspectiva organísmica: inovações na condução e na avaliação do assessment. In: BACELLAR, A (Org.). *A psicologia humanista na prática: reflexões sobre a abordagem centrada na pessoa*. Palhoça: Ed. Unisul, 2009. p. 69-91.
25. SOUSA, A. Auto-regulação, tendência atualizante e tendência formativa. In: CAVALCANTE Jr., F.S; SOUSA, A (Org.). *Humanismo de funcionamento pleno: tendência formativa na Abordagem Centrada na Pessoa – ACP*. Campinas: Alínea, 2008. p. 97-116.
26. SOUSA, A; OLIVEIRA, H; SALES, Y; CASTELO-BRANCO, P. Caleidoscópio para os rastros da tendência formativa: parametrização da experiência na ciência e na filosofia. In: BACELLAR, A (Org.). *A psicologia humanista na prática: reflexões sobre a abordagem centrada na pessoa*. Palhoça: Ed. Unisul, 2009. p. 17-46.
27. TAMBARA, N; FREIRE, E. *Terapia centrada no cliente: teoria e prática: um caminho sem volta...* Porto Alegre: Ed. Delphos, 2007.
28. VIEIRA, E; FREIRE, J. C. Alteridade e psicologia humanista: uma leitura ética da abordagem centrada na pessoa. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v.23, n. 4, out./dez. 2006.
29. WOOD, J (Org.). *Abordagem Centrada na Pessoa*. 4.ed. Vitoria, EDUFES, 2008a.
30. WOOD, J. *Carl Rogers' Person-Centered Approach: Toward an understanding of its implications*. Herefordshire, UK: PCCS Books, 2008b.

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)